

SILMARA LAMOUNIER PIMENTA

**TV GLOBO EM POMPANO BEACH, FLÓRIDA,
E SEUS EFEITOS NA POPULAÇÃO IMIGRANTE**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Mercado à Comissão Julgadora da Fundação Cásper Líbero, de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Bernardo Issler.

Fundação Cásper Líbero

São Paulo - 2005

Fundação Cásper Líbero

Agradecimentos,

Especialmente ao orientador Dr. Bernardo Issler pelo acompanhamento na execução deste trabalho;

Aos Drs. Cassio Rodrigues e Cláudio Coelho pela gentileza em participar desta Banca e pelas inúmeras contribuições durante a qualificação;

Às amigas e companheiras de Pompano Beach, Carla Santos, Minouche Martins e Sinalva DeMirza pelo apoio e ajuda prática nas pesquisas;

Aos amigos Suely Alves, Vander Castro, Jaime Patias e Márcio Camacho pelas palavras de apoio na hora do cansaço e ao Rubens Ramos pela atenção e dedicação nesses longos meses.

São Paulo
2005

Fundação Cásper Líbero

Dedicatória

Aos entrevistados por dividirem comigo suas histórias, possibilitando que este trabalho fosse desenvolvido com paixão.

São Paulo
2005

Sumário:

Primeira parte:

1. Introdução	8
2. Pompano Beach: contexto do novo lar	10
3. O grande cenário: perfil do brasileiro entrevistado em Pompano Beach	17
4. Símbolos e comportamento que identificam o brasileiro	30
5. Migração: escolhas e renúncias	44
6. O sofrimento e as dificuldades na travessia	59
7. Migração Internacional e melhor qualidade de vida: utopia ou realidade?..	69

Segunda parte:

8. TV Globo: A construção do império	79
9. Crianças e jovens: visão da aldeia global	107
10. Considerações finais	129
11. Bibliografia	132
12. Anexos	136

Resumo

O enfoque deste trabalho são pontos concernentes entre um fenômeno bastante recente: a emigração brasileira para os Estados Unidos (propriamente para a cidade de Pompano Beach, Sul da Flórida, região com grande concentração de brasileiro emigrado) e a recepção das imagens provenientes da TV Globo Internacional. Também procurou-se compreender de que maneira o publico infanto-juvenil recebe as informações veiculadas através deste meio de comunicação de massa. O estudo foi baseado em pesquisas com emigrados adultos, assinantes da Rede Globo Internacional, jovens e crianças residentes em Pompano Beach.

Palavras-chave: televisão, mídia eletrônica , efeitos dos meios de comunicação, recepção, imigração/emigração.

Introdução

A questão da emigração brasileira tem ocupado espaço significativo nos principais veículos de comunicação do país, transformando-se em pauta pública aproximadamente 20 anos depois de ter sido intensificado o fluxo migratório para países como Estados Unidos, Japão, Inglaterra e Portugal.

Vários aspectos fizeram com que o tema ganhasse relevância na mídia. Entre eles, o volume de dinheiro enviado ao Brasil proveniente do trabalho dos emigrados – esses recursos tornaram-se fundamentais na economia de algumas cidades, como Governador Valadares (MG) onde cerca de 10% da população encontra-se longe do país.

Outro assunto constantemente abordado pela mídia diz respeito ao compatriota que busca nos Estados Unidos seu país destino. Nos últimos meses, o número de brasileiros mortos na tentativa de cruzarem a fronteira com o México, presos ou deportados aumentou assustadoramente, conforme veremos neste trabalho. Depois que a vida desses personagens anônimos, sem nenhuma tradição de deslocamento, passou a ocupar espaço na mídia, o Congresso Nacional criou a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração (CPI da Emigração Ilegal) para acompanhar de perto a situação dos expatriados em situação irregular.

A CPI da Emigração apura crimes cometidos com a travessia ilegal e busca promover o resgate dos direitos dos brasileiros no exterior. Além disso, conta com o apoio da Polícia Federal e do Federal Bureau of Investigation (FBI) na identificação de quadrilhas especializadas em traficar seres humanos, compostas pelos chamados “coiotes”.

Emigram pessoas sozinhas ou acompanhadas da família que cheios de coragem partem à procura de um local repleto de supostas realizações pessoais. Fora do Brasil, trabalham como podem. São garçons, faxineiras, pintores, mecânicos, cozinheiros, motoristas, babás, ou que é ainda pior, exercem uma profissão durante o dia e outra à noite, subtraindo do lazer e do descanso as horas investidas na segunda atividade.

As empresas perceberam essa movimentação e o potencial consumidor formado além-mar, levando para esse contingente uma série de produtos de origem brasileira (leite condensado, farinha de mandioca, panela-de-barro, Nescau,

cosméticos Avon, peças íntimas, entre outros), criando-se assim a ilusão de que há um pedacinho do Brasil em solos estrangeiros.

A mídia não ficou de fora e, principalmente a escrita, foi conquistando seu espaço nos locais onde há grande concentração de brasileiros. Recentemente a audiovisual, através da Rede Globo e da Rede Record, instalaram-se nesses locais, levando entretenimento e informação aos compatriotas longe de casa.

Assim, o alvo deste estudo é exatamente o registro do modo de vida do brasileiro emigrado para os Estados Unidos e como esse contingente recebe as informações e imagens da TV Globo Internacional em seu lar. A amostra da pesquisa foi colhida na cidade de Pompano Beach, sul da Flórida.

Na tentativa de compreender os motivos que fazem o brasileiro trocar de país, buscamos dividir este trabalho em duas etapas. A primeira aborda questões sobre Pompano Beach, perfil dos entrevistados, o êxodo de brasileiros para países ricos nas últimas décadas, o encantamento da chegada, o comportamento em terras estrangeiras, identidade, adaptação aos novos costumes, ambições, sonhos, desejos e aspirações.

Na segunda parte, o trabalho aborda a introdução da TV no Brasil, a história da TV Globo, maior conglomerado de mídia brasileiro, a instalação da emissora no mercado internacional, a programação destinada aos compatriotas fora de casa, o impacto que a recepção causa nos emigrados e a percepção das crianças e adolescentes diante das imagens apresentadas pela gigante das telecomunicações.

Pompano Beach: contexto do novo lar

Este estudo circunscreve-se à pesquisa realizada com brasileiros emigrados residentes na cidade norte-americana de Pompano Beach. O município localiza-se no sul da Flórida, ao norte de Miami, e integra o Broward County - Condado de Broward¹, conforme mapa de localização no anexo 1.

A Flórida é o 22º maior estado norte-americano, possuindo uma área territorial de 170.451 km², pouco maior que o Acre com 152.581 km². É o quarto estado mais populoso dos Estados Unidos. O Censo de 2000 contabilizou cerca de 16 milhões de habitantes, dos quais 1,6 milhão reside em Broward. A região chama atenção das autoridades por ser uma das que mais cresce (vide figura 1) comprometendo a infraestrutura pública. Segundo dados deste Censo, 750 novas pessoas chegam ao estado diariamente.

População Residente na Flórida de 1860 até 2000²

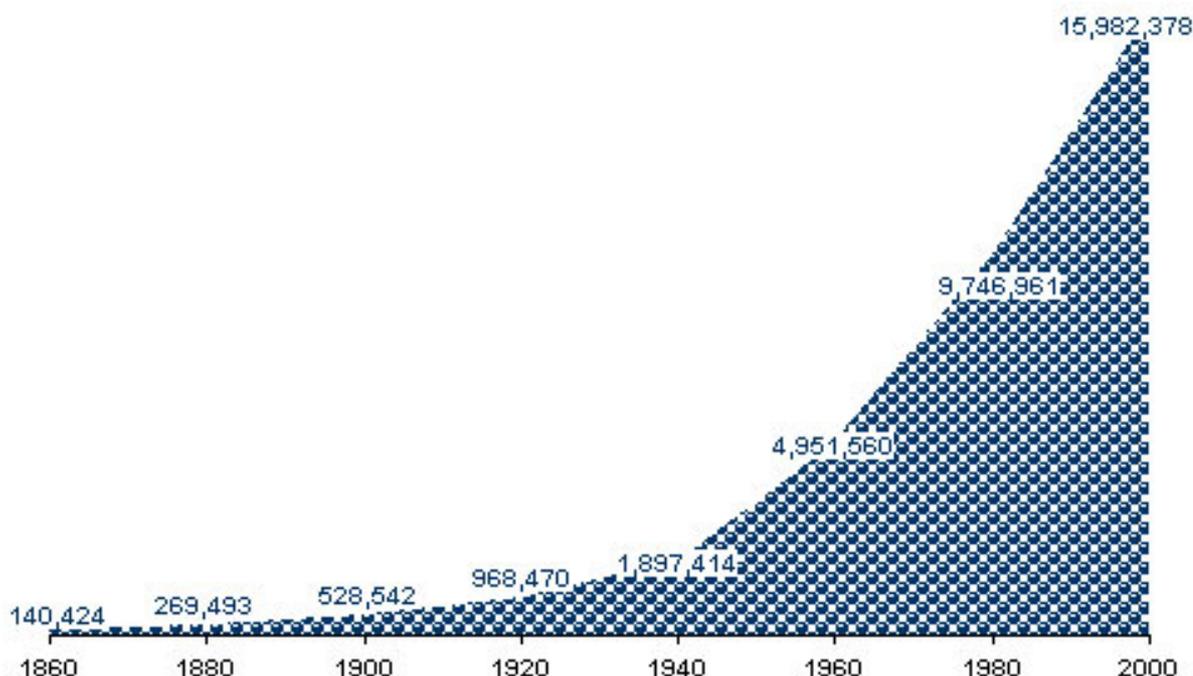


Figura 1

¹ Condado é formado pelo agrupamento de vilas e cidades, sendo que cada uma elege um representante para compor a Comissão do Condado. Essas subdivisões têm o direito de aprovar leis de efeito local, como assuntos relacionados ao trânsito, venda de bebidas alcoólicas, criação de áreas de lazer e cobrança de impostos. No entanto, o prefeito é a autoridade máxima nas cidades

² SOURCE: U.S. Bureau of the Census

Os brasileiros têm contribuído para o crescimento deste quadro. Dos aproximadamente 2,5 milhões³ de brasileiros vivendo fora do País, pelo menos, um milhão está nos Estados Unidos. De acordo com a embaixada em Washington 300 mil estão em Nova Iorque, 200 mil vivem na Flórida e 150 mil residem em Boston, os demais estão espalhados em várias regiões.

Apenas em Broward County, já são cerca de 44 mil brasileiros. Porém, para o consulado do Brasil em Miami, o número pode ser ainda maior, pois muitos compatriotas não revelam sua origem com medo de perseguição ou represália, principalmente após os ataques terroristas de 11 de setembro, ocorridos em Nova Iorque. Embora o governo não assuma a perseguição, os residentes dizem não se tratar de paranóia e afirmam que o país vive uma verdadeira caça aos imigrantes, especialmente os indocumentados⁴.

Classes sociais

Os brasileiros que moram na Flórida dividem-se em três níveis socioeconômicos: os milionários residem em Miami e formam parte da elite local; o segundo grupo é composto por brasileiros da classe média que deixaram o Brasil durante os anos 80, a chamada “Década Perdida”, e conquistaram certo conforto na região. Trata-se de comerciantes, pequenos empresários e executivos de multinacionais, distribuídos em Fort Lauderdale, Miami e Orlando. Por último, encontram-se os trabalhadores braçais que vivem com grande esforço, dividindo a remuneração entre a residência americana e a família deixada no Brasil.

Este é o grupo que compõe o universo desta pesquisa, sendo que os entrevistados residem em Pompano Beach, onde os valores de locação de imóveis são consideravelmente mais baixos em relação a outras cidades circunvizinhas.

Para a comunidade brasileira, Pompano Beach é considerada cidade dormitório, pois a maioria dos brasileiros que moram lá trabalha nas imediações, como Miami, Hollywood, Fort Lauderdale, Coral Spring, Gables, Boca Raton e Del

³ Os números foram divulgados pelo Ministério das Relações Exteriores em junho de 2004. É o maior já registrado na história nacional. Nessa contabilidade entraram, pela primeira vez, tanto os expatriados legais quanto os ilegais

⁴ São chamados indocumentados, clandestinos, ilegais ou trabalhadores irregulares os emigrados que não possuem autorização para permanecer no país destino

Rey. Nessas cidades há maior concentração de renda, tornando o mercado de trabalho bem mais atrativo.

Broward tornou-se tão importante como ponto de concentração de brasileiros, que o Consulado de Miami resolveu abrir um posto avançado de atendimento ao público local. A repartição foi instalada numa igreja Batista, em Pompano Beach, e semanalmente recebe a visita do vice-cônsul de Miami.

Inserção na Comunidade

O caminho para novos brasileiros foi aberto por amigos e familiares que chegaram antes, principalmente em meados da década de 80 e começo dos anos 90. Porém, embora exista uma ajuda mútua, esse compatriotismo não chega a compor uma comunidade forte e definida. É comum ouvir dos entrevistados que na Flórida existem outras comunidades, como a cubana, colombiana, italiana, mas não uma brasileira. Eles consideram que há muita desunião e isso dificulta o convívio, inclusive na luta pelos direitos dos próprios imigrantes.

Também é comum ouvir frases do tipo: “a comunidade é egoísta, decepcionante e falsa”. Se de um lado não existe a chamada comunidade, do outro há uma união forçada pela língua comum. Quase a totalidade dos imigrantes acabou se misturando apenas com outros brasileiros por apresentarem dificuldades com a língua inglesa, o que os coloca ainda mais distantes do estilo de vida norte-americano.

Em mais uma tentativa de unir os brasileiros de maneira organizada, foi fundada, em Pompano Beach, em 21 de abril 2005, a Brausa (The Brazilian Association of USA)⁵, uma Entidade sem fins lucrativos que tem entre seus objetivos ganhar representatividade junto à nação americana. Outras idéias similares acabaram falidas, mas se depender da mídia, a Brausa já está à frente das derrotadas do passado. A Rede Record Internacional se comprometeu a trabalhar apoiando a Associação, isso significa dar visibilidade às ações engendradas pelo órgão.

Na inauguração, diversos dados foram lembrados nos discursos dos fundadores, sendo os mais instigantes os pronunciados pelo Pastor Leidimar Lopes,

⁵ 571 E Sample Rd, Pompano Beach, FL 33064, (954) 784-5042 - e-mail info@brausa.com. website: www.brausa.org

presidente da Brausa, fundador da Associação de Pastores Brasileiros e há 19 anos nos Estados Unidos.

*“As estatísticas apontam que até o ano 2050 os EUA passarão por uma revolução demográfica e cultural muito grande, onde os brancos serão apenas mais um grupo minoritário neste país, e os grupos hispânicos cerca de 30% da população. Anualmente chegam ao país cerca de 1,5 milhão de novos hispânicos, legal ou ilegalmente, juntando-se ao número de novos nascimentos no meio desta comunidade. Não se sabe ao certo, mas as estatísticas mostram que até o ano 2010 a comunidade brasileira será o segundo grupo minoritário no condado de Miami-Dade e talvez o maior grupo minoritário de Broward”*⁶

O destaque na cidade de Pompano Beach é o número de pontos comerciais voltados ao público brasileiro. Na última década, os indivíduos viram abrir diversos grandes e pequenos empreendimentos com as cores da bandeira nacional. A maioria encontra-se ao longo da Federal Highway, uma espécie de principal avenida que liga diversos bairros.

Entre os empreendimentos destacam-se os restaurantes Tropicana e Churrasco Gaúcho, pontos de encontro não só dos membros da comunidade, mas também de hispânicos e americanos, apreciadores da diversidade da cozinha brasileira. Por conta da variedade do público, os funcionários são de várias nacionalidades, contemplando todos os fregueses.

Lojas de carros, como a Autobrás e Minas Car, também estão na Federal Highway, assim como diversos escritórios contábeis, salões de beleza e pequenos comércios, vendendo de tudo um pouco, desde cartões telefônicos, perfumes Avon, polvilho, coxinhas de frango, até pastéis fritos na hora. Embora exista grande mescla de pontos comerciais e produtos, essa avenida não chega a ter a representatividade da rua 46, em Nova Iorque, conhecida e batizada como a rua dos brasileiros. Há um movimento para que a rua 10, em Deerfield Beach, bairro vizinho ao de Pompano e pertencente ao Condado de Broward, seja eleita a rua dos brasileiros.

Enquanto os administradores locais estudam as propostas, pode se dizer que se há um local conhecido nos arredores como ponto desses imigrantes, esse espaço

⁶ TOZZI, A, Brausa: Associação de Brasileiros nos EUA, In: www.acheiusa.com

é a praia de Deerfield Beach. Chamada de “Praia dos Brasileiros”, aos domingos é fácil reconhecer diversos jovens jogando vôlei, futebol, cartas e/ou bebendo cerveja – num verdadeiro desafio às autoridades, pois a lei não permite a exposição pública de bebida alcóolica. Para fugir do flagrante, a prática comum é depositar o líquido em embalagens mais discretas, como copos próprios ou garrafas de refrigerantes.

Serviços públicos

Os atentados de 11 de setembro sinalizaram problemas aos brasileiros quanto a utilização dos serviços públicos. Até pouco tempo atrás, era uma prática bastante comum o indocumentado utilizar-se de serviços gratuitos, como escolas, hospitais, creches e outros. No entanto, como o cerco ao imigrante parece estar se fechando, correm boatos pela comunidade de que esses serviços se transformaram em verdadeiros postos de coletas de informação do *status* migratório do indivíduo que busca por atendimento.

Outros serviços destinados à população de baixa renda, como tratamentos dentários, cursos de inglês e profissionalizantes, serviços sociais e auxílio maternidade passaram a exigir comprovação do *status* migratório da população. Quem não consegue provar que está regularizando a documentação ou que a possui, acaba ficando sem o atendimento necessário ou busca solução na iniciativa privada.

A exceção em relação aos serviços públicos fica por conta do atendimento às parturientes. Próximo a Pompano Beach, o Jackson Memorial Hospital, localizado em Miami, é o que mais recebe mulheres nessas condições. As brasileiras preferem dirigir-se até essa instituição porque segundo comenta-se na comunidade é o local de menor risco de perseguição ao indocumentado. As mulheres são encaminhadas aos processos habituais sem questionamentos.

Desde o ataque ao World Trade Center parte das represálias foi sentida imediatamente, como a emissão da carteira de habilitação. Outras, exemplo das citadas acima, vêm sendo implantadas ao longo do tempo.

A Flórida, que no passado recebia migrantes de vários estados interessados na facilidade da emissão da carteira de habilitação, é hoje uma das regiões que mais comprovações exige do condutor. O documento só pode ser emitido ou revalidado mediante a apresentação de documentos que provem ser o requerente um imigrante

legal ou com processo em tramitação. O rigor da aplicação dessa medida varia de um condado para o outro, mas não é suave em nenhum deles.

A medida tomada pelo governo atingiu muitos brasileiros que antes estavam em dia com suas habilitações. A situação promoveu um reagrupamento dos indocumentados, que evitam usar seus carros em longas distâncias, mas se arriscam dirigindo nas imediações. Alguns disseram só trabalhar com compatriotas que têm documentos oficiais, pois assim sentem-se mais protegidos. Tal situação causa uma dependência ainda maior de brasileiro por brasileiro, principalmente para os recém-chegados, muitas vezes explorados pelos compatriotas.

Outra informação que preocupa as autoridades brasileiras é a de que já se formou um comércio de falsificação da carteira de habilitação internacional. Familiares estariam enviando, do Brasil, o documento para os imigrantes ilegais. A notícia comprova o estigma nacional de que brasileiros sempre encontram um “jeitinho” para tudo.

Porém, não são apenas os brasileiros que estariam buscando soluções para o problema da *drive's licenses* (carteira de motorista). Em abril, 52 pessoas foram presas depois de descoberto um esquema de venda de habilitação falsa. Entre os facilitadores estavam três examinadores, dois de Broward Conty e um de Miami⁷.

Tanta preocupação dos brasileiros em não utilizar os serviços públicos pode ser um exagero. Até o momento, o Departamento de Justiça norte-americano tem se esforçado para garantir aos indocumentados que não há ligação entre os órgãos públicos (hospitais, polícia, creches, serviço de emissão de habilitação) e o departamento de imigração.

Por outro lado, existe uma batalha travada entre políticos que tentam aprovar leis que obriguem órgãos públicos a denunciar residentes indocumentados. Até o início deste ano, nenhum desses projetos havia sido aprovado. O procedimento, no entanto, dos órgãos públicos, continua sendo o mesmo: recusar quem procura por atendimento, sem maiores explicações.

Imposto: estratégia da fidelidade

Até 1999, era comum o brasileiro residente em Broward aconselhar os recém-chegados a pagar imposto, mesmo sendo indocumentados. Para o emigrado, essa

⁷ FBI prende agentes do DMV em Broward, 28/04/2005. In: www.tiosam.com

seria a melhor forma de provar ao governo o interesse em permanecer na região e o desejo de participar do estilo de vida norte-americano. Atualmente esse discurso perdeu a lógica, mediante a dificuldade que foi imposta para a utilização dos serviços públicos e também pelo fato do *Green Card* ter se transformado num documento bem mais transitório, se comparado ao passado recente.

Nas últimas eleições para presidente - disputada pelos candidatos George W. Bush e John Kerry - essa foi uma questão constantemente abordada. Ambos discursavam que para uma legalização em massa seria necessário que os indocumentados pagassem seus impostos desde sua chegada.

É difícil convencer os clandestinos de que precisam contribuir com o governo norte-americano. Primeiro porque para eles o país é muito rico e não precisa de sua colaboração. E, segundo, porque a maioria dos imigrantes não pensa em ficar. Estão lá como forma de sair de uma dificuldade financeira momentânea, transformando o retorno no ideal de consumo. Dessa forma, quanto mais economizarem mais rapidamente podem voltar ao Brasil.

De acordo com o Itamaraty⁸, aproximadamente 8 bilhões de dólares entram no Brasil todos os anos, sendo que menos da metade são registrados regularmente. O restante entra pelas mãos dos próprios trabalhadores, familiares ou amigos que viajam para trazer o valor sem pagamento de impostos ou taxas. Segundo o Itamaraty, 75% das remessas que chegam ao Brasil, são provenientes dos Estados Unidos.

⁸ Dados divulgados em 2004

O grande cenário: perfil do brasileiro entrevistado em Pompano Beach

A pesquisa realizada em Pompano Beach comportou um universo de 114 brasileiros, promovendo uma visão parcial de quem são e como vivem os compatriotas residentes nessa região. Embora nos últimos 20 anos diversos pesquisadores tenham se dedicado ao estudo da emigração brasileira, as estatísticas e os trabalhos sobre este contingente ainda precisam ser pesquisados e averiguados com mais atenção. A obtenção de dados concretos encontram pelo menos quatro barreiras:

- 1) os ilegais dificilmente participam das contagens;
- 2) a movimentação interna e externa raramente é informada aos órgãos de representação (setor de imigração, consulado, embaixadas ou associações), dificultando o acompanhamento desses brasileiros;
- 3) os Estados Unidos não obrigam órgãos públicos a divulgarem informações sobre estrangeiros, e,
- 4) os brasileiros aparecem nos formulários como latinos ou hispânicos diminuindo a correta contabilidade sobre os mesmos, ao mesmo tempo em que aumenta o contingente de outras nacionalidades.

Em Pompano Beach, por exemplo, não foram localizados estudos científicos referentes à população de brasileiros, nem mesmo as páginas disponíveis na Internet da administração local trazem informações sobre eles, embora, dados não oficiais dêem conta de que o comércio verde-amarelo já represente 20% de todo o comércio da cidade. ¹

Para Franklin Goza², demógrafo da Universidade Estadual de Bowling Green, Ohio, os brasileiros estão mais escolarizados, e uma boa parte já está bem mais qualificada, fazendo com que a linha da pobreza dos brasileiros seja inferior a apresentada entre as raças hispânicas e negras, por isso o aumento do número de

¹ O número foi divulgado durante evento da Associação Comercial em julho de 2004. Deerfield Beach e Lighthouse, divisas com Pompano Beach, fazem parte desses 20%, pois há certa dificuldade em se saber onde termina uma cidade e começa a outra

² Franklin Goza é especialista em imigração na América do Norte e apresentou estudos sobre brasileiros no 14º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, em Caxambu, MG, realizado em setembro de 2004

comércios destinados à comunidade, ou seja, a qualificação teria ajudado essas pessoas a ganharem dinheiro e, conseqüentemente, investi-lo em negócio próprio.

Além disso, o censo populacional dos Estados Unidos de 2000 aponta que o número de brasileiros vivendo nos Estados Unidos quintuplicou nos últimos 20 anos, justificando o incremento do comércio administrado por compatriotas. Franklin observou que a Flórida passou a ser o destino preferido dos novos migrantes brasileiros.³ Porém, nem sempre o Estado foi a primeira opção do emigrante, muitos buscavam inicialmente o norte do país, onde a mão-de-obra é melhor remunerada. Mas depois de conquistarem estabilidade financeira, mudavam-se para o ensolarado balneário.

Estatística

A amostragem realizada em Pompano Beach detectou que há equilíbrio no número de homens (55%) e mulheres (45%) emigrados nesta região, contrariando informações divulgadas até o início da década de 90, quando acreditava-se que a grande maioria era composta por homem. Situação semelhante foi encontrada pela antropóloga Maxine Margolis⁴ ao estudar os brasileiros em Nova Iorque (1994), e pelas sociólogas Ana Cristina Braga Martes⁵, pesquisadora dos brasileiros residentes em Massachusetts (2000), e Silvana Pirillo Ramos⁶, que estudou os imigrantes em Toronto (2003).

Faixa Etária

Em Pompano Beach, a maioria dos entrevistados tem entre 26 e 40 anos, conforme demonstra a figura 2, sendo seguidos por pessoas acima dos 41 anos. Embora a mídia nos últimos meses venha fazendo grande alarde sobre o aumento de jovens e adolescentes que partem para os Estados Unidos, fica claro no grupo pesquisado que as divulgações não condizem com a amostra.

³ Folha de São Paulo, 23/9/2004, cad Mundo, A12

⁴ MARGOLIS, M. Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City

⁵ MARTES, A.C.B. Brasileiros nos Estados Unidos: Um Estudo Sobre Imigrantes em Massachusetts

⁶ RAMOS, S.P. Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido

Faixa etária dos emigrados brasileiros em Pompano Beach

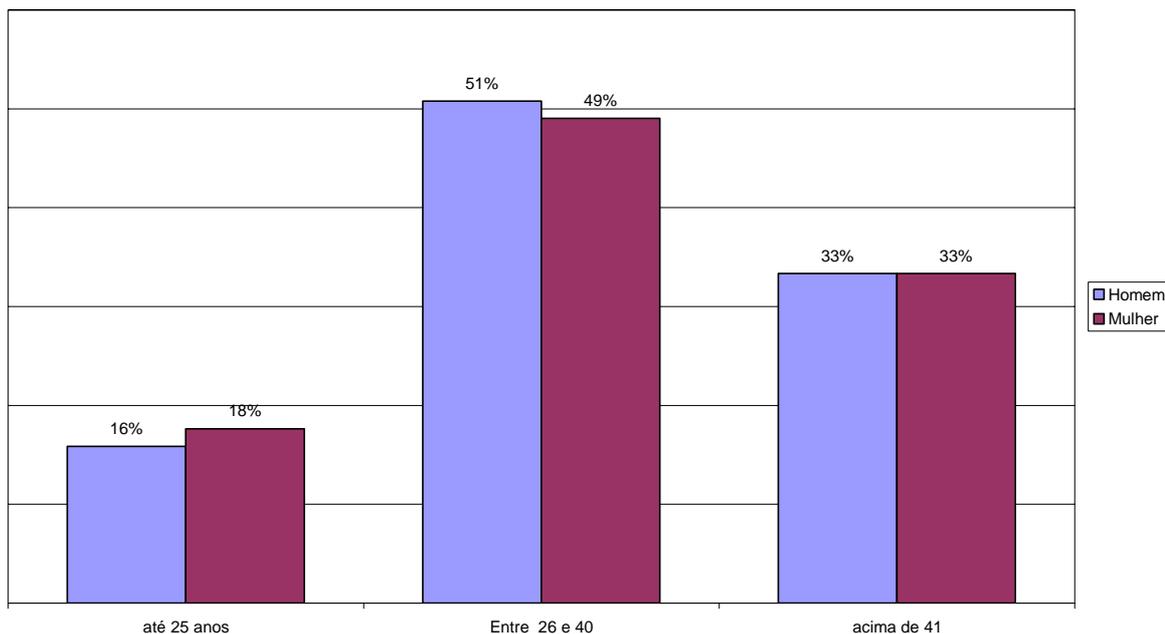


Figura 2

O que tem acontecido com clareza, no entanto, é a grande procura por passaportes, principalmente por jovens que recém completaram 18 anos. Essa acelerada busca pelo documento não significa que o requerente queira ir exatamente para os Estados Unidos, onde as dificuldades para obtenção do visto são cada vez maiores. São exigidos diversos documentos, entre eles papéis que comprovem vínculos com o Brasil e renda capaz de manter o solicitante durante o tempo de permanência desejado no país do norte. Poucos são os jovens brasileiros que conseguem atender às exigências americanas, conseqüentemente o insucesso na obtenção de visto tem levado esse contingente a buscar destinos que não necessitem deste tipo de permissão (Inglaterra, Portugal, Itália), ou tentarem a travessia ilegal.

A pesquisa não contabilizou as crianças residentes em Pompano Beach, as escolas públicas onde esses números poderiam ser obtidos com maior precisão não são obrigadas a informar o número de matriculados por região de nascimento. Mas um levantamento feito pela antropóloga Judith Wingerd⁷, publicado em 1996, mostra

⁷ O estudo foi preparado pelo Coording Council of Broward, com a colaboração da School Board of Broward County e da South Florida Planning Council

que naquela época, existiam 994 alunos do Kindergarten até o K-12⁸ matriculados em toda a região de Broward County.

Em Pompano Beach existem escolas públicas bilíngües para o ensino do espanhol, mas ainda não há escolas públicas que ofereçam educação em português, ao contrário de outras cidades, como Nova Iorque, onde essa opção já é uma realidade. Vale entender, no entanto, que em Nova Iorque há uma bem estruturada colônia portuguesa, que paga impostos e, portanto, cobra por seus direitos.

Mesmo freqüentando a escola convencional, as crianças entrevistadas não apresentaram dificuldades em se adaptar ao estilo de ensino norte-americano. De acordo com algumas entrevistas, os maiores problemas da adaptação cultural estariam em casa, no convívio com os pais, como veremos mais adiante.

A falta de uma escola bilíngüe, faz com que muitas crianças falem o português fluentemente, mas não escrevam uma só palavra. Isso porque em casa a família pratica o idioma oralmente, mas não ensina ou incentiva os filhos a escreverem.

Existem algumas iniciativas por parte de voluntários para lecionar português a essas crianças, mas não há grande procura, conforme revelou uma ex-líder comunitária que não quis revelar seu nome.

“Desde 90, quando isso aqui ficou repleto de brasileiros, venho tentando oferecer cursos regulares a essas crianças. Eu e umas amigas montamos uma Organização Não Governamental, onde ensinávamos cultura brasileira, mas por incrível que pareça as mães não traziam os filhos. Umas por preguiça, outras por falta de tempo, pois trabalhavam feito escravas por uns míseros dólares. O brasileiro adulto não sabe se portar e não sabe ver o futuro dos filhos. Aqui, daqui pra frente salva-se quem falar os três idiomas: inglês, espanhol e português. Eu e outras socialites acabamos desistindo do projeto”⁹.

⁸ A educação básica nos EUA compreende do pré-primário, Kindergarten ou Grade 1, até a 12ª série ou Grade 12. Portanto, a formação básica e média levam 12 anos. Cada ano letivo tem duração de nove meses, sendo que os mais jovens estudam das 7h ou 8h, até às 15h ou 16h e os maiores passam o dia todo na escola

⁹ Depoimento de uma brasileira residente em Key Biscayne, uma das áreas mais caras de Miami. Junto com outras amigas fundaram uma instituição para lecionar cultura e língua portuguesas. O projeto foi interrompido menos de um ano após sua inauguração

Estado Civil

De acordo com a figura 3, em relação ao estado civil do brasileiro entrevistado em Pompano Beach, 17% dos homens e 25% das mulheres são solteiros. Os casados somam 43% dos homens e 29% das mulheres. Viúvos, separados ou companheiros somam 40% e 45%, respectivamente.

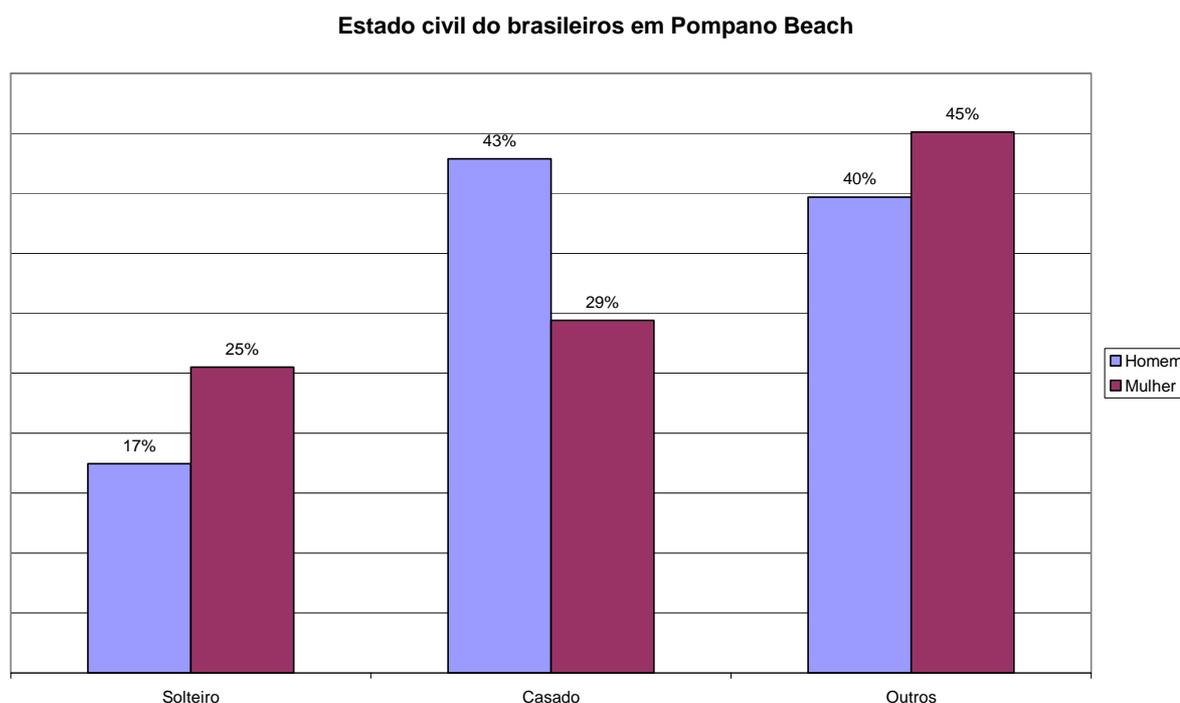


Figura 3

Os casamentos envolvendo brasileiros e americanos são menos freqüentes do que se imagina. A diferença cultural é a maior barreira para que os dois povos se unam. Ainda assim, nota-se um fato interessante nos Estados Unidos, as mulheres brasileiras levam vantagem em relação aos homens. Um dos motivos seria que o americano não apresenta grande rejeição ao fato da mulher desenvolver uma atividade de segunda categoria, enquanto as americanas preferem se relacionar com homens bem-sucedidos financeira e profissionalmente.

Outro impedimento para a união entre homens brasileiros e mulheres americanas é a idéia que se tem do comportamento latino. As mulheres estão acostumadas a dividir tudo, inclusive as tarefas do lar, coisas que o brasileiro, apesar de ter migrado, ainda não aprendeu a fazer com certa satisfação, ou, simplesmente sem se queixar.

Por outro lado, essa diferença cultura que afasta a americana do brasileiro, causa simpatia ao homem americano, que vê na mulher brasileira certo carinho e atenção com o lar, a refeição e o marido. Ou seja, a repugnância de um par é a admiração no outro.

“Nunca fui casada com brasileiro, mas acompanhei minha mãe a vida inteira preocupada com as atividades do lar. Mesmo quando tinha uma empregada, precisava estar à frente dos trabalhos. Sou bem diferente dela, ainda assim, meu marido tem grande admiração pela maneira que cuida de tudo e de nosso filho. Ele fica admirado por me ver preparando a comida de nosso bebê sem abrir nenhum potinho pré-pronto. Mal sabe ele que para padrões brasileiros estou longe de ser um grande exemplo”. (Sina, 29 anos, 8 em Pompano Beach)

Os casamentos comprados para obtenção de *Green Card* são comuns, mas numa proporção bem inferior ao imaginado ou noticiado constantemente pela mídia. Uma união desse tipo custa entre U\$\$ 5 e US\$ 10 mil, mas pode transformar-se num grande equívoco, caso o “produto” não tenha boas referências. Além do cuidado na escolha do parceiro, o “comprador” ainda tem de ter cuidado com os amigos e inimigos que podem denunciá-los. A lei é severa: se for comprovada a fraude, o estrangeiro é deportado e o americano pode ser condenado a até 10 anos de detenção.

“Estava aqui há quase cinco anos quando conheci um rapaz num trabalho. Ele era homossexual e sem saber se eu tinha documentos ou não me perguntou se eu conhecia alguma amiga para se casar com ele. Aí estava o golpe, pois na hora me candidatei e paguei U\$\$ 7 mil. Estava feliz, acreditei que teria o Green Card e poderia andar livremente, sair do país e voltar quando bem entendesse. Fomos na primeira entrevista e tudo bem. Na segunda, ele não apareceu. O infeliz estava apaixonado por um rapaz e usou o dinheiro para casar-se com ele. Fiquei numa situação horrível. Sem marido, sem documento, sem dinheiro e ligada a um casamento falso. Ele só apareceu anos depois para assinar o divórcio. Durante o desaparecimento dele conheci meu atual marido.

Uma semana depois de assinar o divórcio estava casada com ele. Já se passaram três anos e até hoje não tenho o Green Card. Um processo comum leva bem menos tempo¹⁰.

Osmar também entrou num relacionamento esquematizado que se revelou um problema antes da entrega dos documentos. Casou-se com a irmã de um amigo. A garota, que trabalhava exibindo o corpo pela Internet, uma espécie de prostituição dos tempos modernos, recebeu a primeira parte depois que assinou os papéis do casório, US\$ 3 mil. Deveria receber o restante, mais US\$ 4 mil, quando saísse o *Green Card*. O casamento, no entanto, acabou custando US\$ 18 mil. *“Cada entrevista eu tinha de dar mais mil dólares, porque ela ameaçava dizer que eu a espancava”.*

Entrevistados disseram que os casamentos entre brasileiros não duram muito nos Estados Unidos. Para as mulheres os homens saem do Brasil mas não se adaptam a uma vida completamente diferente, onde os direitos e deveres entre os sexos são mais equilibrados. Elas ainda se queixam que trabalham o mesmo número de horas, mas chegam em casa e têm de cuidar de tudo, o que transforma a rotina numa inesgotável fonte de cansaço e frustração.

Os homens, por sua vez, reclamam que as uniões são menos estáveis porque longe das figuras familiares, como pais, irmãos e parentes, as mulheres se permitem uma liberdade jamais imaginada no Brasil. *“Quando elas encontram um homem mais interessante do que o marido deixam o cara e ficam com o novo, coisa que nunca fariam no Brasil”*, avaliou Neri que em 15 anos de América foi casado quatro vezes.

Escolaridade

Conforme demonstra a figura 4, dos entrevistados em Pompano Beach, 30% dos homens e 37% das mulheres têm formação acadêmica completa, respectivamente, 41% e 22% têm formação média ou técnica.

¹⁰ A entrevistada pediu para não ser identificada. Embora a documentação não tenha saído, ela recebeu a permissão de trabalho ainda no primeiro casamento. Atualmente trabalha no aeroporto de Fort Lauderdale na área de atendimento aos clientes

ESCOLARIDADE

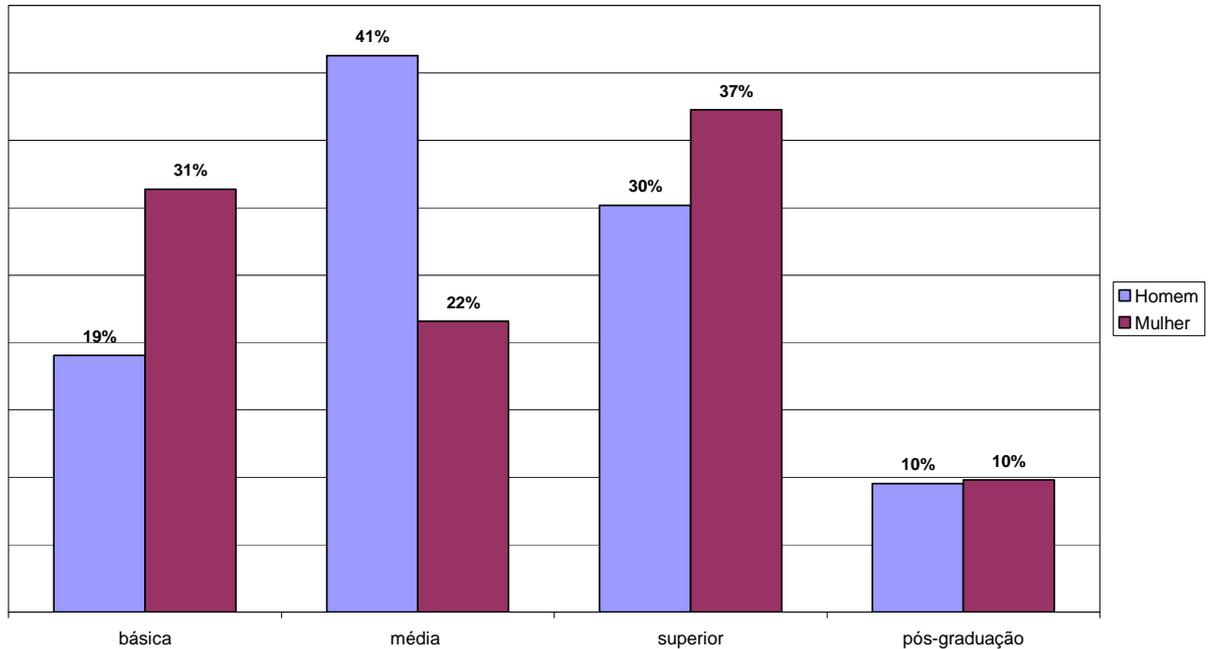


Figura 4

Os dados revelam que os investimentos internos na construção da escolaridade ainda estão fragilizados, pois há uma divisão muito clara nos níveis educacionais, além disso, ao permitir que pessoas especializadas debandem para outros continentes, revelamos o descaso na retenção dessa mão-de-obra especializada. São pessoas que, em sua maioria, investiram tempo e dinheiro em universidades públicas e privadas, mas ao final não encontram oportunidades no mercado de trabalho local. Outro problema do ensino universitário no Brasil é o número de instituições surgidas nos últimos anos. Contrariando a lógica de mercado onde quanto maior a competição, melhores deveriam ser os produtos para permanecer na concorrência, o que se tem é uma série de prédios bem equipados com profissionais nem tanto, oferecendo cursos incapazes de formar o aluno com o mínimo necessário para investir na carreira, favorecendo o surgimento de um profissional com qualificações técnicas muito aquém da recomendável.

Residência

Assim como Neri, a maioria dos entrevistados em Pompano Beach reside há mais de 10 anos longe do Brasil. O gráfico a seguir demonstra que as pessoas

deixaram o país durante as crises dos anos 80 e 90. Essa época coincide com as constantes mudanças econômicas que o país vinha enfrentado, com taxas inflacionárias elevadas, desemprego em alta e queda no poder aquisitivo da classe média.

No final da década de 80 e começo da de 90, os jornais davam grande destaque à vida fora do Brasil. Em 89 a Folha de S. Paulo publicou que *“um operário americano ganha dez vezes mais que um brasileiro”*¹¹

Conforme figura 5, 24% dos homens entrevistados estão nos Estados Unidos há mais de 15 anos, contra apenas 6% das mulheres. A diferença pode ser o retorno feminino para perto de suas famílias anos depois de conseguirem algum sucesso em terras estrangeiras. Provavelmente neste período elas já conseguiram conquistar bens imóveis e pagar os estudos dos filhos, um dos desejos de boa parte dos imigrantes. Outros 19% dos homens e 27% das mulheres estão entre 5 e 10 anos morando nos Estados Unidos, seguindo as correntes migratórias formadas na década de 80 e começo dos anos 90. E, com até 5 anos fora de casa está o menor grupo 10% dos homens e 14% das mulheres.

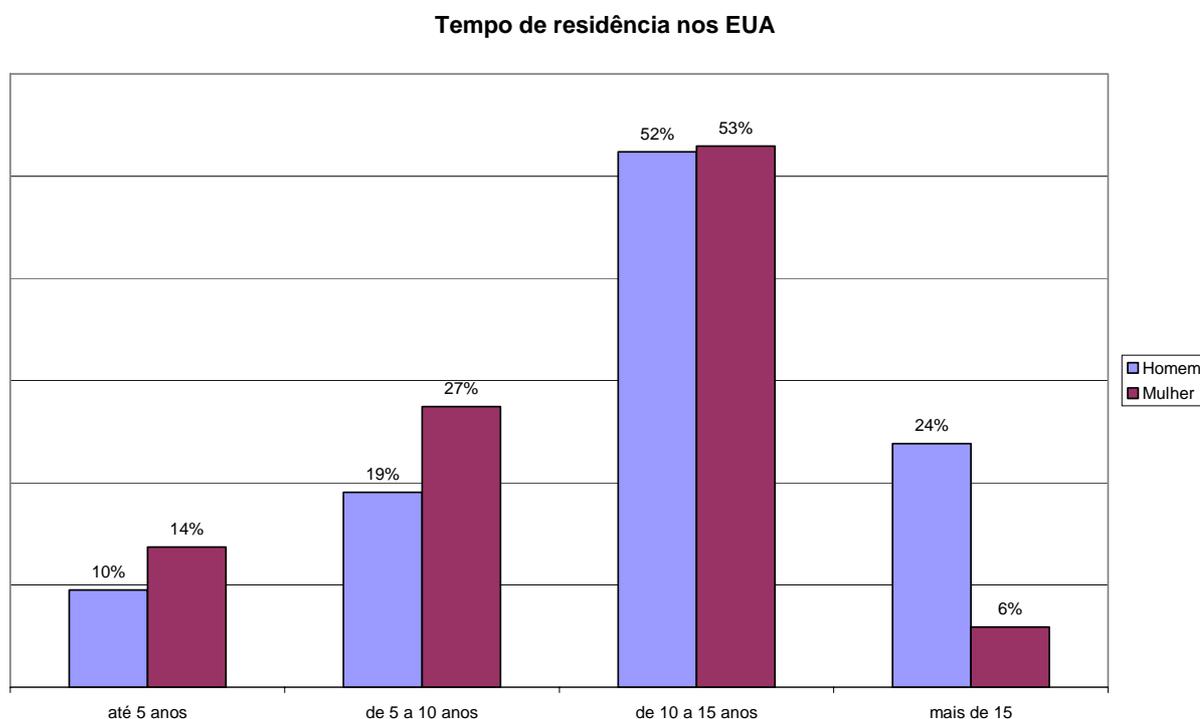


Figura 5

¹¹ Folha de São Paulo, 16 abril 1989. Caderno B, p.2

Ramo de atividade

Como se pode perceber na figura 6, antes de emigrar 48% dos homens atuavam na indústria. Entre as mulheres, no entanto, há equilíbrio nas atividades que exerciam, 33% estavam na indústria ou no lar. Disseram atuar no setor educacional 13% dos homens e 18% das mulheres.

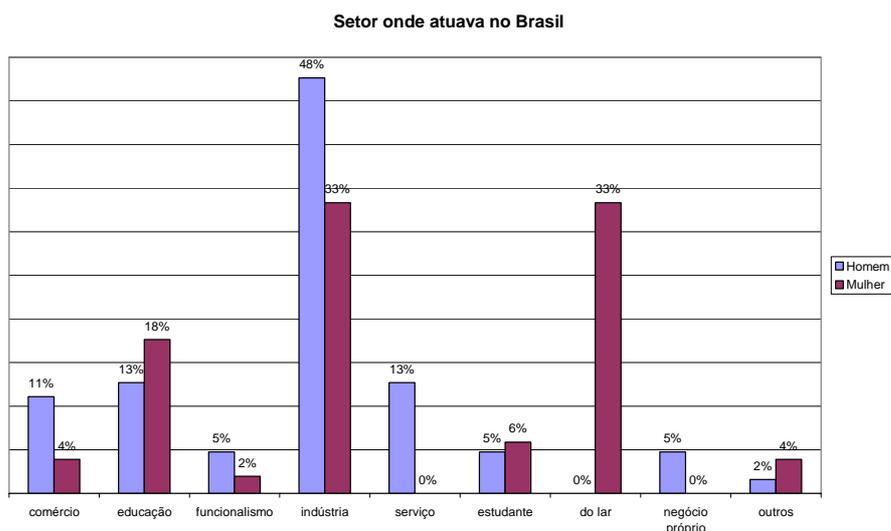


Figura 6

Numa rápida análise da figura 7, nota-se que os brasileiros deixaram suas atividades na indústria brasileira e passaram a exercer funções no ramo de serviços, sendo 30% dos homens e 51% das mulheres. 32% dos homens também exercem atividades ligadas ao comércio, seguidos por 12% das mulheres.

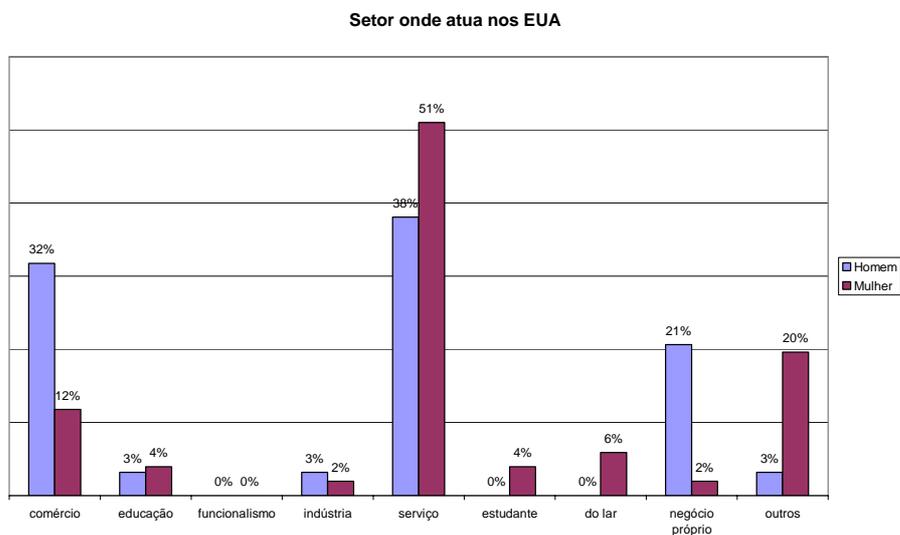


Figura 7

Região de origem

Sobre a região de origem no Brasil, a pesquisa revelou, conforme figura 8, que o Sudeste lidera o ranking, com 32% dos homens e 43% das mulheres. O Estado de Minas Gerais puxa a estatística para cima, pois cidades como Governador Valadares, Ipatinga, Central de Minas são reconhecidas como pólos exportadores de mão-de-obra para países ricos. Na seqüência, aparece o Sul, com 29% dos homens e 18% das mulheres, onde Santa Catarina tem se destacado como corrente migratória da região. Outros 22% dos homens e 10% das mulheres são da região Norte, enquanto do Nordeste 6% dos homens e 24% das mulheres compõem o quadro dos entrevistados. Centro-oeste, com apenas 11% dos homens e 6% das mulheres, começa a despertar a atenção pela quantidade de pessoas presas na travessia ilegal pelo México.

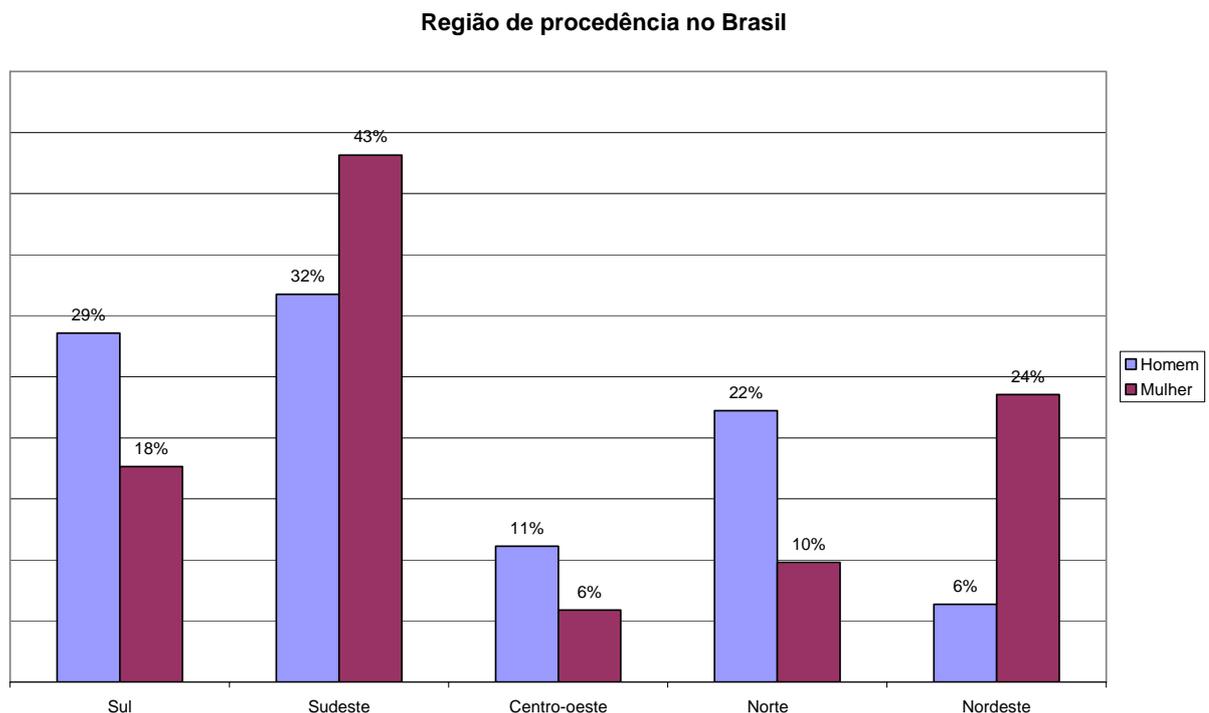


Figura 8

Residência

A forma de moradia é um dos itens mais importantes na vida do brasileiro que pretende emigrar. Viver nos Estados Unidos é caro, principalmente o aluguel, que

consome boa parte dos rendimentos dos trabalhadores. Um apartamento simples de dois dormitórios em Pompano Beach, por exemplo, um dos locais mais baratos da região, custa cerca de U\$\$ 700 dólares por mês, inclusos condomínio e água.

A pesquisa revelou que apenas 2% dos homens e 6% das mulheres preferem morar sozinhos. Quem viaja para economizar não pode se dar ao luxo de gastar tanto com moradia. Isso explica o fato bastante comum das pessoas dividirem seus lares com parentes, amigos, familiares ou conhecidos, conforme figura 9.

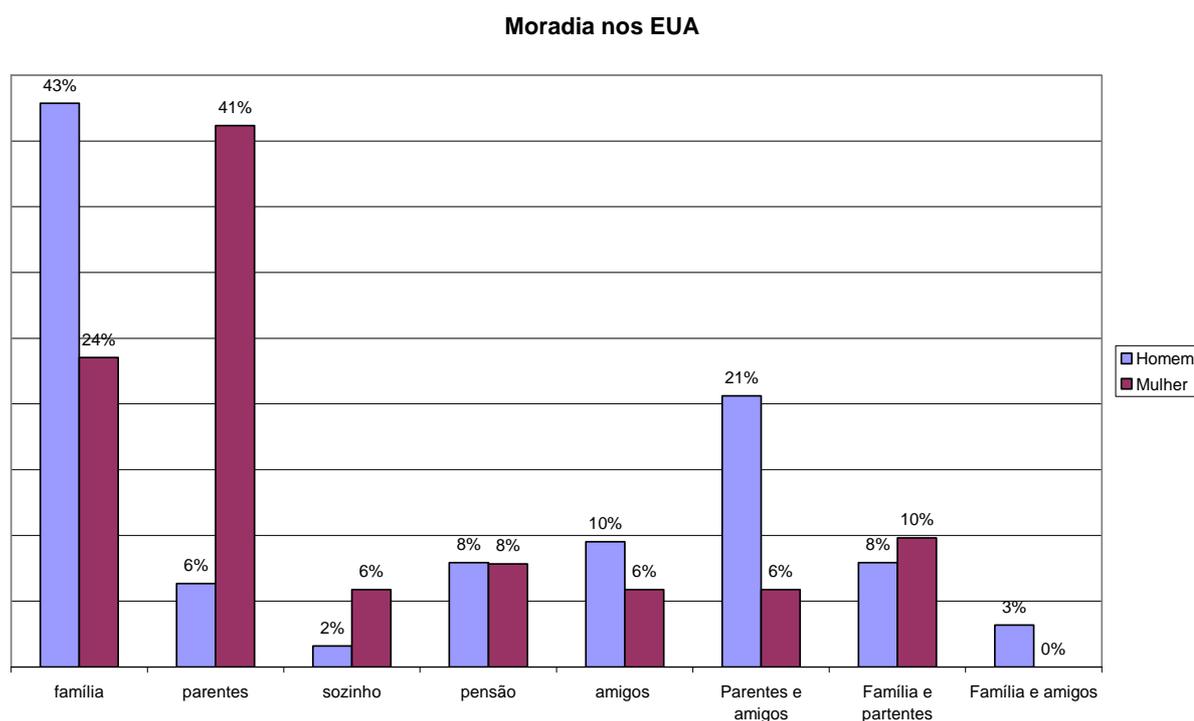


Figura 9

Amigos

Com relação às amizades, de acordo com a figura 10, 57% dos homens e 67% das mulheres preferem se relacionar com outros brasileiros. A própria questão do conhecimento da língua facilita o entendimento. O idioma é um facilitador, mas também uma escolha pouco inteligente para quem deseja esticar a temporada nos Estados Unidos, pois quanto mais se convive com os compatriotas, menos se aprende sobre o povo do país destino.

A pesquisa apurou também que apenas 24% dos homens e 17% das mulheres preferem dividir a amizade entre brasileiros e norte-americanos. Outros 5% dos homens e 17% das mulheres preferem apenas os habitantes do país receptor. Neste

caso observou-se que a maioria dos entrevistados é jovem e encara com maior naturalidade o desafio de dominar o idioma e a cultura local.

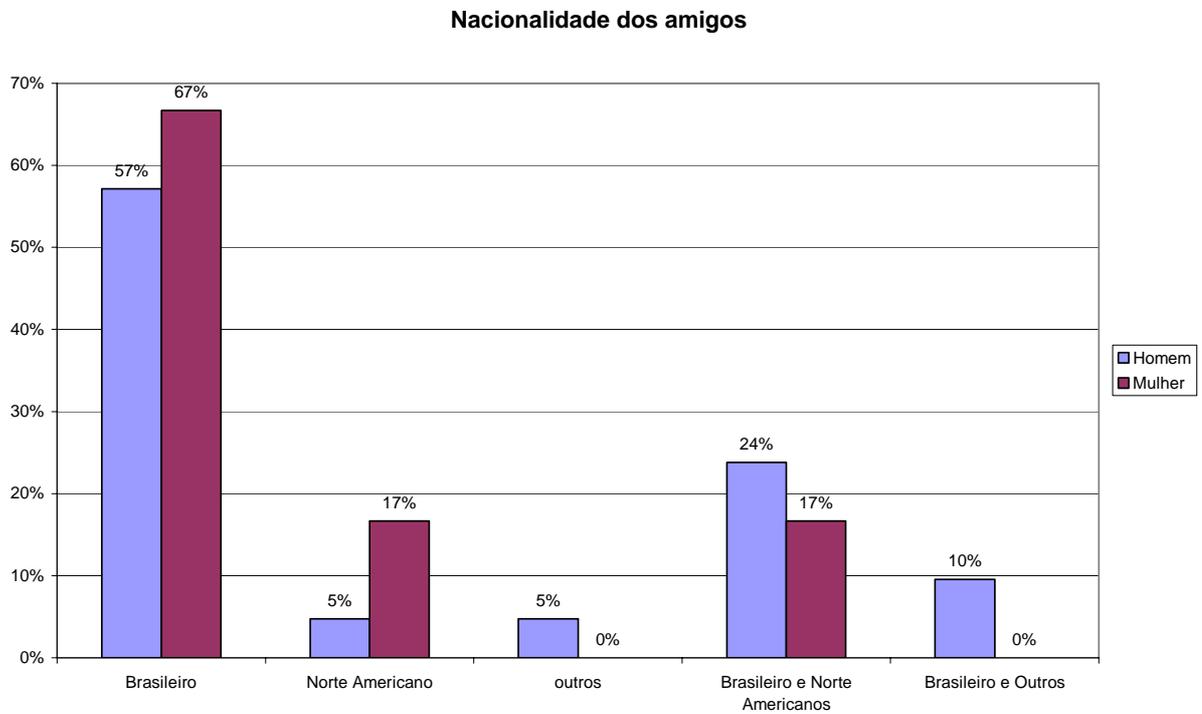


Figura 10

Símbolos e comportamento que identificam o brasileiro

A questão da identidade de um povo é fundamental para a compreensão de seu papel no presente e de como será construído seu futuro, por isso, a reflexão sobre comportamento, imagens e símbolos compõe um quadro geral sobre o pensar e o agir contemporâneos.

Assim, a identidade de uma nação é revelada pela construção de diversos fatores, hábitos, festas, histórias, alimentos, fantasias, idioma... começamos, então, por entender a aparição do Brasil como país paradisíaco, festeiro e abundante em “encantos mil”.

O descobrimento do Brasil é referenciado como a maneira que passamos a existir, embora o país não tenha exatamente vivido uma descoberta inédita, pois já existia com seus habitantes nativos – houve, na realidade, uma invasão bárbara e maldosa, com exploração, saques e trocas de produtos manufaturados por riquezas naturais - no entanto, o povo apoderou-se dessa idéia de resgate, de descobrimento e não parece um desejo coletivo abandoná-la.

O historiador Roberto Gambini define que ao estudarmos nossa identidade, começamos com uma história fantástica e diferente da ocorrida em outras nações, assim teria o Brasil surgido de um ato extraordinário, ou seja, *“na fuga de calmarias letais, navegadores heróicos acabaram chegando a terras nunca antes visitadas...”*¹

Paralelamente à crença fantasiosa de descobrimento, sobressaem-se também as idéias de paraíso, de beleza natural, harmonia, alegria e festas. Estas percepções foram retratadas em correspondências, poesias e poemas, como a carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve o local de maneira exuberante, um espaço de imagens, cores e sabores, nunca vistos em outros continentes.

“A idéia de “paraíso” que habitava a mente do europeu exterioriza-se na descrição das praias brasileiras, que, em decorrência de um fenômeno psicológico tão antigo quanto o próprio homem, passam a revestir-se das qualidades daquele ambiente sonhado e irreal descrito no Gênesis, como

¹ GAMBINI, R. Espelho índio: a formação da alma brasileira, p. 21

parte da mentalidade católica e do imaginário da época, notadamente por seu forte apelo sensorial de cores e formas e por suas liberalidades eróticas...”²

São as noções de paraíso, de beleza tropical, de mulheres incrivelmente sensuais, do samba, do futebol, da derrubada do pau brasil, do ataque à natureza, do jeitinho, da corrupção e da malandragem que ainda hoje legitimam a “verdadeira cara” do brasileiro. E, tanto aqui quanto em terras estrangeiras, o cotidiano se encarrega de realçar os esteriótipos.

As agências internacionais que oferecem pacotes turísticos para o Brasil apresentam em suas campanhas publicitárias imagens de praias lindíssimas freqüentadas por modelos seminuas e felizes. É uma referência constante a de que a mulher continua despida, como faziam as índias da época do descobrimento. A diferença talvez esteja no culto à forma física, enquanto Vaz de Caminha se encantava com o estilo redondo e a vergonha despida da nativa, atualmente, o “produto exportação” tem as graciosas curvas das ‘Giselles Bündchens’.

Não é, portanto, de se estranhar que o polêmico correspondente do New York Times, Larry Rohter - o mesmo que escreveu sobre a bebedeira do presidente Lula – mostrou-se tão incomodado com as gordurinhas extras das freqüentadoras de Ipanema. Ao mexer com um dos maiores símbolos nacionais, Rohter incomodou, o Rio de Janeiro e o mundo, primeiro porque a brasileira, especialmente a carioca, é a personificação da Garota de Ipanema, segundo porque as mulheres fotografadas, com apenas uma exceção, eram tchecas.³

“Ficamos indignados com o comentário inoportuno desse repórter. Aqui já acham que somos todos burros de carga, sem instrução e feitos para o trabalho. Agora querem também que sejamos obesos e doentes? Foi uma irresponsabilidade do repórter, pois os Estados Unidos sofrem com a questão do excesso de peso. Não têm condições de zombar de ninguém, principalmente de um país que popularizou a beleza através da música de

² GAMBINI, R. Espelho índio: a formação da alma brasileira, p. 22

³ A matéria do New York Times foi publicada em 13 de janeiro de 2005, sendo destaque de capa. Apenas alguns dias depois foi verificada a nacionalidade das mulheres fotografadas. O jornal isentou o jornalista do erro, culpando o fotógrafo free lancer John Maier por ter trabalhado independente do repórter, além de não ter identificado a imagem.

Tom Jobim e da Garota de Ipanema.” (Solange, formada em publicidade, é recepcionista numa empresa de transportes em Pompano Beach).

Alan, 28 anos, filho de americano com uma brasileira de Niterói, também questionou a reportagem. *“Não se trata de estar ou não em forma, mas de usar um jornal para divulgar uma inverdade. Aquelas fotos não representam a maioria das brasileiras, que são mulheres extremamente simpáticas e sensuais”.*

Além do setor turístico, a moda e o áudio visual são áreas que fazem da imagem da mulher brasileira um pólo de atração. Em relação à moda existe uma grande vantagem comercial, pois os biquínis e lingerie passaram a ser admirados por consumidoras de todas as nacionalidades. Quando as exportações começaram, havia uma preocupação em remodelar as peças para agradar os mais recatados. Atualmente, boa parte da produção exportada mantém o mesmo desenho utilizado no Brasil, principalmente as peças que seguem para Europa e Estados Unidos.

Como não poderia ser diferente, os rostos utilizados na divulgação desses produtos obedecem a um padrão universal, uma beleza plástica globalizada, podendo pertencer a qualquer país. São os detalhes das imagens que ligam o Brasil ao produto. São as posturas valorizando o bumbum arrebitado, uma peça mais ousada, o uso freqüente de cores tropicais, a inclusão de uma cena folclórica, ou um complemento paisagístico, que relacionam o rosto universal ao estilo brasileiro.

Mulher objeto

A figura da mulher nos meios de comunicação de massa é retratada basicamente de duas formas. Ou é a esposa exemplar, que cuida da família deixando a roupa branca, ainda mais branca. Ou é objeto sexual, expondo produtos destinados a excitar os homens, entre eles carros e adornos. Encarnando uma figura ou a outra, ela apenas segue padrões pré-estabelecidos pela sociedade brasileira.

Os filmes não fogem muito dessa necessidade de relacionar a mulher brasileira ao seu corpo de formas perfeitas e sua “quentura” pelo sexo oposto. Películas de sucesso no exterior têm sempre cenas referenciais a esta identidade fundamental, como em ‘Gabriela Cravo e Canela’, ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’, ‘O Pagador de Promessas’, ‘O Quatrilho’, até mesmo as comédias mais recentes, ‘O Auto da Compadecida’ e ‘Meu Tio Matou um Cara’, fizeram referências sobre a “fogosa” mulher brasileira.

As telenovelas, com maior ou menor exagero, colocam a feminilidade da brasileira à flor da pele, principalmente as exibidas após às 20 horas. Em 'Mulheres Apaixonadas', um dos primeiros folhetins apresentados em tempo real no Brasil e Estados Unidos, pela Globo Internacional, a dupla sensação era formada pela mal casada Silvia (Natália do Vale) e o taxista Caetano (Paulo Coronato), um disposto amante capaz de satisfazer a esposa e as duas "fogosas namoradas".

Caetano fez escola na Flórida e não só no universo brasileiro. Pelo menos quatro das entrevistadas disseram ter sido cantadas por estrangeiros que se diziam "Caetano, o taxista". Não se trata aqui de culpar a mídia, mas, sim, de conferir aos meios de comunicação parcela da responsabilidade pela maneira como divulgam a mulher e seu comportamento sexual.

"Odeio quando estou numa discoteca e o cara já vem logo colocando a mão, abraçando. Vem com cara de babão achando que 'tocou levou'.⁴ E não são apenas os americanos, todos fazem isso. É só falar que é brasileira e a frase pula da boca: Brasil, Carnaval, 'wow'!!! Parece que somos só isso. Festa e bumbum de fora o ano inteiro. Já tentei explicar que na minha cidade isso não acontece, que é tudo tradicional, as pessoas brincam fantasiadas ou de roupa comum, mas eles não entendem, acho que ficam até decepcionados ao saberem que somos normais". (Sabrina, 29 anos, 5 em Pompano, é de São Carlos, interior de São Paulo)

A abordagem do americano para efetuar uma conquista não chega a ser exatamente agressiva, principalmente porque brasileiros, hispânicos e alguns europeus têm o *approach* bem mais intenso. A irritação feminina parece estar ligada a idéia folclórica de que brasileira é igual a samba, Carnaval e alegria. Ao transformá-las num ser único, colocando-as sob um mesmo contexto, o americano acaba por tirar-lhes o que têm de mais peculiar: a própria personalidade.

"O mais engraçado é que americana conhece na noite, dorme junto sem saber o nome, mas não tem fama de depravada. A gente conhece, marca encontro, conversa e ainda assim tem de ouvir piadinhas sem graça. É um

⁴ Termo usado para falar de brasileiras que fazem programas nos Estados Unidos

contra-senso. Parece que não temos nada a acrescentar além do corpo”.
(Carla, 33 anos, 8 em Pompano)

Várias entrevistadas queixaram-se que o homem brasileiro ajuda a disseminar uma imagem equivocada da mulher. Para elas, o mais interessante seria aproveitar a oportunidade do contato com outros estrangeiros para exaltar a multiplicidade dos compatriotas em geral, mas eles preferem fantasiar sobre o comportamento libidinoso feminino. Elas disseram que tal exagero não passa do mundo da imaginação, principalmente num país onde se trabalha horas seguidas, diminuindo o tempo livre para atividades ligadas ao prazer pessoal.

A necessidade em reafirmar os atributos das brasileiras pode ter várias explicações, entre elas o desejo de agradar o ouvinte, aproximando-se dele com a intenção de diminuir a distância emocional e cultural que há entre pessoas de países distintos. Ou, por ser “o estrangeiro aquele que não pertence à Nação em que habita”⁵, seria maldosamente interessante lembrar ao outro que ele pode possuir a riqueza proveniente de seu trabalho, mas a alegria e o carisma da mulher do Samba em sua plenitude jamais possuía, pois ela também é estrangeira.

“O brasileiro tem a péssima mania de bater continência com a mulher do outro. Não percebe que acaba subjugando a emigrada. Acho deplorável quando vejo companheiro, cara com faculdade, bem formado e tudo, difamando a brasileira só para fazer inveja aos outros.” (Evandro, 40 anos, 15 em Pompano, garçom)

O corpo nu brasileiro, explica o antropólogo Roberto DaMatta, difere do nu mundial a medida em que o primeiro precisa ter movimento, vida, espiritualidade e gracejo, por isso tantas vezes relacionado ao ato sexual. O outro, apodera-se da admiração de maneira inanimada, tornando-se apenas artístico.⁶

Em alguns momentos o mostrar-se sexualmente atrativo (a) não legitima a existência do brasileiro. Porém em outros, como durante o Carnaval, o “ver” e o “fazer”, são permitidos. Entende-se por “fazer” as pessoas que brincam, cantam, dançam e desfilam, e o “ver” por àqueles que apenas contemplam de suas

⁵ Cf KRISTEVA, J. Estrangeiros para nós mesmos

⁶ Cf DAMATTA, R. carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro

moradias⁷. O fato é que um não existe sem o outro. Essa mesma relação é aplicada ao trabalho. Quem “vê ou vigia”, não está na mesma posição de quem “faz ou trabalha”, mas essas relações também complementam uma a outra.

Carnaval

Em Pompano Beach, assim como em várias outras cidades onde existem redes migratórias brasileiras, comemora-se o Carnaval de maneira semelhante ao Brasil. A festa é celebrada durante a semana inteira em casas como o Tropicana e Scandall. O show é comandado por artistas e bandas brasileiras e a turma quebra e requebra até altas madrugada.

“O Carnaval é definido como liberdade e como possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. Numa palavra, trata-se de um momento onde se pode deixar de viver a vida como fardo e castigo. É, no fundo, a oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo como excesso ao alcance de todos⁸”.

Para os mais jovens, a diferença entre comemorar Carnaval no Brasil ou fora acontece no dia seguinte. *“Como eles não entendem o Carnaval não adianta chegar tarde no trabalho porque não tem perdão”*, declara Rodrigo, 28 anos

Talvez o maior problema não seja a irritação do patrão americano no dia seguinte, mas a falta de cumplicidade que o país receptor tem em relação àquela que seria a maior comemoração folclórica brasileira.

“Sempre que algum americano me pergunta como é o Brasil, aproveito logo para falar que é quente, que as pessoas têm vida. Que se beijam, se abraçam, que não precisam telefonar para ir tomar um café na casa dos irmãos. Explico logo que temos molejo, temos sangue, temos Carnaval. Os americanos ficam doidinhos.” (Mari, 35 anos, 3 em Pompano)

⁷ idem

⁸ DAMATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil?, p.73

Fantasia

As vestimentas carnavalescas são os refúgios dos foliões. Desta forma, o nobre esconde o pobre; a garçonete cansada transforma-se na frágil donzela, sob as feições do capitão; o marinheiro. As máscaras permitem aos rostos fugitivos, ao homem comum, momentos de soberania. A diversão das massas em suas fantasias é esquecer que atrás de cada sombra, vive uma personalidade. *“São os mais pobres que justamente acabam por vestir-se de reis, duques [...] é quem não tem o poder que acaba representando quem o possui”*⁹.

*“Ao percorrer as fantasias e as transformações pessoais, revelando o verdadeiro espírito da troca de lugar, a carnavalesca de que os teóricos tanto falam, mostra como o Brasil tem ainda a capacidade de auto-encantar-se. Diferentemente, portanto, de outros países modernos, cujo sonho nacional é simplesmente o de consumir e que de certo modo esgotaram na indústria e no comércio, no progresso e na ciência a sua alegria de viver, o Brasil indica, com sua celebração carnavalesca, como ele detém o segredo do encantamento que permite ver a mesma rua, a mesma cidade, a mesma massa, os mesmos pobres, os mesmos governantes.”*¹⁰

Nos Estados Unidos, onde o Carnaval acontece apenas em Nova Orleans, Damatta observou diferenças significativas entre a festa brasileira e a americana. Enquanto no Brasil a comemoração representa a suspensão temporária da ordem, das coisas e pessoas, permitindo que tudo possa ser deslocado, daí associar o Carnaval a uma grande ilusão, ou loucura, nos Estados Unidos, permanece a hierarquização dos grupos. *“os ricos são exclusivistas e aristocráticos, os negros são africanos e índios, e as prostitutas negras são mesmo as Gold Diggers e as Baby Dolls”*¹¹

Em comum entre as duas Américas, a desordem quando a festa começa e o desejo de que ela se realize no próximo ano, ainda mais animada, ainda mais

⁹ DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro p. 140

¹⁰ DAMATTA, R. in: Carnaval, Claudio Edinger s/número de página

¹¹ DAMATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro p. 140

fantasiosa; com as recatadas “vendo” protegidas em seus lares e as impuras “fazendo” a festa do lado de fora.

Valorização de ícones

Viver na condição de imigrante faz com que o indivíduo se aproxime de ícones que deixou para trás. Neste contexto observa-se certa fascinação pela natureza, que muitas vezes só era relevante quando notícia na mídia. Uma das primeiras coisas que o brasileiro percebe é a grande desinformação que o americano tem em relação a nossa área verde. Amazônia, pantanal ou um humilde pedaço de mata atlântica é tudo igual e cobre o país. As questões impertinentes incomodam e irritam os brasileiros, como as perguntas sobre selvageria, animais soltos pelo país inteiro e a necessidade de se tomar vacinas constantemente.

“Há alguns anos estava no aeroporto de Guarulhos e uns americanos, que aguardavam um voo para Recife, me perguntaram se era recomendável e quais cuidados deveriam tomar com animais nas ruas de São Paulo. Achei que era brincadeira. Depois fiquei indignado com a ignorância. Só respondi que deveriam se imaginar andando em Nova Iorque ou Los Angeles. Como pode uma pessoa deixar um país e sequer abrir um mapa, um livro para ler sobre o local visitado? Isso é de uma prepotência insuportável”. (Jurandir, 42 anos, 20 nos Estados Unidos)

O brasileiro tem certa dificuldade em reconhecer a diversidade na cena contemporânea, ele não é instruído a vender um país em desenvolvimento, permitindo aos estrangeiros imaginarem que o melhor meio de transporte que possui seja o cipó. Além disso, não há uma preocupação explícita por parte do governo quanto às imagens que são ou não pertinentes de serem registradas no Brasil, facilitando que grandes empresas midiáticas gravem e montem clipes e programas turísticos com muita facilidade, expondo para o mundo exatamente o que desejam, como artistas “bem intencionados” cantando em meio às favelas ou rodeados por índios abandonados, ou o já citado desfile de belas mulheres nuas pelas praias paradisíacas.

Outras imagens recortadas ao extremo são as que tratam de animais. Assim, o estrangeiro desenvolve grande interesse pela natureza brasileira, principalmente

pela clássica foto de animais ferozes passeando livremente pela Amazônia, o único local do mundo onde ainda é possível conviver com a natureza em seu estado primitivo. Museus, gastronomia, pesquisa, centros urbano e de compras são quase sempre ignorados. Nem mesmo a Embaixada Brasileira instalada em Washington escolheu imagens diferentes dessas para expor no site oficial. Em cada clique, surge um pedacinho do Brasil com seu Cristo Redentor, sua onça, praias, folclóre...É um festival de ícones consagrados pela mídia e pelo povo, apenas reafirmando o que somos desde nossa descoberta há pouco mais de 500 anos.

A questão racial

Um tema ainda hoje mal resolvido para o brasileiro é a questão da raça, os censos brasileiros são um reflexo da dificuldade que temos para nos encaixarmos em determinada raça, ora porque não sabemos identificar nossa etnia, ora porque confundimos a origem com a cor.

Mas para simplificar, a colonização aconteceu por meio dos europeus, que encontraram aqui a população nativa, sendo mais tarde acrescida pela mão-de-obra escrava, assim, só poderíamos ser uma mistura de raças, como pontuou Renato Ortiz: *“O Brasileiro será caracterizado como homem sincrético, produto do cruzamento de três culturas distintas: a branca, a negra e a índia”*.¹²

O discurso de que o Brasil é um grande caldeirão cultural, uma mistura de raças, crenças, ritmos, sonhos e temperos promove certo orgulho à Nação, mas esconde modos de agir tirânicos do homem branco para com o negro ou índio. Quem já ouviu falar em dia do ator branco? Dia do mestiço de japonês? Alguém ao cometer um erro, já ouviu a expressão: “já fez branquice”?

Apenas recentemente os programas infantis começaram a se “colorir”, pois nos últimos anos um festival de “loirice” tomou conta da programação destinada às crianças. Xuxa, Angélica, Eliana e suas “patricinhas” loiras encantam e encantaram milhões de telespectadores. Depois de mais de uma década dominando, apenas recentemente colocaram personagens negros e orientais para dividir o palco, ainda assim, elas desaparecem no meio das inúmeras branquinhas. Registre-se aqui nada contra o efeito “loirice”, mas uma crítica à ausência de outras raças.

¹² ORTIZ, R. Cultura brasileira & identidade nacional, p. 128

No “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, a simpática cozinheira era negra. O humorístico “Os Trapalhões” trazia Muçum, falando errado e entornando uma boa cachaça. Na atual novela das 8 horas, “América”, um dos programas mais vistos por brasileiros no Brasil e exterior, o negro de maior destaque tem uma mãe fofqueira, é motorista de táxi para cachorros, freqüenta o bar do seu Gomes e acredita piamente que foi traído pela namorada branca. Ora, com tantas referências pouco positivas, seria de se estranhar que alguém quisesse pertencer a este núcleo.

Racismo na escola

O professor Helio Santos cita uma pesquisa - realizada em meados dos anos 80 - sobre os livros de comunicação e expressão utilizados na Bahia para o ensino fundamental, onde foi constatado que os brancos recebiam adjetivos relacionados com coisas boas, enquanto a família negra era constantemente lembrada pelo contrário. *“As figuras brancas eram associadas ao belo, ao ser inteligente e bom, as figuras negras vinham contaminadas pela veiculação ao que é mau, feio, degradado, inferior e incapaz”*.¹³

Pode ser que este tenha sido o trabalho mais relevante para fazer com que na atualidade o Ministério da Educação retirasse de circulação obras destinadas ao ensino básico com referências pouco louváveis ao negro. Vale entender também que há grande pressão por parte das Instituições de defesa do negro exigindo maior participação do governo neste sentido.

Mas, afinal, que tem de mais sermos negros, mulatos ou caboclos? A cor de nossa pele informa nosso caráter? O fato de pertencer a esta mistura não faz a vida fora de seu continente de origem mais fácil, ou a adaptação menos sofrida. Infelizmente não é assim que as coisas acontecem. Ser negro em casa pode ser tão ou ainda mais difícil do que ser negro no exterior.

Embora os Estados Unidos evitem falar em racismo e as leis são aplicadas com maior severidade em relação ao Brasil, a discriminação ocorre de maneira ainda mais velada quando o assunto é imigrante ilegal e negro.

“Quando encontramos trabalhos na faxina e na construção, damos graças a Deus, pois normalmente esses postos são ocupados por imigrantes brancos.

¹³ SANTOS, H. A busca de um caminho para o Brasil, p.130

Nós ficamos com as vagas ainda menos desejadas, como a limpeza pesada de fábricas, produtos tóxicos e trabalhos na agricultura, por isso prefiro dançar, atividade que eu adoro fazer. Na verdade, trabalho com a imaginação do público e me divirto com isso. “Enrolo” os homens com charminho só para ganhar um pouco mais, além dessas facilidades, corro menos risco de ser chamada de ‘cachorra, negra e ilegal, como já vi acontecer com outros amigos. Também faço meu horário. Dou lucro para a casa, quero ver alguém em obrigá-la a bater cartão”. (M.A. há 5 anos como dançarina em Los Angeles, em visita à Pompano Beach).

As palavras de M.A refletem o que Heleieth Saffioti chama de trapaças conscientes: *"cabe refletir um pouco sobre a atuação do dominado consciente de sua condição de subordinado. Da mesma forma como a criança não é inocente, o dominado consciente realiza todas as trapaças que pode realizar. Em linguagem simples, o dominado consciente dá o troco ao dominador sempre que pode fazê-lo¹⁴."*

Assistencialismo

De uma certa maneira, o negro norte-americano se aproveita da questão de ser minoria e se faz valer de seus direitos, mas os ilegais negros não têm de quem cobrar.

Para Richard Sennett¹⁵ o estado assistencial, iniciado no regime neoliberal é responsável pelo descontrole e preconceito que existe hoje. Quem está na ativa não gosta de sustentar os demais e quem não tem fonte de renda, sofre todos os preconceitos por ser considerado um parasita alojado no corpo produtivo.

O ex-secretário do trabalho no governo de Bill Clinton, Robert Reich¹⁶, cutuca ainda mais a ferida. Ele afirma que os dependentes, pelo menos nos Estados Unidos, são vistos como pessoas que atrapalham o desenvolvimento do país. Por isso o governo vem diminuindo as contribuições sociais. Um dos questionamentos estaria ligado ao fato de que mães negras e pobres seriam dependentes da ajuda assistencial, enquanto mulheres brancas na mesma condição estariam trabalhando.

¹⁴ SAFFIOTI, H.I.B. O poder do macho, p 53-54

¹⁵ Cf. SENNETT, R. A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo

¹⁶ Cf. REICH, R.B. O futuro do sucesso : o equilíbrio entre trabalho e qualidade de vida

Jeitinho brasileiro

A alegria brasileira lembrada através do Carnaval, das músicas e dos filmes de Carmem Miranda encontra sua antítese no famoso “jeitinho brasileiro”. Em princípio, nos Estados Unidos as leis são criadas para serem cumpridas. Mas, no Brasil existe um estigma de que as leis são interpretadas de acordo com o poder social e econômico do julgado, assim, quanto maior a influência do réu, maiores suas chances de receber condenações mais brandas. Desta forma, o ‘jeitinho’ é a solução para fazer com que as regras vigentes sejam aplicadas em benefício próprio.

No dia-a-dia as regras de boa conduta são constantemente desrespeitadas. Causaria incômodo, mas não espanto, uma brasileira fingir-se de grávida para evitar a fila do banco, ou um motorista estacionar na calçada com a desculpa de sair rápido do local. Sendo, ainda, plausível que mesmo exercendo sua autoridade dentro da agência bancária, a gerente não colocasse a mulher no final da fila por encontrar na ‘espertinha’ qualquer elemento identificador por mais banal que fosse - uma amiga em comum ou a pressa para buscar o filho na escola. O mesmo pode acontecer com o infrator que deixa o carro na calçada, o talonário de multas seria rapidamente esquecido caso existisse um elo entre ele a autoridade, por exemplo, torcer para o mesmo time.

“A verdade é que a invocação da relação pessoal, da regionalidade, do gosto, da religião e de outros fatores externos àquela situação poderá provocar uma resolução satisfatória ou menos injusta. Essa é a forma típica do “jeitinho”, e há pessoas especializadas nela”.¹⁷

DaMatta aborda que o malandro é um personagem nacional, o maior representante do jeitinho brasileiro. Para ele, tanto os malandros, quanto os heróis¹⁸, são criações que refletem a sociedade na qual foram gerados. É um personagem que pode ser vivido por qualquer um a qualquer momento tão rápido quanto achemos que as leis possam ser burladas.

Porém é esse mesmo brasileiro que se sente fascinado pela ordem e disciplina aplicadas em outros países.

¹⁷ DAMATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil? p.100

¹⁸ Cf. DAMATTA, R. carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro

*“É curioso que nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de civilização e disciplina, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre prática social e o mundo constitucional e jurídico”.*¹⁹

Cabe compreender que enquanto nos países igualitários as coisas podem ou não podem ser realizadas, no Brasil existem as brechas para que possam ser solicitados os “jeitinhos”, conciliando as coisas entre quem pede e quem tem autoridade para negar.

Um dos primeiros conselhos que a comunidade brasileira passa ao recém-chegado nos Estados Unidos é o famoso “cuidado com o jeitinho”. É próprio dos amigos ensinarem ao novo emigrado que a prática é condenável no país receptor.

Desconfiança

De acordo com a pesquisa realizada em Pompano Beach, o brasileiro tem uma idéia bastante diferente do compatriota residente nos Estados Unidos em relação ao que ficou no Brasil. Enquanto os residentes no Brasil recebem indicações positivas nas questões sobre cordialidade, amizade, confiabilidade e bondade, o brasileiro emigrado é visto por seus colegas de maneira menos lisonjeira.

Como você vê o Brasileiro residente no Brasil ?	Homem	Mulher	Como você vê o Brasileiro residente no Brasil?	Homem	Mulher
Cordial			Egoísta		
Concordo	94%	100%	Concordo	6%	2%
Discordo	6%	0%	Discordo	94%	98%
Amigo			Explorador		
Concordo	97%	100%	Concordo	2%	6%
Discordo	3%	0%	Discordo	98%	94%
Colaborador			Traidor		
Concordo	92%	100%	Concordo	3%	14%
Discordo	8%	0%	Discordo	97%	86%
Confiável			Malandro		
Concordo	92%	96%	Concordo	70%	75%
Discordo	8%	4%	Discordo	30%	25%
Fiel			Preguiçoso		
Concordo	92%	92%	Concordo	73%	71%
Discordo	8%	8%	Discordo	27%	29%

¹⁹ DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil?

Em relação à preguiça, os entrevistados disseram que os residentes no Brasil são mais preguiçosos do que os que moram nos Estados Unidos, no entanto, a malandragem aparece como uma questão uniforme para os residentes nos dois países, conforme demonstram as tabelas:

Como você vê o Brasileiro residente nos Estados Unidos?	Homem	Mulher
Cordial		
Concordo	16%	25%
Discordo	52%	18%
igual aos outros	27%	55%
indiferente	5%	2%
Amigo		
Concordo	5%	8%
Discordo	49%	37%
igual aos outros	41%	53%
indiferente	5%	2%
Colaborador		
Concordo	5%	18%
Discordo	54%	53%
igual aos outros	41%	27%
indiferente	0%	2%
Confiável		
Concordo	10%	2%
Discordo	65%	69%
igual aos outros	25%	27%
indiferente	0%	2%
Fiel		
Concordo	5%	2%
Discordo	52%	67%
igual aos outros	40%	29%
indiferente	3%	2%

Como você vê o Brasileiro residente nos Estados Unidos?	Homem	Mulher
Egoísta		
Concordo	22%	20%
Discordo	3%	22%
igual aos outros	57%	57%
indiferente	17%	2%
Fingido		
Concordo	27%	16%
Discordo	6%	24%
igual aos outros	62%	59%
indiferente	5%	2%
Traidor		
Concordo	54%	67%
Discordo	8%	14%
igual aos outros	35%	18%
indiferente	3%	2%
Malandro		
Concordo	63%	57%
Discordo	0%	6%
igual aos outros	37%	35%
indiferente	0%	2%
Preguiçoso		
Concordo	3%	4%
Discordo	83%	69%
igual aos outros	13%	12%
indiferente	2%	16%

O ir e vir do indivíduo migrante

Migração, em linhas gerais, significa o movimento do homem pelo espaço. É um fenômeno antigo - ocorre desde os primórdios, quando a população era obrigada a se deslocar, abandonando o local de moradia à procura de oportunidades mais atraentes para garantir a continuidade da espécie. Uma vez instalada em território mais farto, iniciava-se a busca por alimento, segurança e abrigo. Esgotados os recursos, o ciclo migratório se repetia.

Ainda que a migração seja tão antiga quanto o próprio homem, ela é constantemente renovada. Em cada época, as razões que levam o indivíduo a deixar um local e seguir em busca de outro são diferentes, relacionando-se com o período histórico de cada sociedade, por isso mesmo podemos dizer que se trata de um movimento histórico e social, ou seja, os processos podem ser semelhantes em todos os lugares, mas cada um apresentará sua peculiaridade.

Desta forma, a migração está ligada às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem nos diferentes lugares, fazendo com que o seu significado e as suas motivações apresentem variações no tempo e no espaço, conforme sinaliza Regina Santos.

“As migrações significam uma redistribuição espacial da população, que se adapta às condições ou às transformações econômicas que ocorrem no espaço geográfico. Quando as migrações definem correntes migratórias, elas são conseqüências demográficas das transformações econômicas”¹.

Atualmente cerca de **dois milhões e meio** de brasileiros residem e trabalham em terras estrangeiras. Os pontos preferidos são Paraguai, Estados Unidos e Europa, porém nem sempre foi assim no Brasil. Até o século passado o país destacava-se por ser grande receptor da mão-de-obra internacional, tendo recebido, principalmente, as colônias italiana, portuguesa, espanhola e japonesa. Das safras migratórias mais recentes, cerca de 80% dos que entram aqui são bolivianos, seguidos de peruanos, chineses e africanos de diferentes países.

¹ SANTOS, Regina Bega – Migração no Brasil. p. 8

Um ponto em comum entre esta legião de estrangeiros que chega ao Brasil e os milhares de residentes que o deixam é que nem sempre eles entram pela porta da frente do país receptor. Na prática, isso quer dizer viver na clandestinidade, sem endereço fixo, em casas sublocadas, distante dos direitos básicos de qualquer cidadão, desenvolvendo atividades laborais cuja remuneração muitas vezes é inferior ao determinado pela legislação ou pelo mercado de trabalho.

A condição de estrangeiro, sobretudo o ilegal, coloca o indivíduo à margem da sociedade, numa constante batalha emocional para aceitar e ser aceito nesta condição. A vida transcorre desorganizada e sem linearidade. O olhar ingênuo que proporciona motivação ao viajante é rapidamente substituído pela consciência de que estar numa determinada nação não transforma o homem em parte dela. São as pequenas, as mínimas diferenças que tornam o cotidiano do imigrante tão difícil, como aponta o antropólogo Roberto DaMatta em texto publicado no site da Flacso-Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

“Viver fora do país natal é viver como um objeto deslocado. Quando a pessoa imagina que está ‘por dentro’ e tem suficiente familiaridade, basta um evento-objeto, nome próprio, data ou palavra, sobretudo palavra – para confirmar a ignorância e o fosso incomensurável que separa e divide o nativo do estrangeiro”².

Os Estados Unidos, onde estão atualmente cerca de **um milhão** de brasileiros, já estiveram no Brasil na condição de imigrantes. A partir de 1865 mais de 40 mil sulistas deixaram suas residências, sendo que parte aportou no Brasil. Mas ao contrário da maioria dos brasileiros que ocuparam e ocupam os solos da América do Norte de maneira ilegal, os estadunidenses foram bem recebidos pelo imperador dom Pedro II, um incentivador do processo migratório da época, especialmente por tratar-se de investidores e não apenas de mão-de-obra operária.

Eles chegaram após o final da Guerra Civil Americana e com o incentivo do governo puderam escolher onde ficar e qual a melhor maneira de realizar o processo de deslocamento. Assim, a maioria instalou-se nas áreas próximas ao Rio de Janeiro e São Paulo, onde fundaram a cidade de Americana.

2 DAMATTA, Roberto, Flacso- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, s/data

Eugene C. Harter observa que a migração dos norte-americanos para o Brasil foi semelhante a ocorrida quando os Estados Unidos foram colonizados. A vantagem neste caso foi que ao se fazer valer de uma experiência anterior bem sucedida, eles minimizaram os impactos da movimentação pelo espaço geográfico.

“Os pioneiros que colonizaram o oeste dos Estados Unidos formaram caravanas de carroças e escolheram líderes experientes. Do mesmo modo, os colonizadores que rumavam para o Brasil logo perceberam que a formação de grupos de colonizadores oferecia os meios mais seguros e mais econômicos para viajarem para sua nova pátria. O primeiro passo quanto à organização de grupos deste tipo era explorar a terra que se pretendia colonizar. Aqueles que dispunham de fundos suficientes limitavam-se a embarcar num navio e visitavam os países pelos quais estavam interessados, mas a maioria dos exploradores era patrocinada por grupos de pessoas empenhadas na emigração”³.

Como ocorre praticamente em todos fluxos migratórios, o país, a cidade, o bairro receptores sofrem influências negativas e positivas com a presença dos novos moradores. A instalação dos norte-americanos representou progresso no mercado agrícola, no campo educacional e na saúde, mas não aconteceram trocas significativas nas questões religiosas e étnicas. No que concerne a agricultura, o desenvolvimento e aprimoramento de novas técnicas foram fundamentais na economia local, principalmente, no cultivo de algodão, pois para formar uma comunidade mais forte, poucos anos após chegarem os americanos ministravam cursos práticos aos fazendeiros vizinhos, que munidos com os avanços tecnológicos da época, diferenciavam-se no mercado nacional.

“Os brasileiros das redondezas, observando os Confederados iniciarem suas plantações, notaram suas técnicas agrícolas atualizadas e copiaram-nas.

³ HARTER, Eugene C, A Colônia Perdida da Confederação – A Imigração Norte-Americana para o Brasil Após a Guerra de Secessão. p. 49

Hoje em dia, estas fazendas brasileiras sobressaem dentre as outras e são reconhecidas como muito avançadas”⁴.

A emigração brasileira começou bem mais tarde, nas décadas de 60 e 70. Primeiro foram os mineiros quem partiram com destino aos Estados Unidos em busca do sonho americano. Este mito nasceu no período do pós-guerra, quando a França deixou de ter ascendência no Brasil e essa passou a pertencer aos Estados Unidos. Já nos anos 70, uma corrente emigratória, proveniente principalmente do Paraná, seguiu rumo ao Paraguai, onde tentaram se fixar como fazendeiros, pequenos agricultores e colonos.

Inicialmente, os brasileiros que rumaram para a América do Norte fixaram-se em Nova Iorque, incentivados por comerciantes americanos que compravam pedras preciosas em Minas Gerais para revendê-las em Nova Iorque.

“No começo dos anos 60, eles começaram um comércio de compra de gemas brasileiras e iam muito para Teófilo Otoni e outras cidades mineiras. Depois eles começaram a pagar passagens para as pessoas virem para cá e, acho que foi isso, deram uma boa mãozinha para o início da imigração dos mineiros”⁵.

O clima frio de Nova Iorque, a grandeza física e a agitação da cidade fizeram com que muitos brasileiros desejassem um ambiente residencial mais parecido com as cidades interioranas de Minas Gerais, neste contexto, começam os movimentos migratórios internos, sendo que um dos locais preferidos dos brasileiros foi o Sul da Flórida, um balneário de aparência e clima tropicais. Esta foi a escolha de Geraldo Soares, 60 anos, 40 deles divididos entre Nova Iorque, Flórida e Minas Gerais.

“Fui um dos primeiros a pisar nesta terra. Vim com mais cinco amigos trazendo pedras para joalheiros judeus. Nos primeiros anos íamos e

⁴ HARTER, Eugene C, A Colônia Perdida da Confederação – A Imigração Norte-Americana para o Brasil Após a Guerra de Secessão. p. 46

⁵ MEYHY, Brasil Fora de Si – Experiência de Brasileiros em Nova York, p. 59

voltávamos constantemente, depois as coisas foram ficando difíceis, muita gente fazendo o transporte... Os comerciantes tiveram problemas, pois tinha gente trazendo as pedras ilegalmente. É a velha história, sempre tem alguém querendo levar vantagem, dando um jeitinho e atrapalhando a atividade... Antigamente era bem melhor do que hoje. Até conseguir cidadania era fácil... fui legalizado com a ajuda de um desses comerciantes... Eu não sabia exatamente o que queria, no Brasil não me acostumava e Nova Iorque era frio nos dois sentidos... Foi quando resolvi tentar o Sul... Durante uns 10 anos passei o inverno trabalhando na Flórida, o verão em Nova Iorque e as férias em Minas Gerais, investindo e gastando os dólares... Hoje sou um 'bem sucedido' aposentado americano”.

Embora a migração brasileira tenha começado basicamente na década de 60, foram nos finais dos anos 80 e começo dos 90 que houve o grande boom de saídas de brasileiros rumo aos Estados Unidos ⁶ e Japão. Enquanto a mídia noticiava a economia em expansão destes dois países, relatava também um tripé de problemas internos, que refletiam diretamente no nível de emprego, nos arrojos salariais e na conduta diária dos indivíduos, ou seja, aumento da inflação, planos econômicos frustrados e a crescente dívida externa brasileira,

Para a socióloga Lili Kawamura, a migração de brasileiros para o Japão, faz parte do amplo processo migratório de trabalhadores brasileiros para o exterior (EUA, Europa, Ásia e América Latina), em busca de saídas individuais para a crise econômica brasileira, uma vez que diferentemente de casos de migração no passado, não ocorrem de forma sistemática com apoio governamental, sob uma política migratória. ⁷

Outro fator que contribuía para criar no imaginário dos futuros migrantes uma idéia de sucesso e conquista extensível a qualquer trabalhador se dava pelo noticiário, que mencionava o Japão e Estados Unidos como grande potência financeira e tecnológica, seguidas a elas vinham também a imagem de serem países tão abastados que móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos podiam ser

⁶ cf BEZERRA, B, *Brazilian Immigrants in the United States: cultural imperialism and Social Class*

⁷ KAWAMURA, Lili, socióloga e autora do livro *Para onde vão os brasileiros?*, sob o signo dos 3 Ks – *kitsui* (penoso), *kikken* (perigoso) e *kitanai* (sujo), que posteriormente foram acrescidos de mais dois adjetivos dados pelos próprios brasileiros *kibishii* (sacrificado) e *kirai* (desagradável)

encontrados na rua, tamanha a facilidade na troca por modelos mais recentes, proveniente de bons salários e crédito fácil.

A remuneração é, ainda hoje, o principal motivo para o brasileiro migrar e acontece numa proporção semelhante a que traz o boliviano para o Brasil: a relação entre o dólar americano e o real é praticamente a mesma entre o real e o peso: um para dois e meio, sendo que no Brasil esta diferença já foi bem maior, de um para quatro, devido a acelerada desvalorização que o Real vinha sofrendo frente ao dólar. Com essa conta tão desigual, o Brasil representa para muitos estrangeiros o que a América é para o brasileiro, ou o Japão para o dekassegui.

O salário médio do brasileiro residente em Pompano Beach é de aproximadamente US\$ 2.000 ao mês. A Flórida é conhecida por sua beleza e climas tropicais, mas é também um dos locais onde a mão-de-obra não é valorizada. Uma hora de trabalho pode ser de apenas US\$ 5 ou US\$ 6, dependendo da função, por isso para se ter a renda acima, o trabalhador estica sua jornada o máximo possível, deixando seu lar cedo e retornando à noite, como é o caso de Marina Bueno, formada em letras e administração, há quatro anos vivendo como imigrante.

“Eu era atendente numa agência do Banespa em Goiás, com a venda do banco, transformaram a agência num posto e quase todos funcionários foram demitidos. Eu ganhava bem, tinha meu horário tranqüilo. Aqui tiro entre US\$ 1.500 e US\$ 2.000, mas tenho que ralar muito, sábado, domingo, não tem dia santo...Nunca li um livro aqui, a rotina não permite. Casa, trabalho; trabalho; casa. Assim que chego começo a preparar as coisas para o dia seguinte. Minha diversão é escutar a novela enquanto preparo as coisas para o dia seguinte, às vezes consigo sentar para ver as últimas cenas. Este é meu lazer”.

O trabalhador americano que recebe cerca de US\$ 24 mil dólares por ano é considerado pouco preparado ou está em início de carreira, no entanto, esse mesmo valor no Brasil é creditado a profissionais de alta qualificação técnica, comerciantes e pequenos empresários. Para o brasileiro que acabou de chegar, deixando para trás uma situação econômica desfavorável ou de baixa remuneração, esses valores ganham ainda outra representatividade, significando a vitória financeira fora de casa. Neste caldeirão de desesperados por encontrarem atividades cuja remuneração seja

compatível com seus desejos e necessidades, estão pessoas recém-formadas, mão-de-obra altamente especializada que troca tudo por um trabalho de segunda linha, que os residentes locais se recusam a realizar.

A carioca Vânia Borba, 24, recém formada em fisioterapia desembarcou em Orlando há pouco mais de um ano. A Disney era apenas um pretexto para entrar nos Estados Unidos, pois seu local de trabalho era Coral Spring, área de classe média alta nos arredores de Pompano Beach.

“Acertei tudo antes de sair do Brasil. Meu salário seria de U\$\$ 1.200,00 por mês para eu cuidar de uma criança e fazer alguns trabalhos da casa. Fiquei na dúvida no começo, mas como estagiária em fisioterapia minha ajuda de custo era de R\$ 350,00 e um profissional começa a carreira com cerca de R\$ 1.300,00... Eu pensei que quando chegasse iria poder sair, passear, fazer cursos, mas o trabalho da casa me consome. Não era bem como eu pensava. Só não é pior porque aplico parte das coisas que aprendi na faculdade com a criança e não gasto nada para morar aqui. Tenho noção de que nunca vou ganhar isso quando voltar, então tenho que economizar muito para valer a pena e ficar o máximo de tempo que puder. Como ainda não falo o idioma com perfeição, sinto um pouco de medo de me aventurar em outras atividades”.

O discurso de Vânia encontra ressonância nas palavras do boliviano M.A, 25, entrevistado pela Revista da Folha de São Paulo, edição 20 de março de 2005, que chegou ao Brasil há pouco mais de um ano.⁸

“M.A, 25, veio atraído pelo anúncio de emprego com direito a moradia, comida e salário de US\$ 100 (R\$ 270, considerado de classe média na Bolívia). Entrou no país pela fronteira do Paraguai, que cruzou a pé. Quando chegou em São Paulo, no entanto, não encontrou exatamente o que imaginava: a moradia, na verdade, era um cortiço no Bom Retiro, onde tinha direito a um apenas banho por semana; o cardápio se restringia a arroz com salsicha e o

⁸ Revista da Folha de São Paulo, edição 20 de março de 2005, ano 13, n° 661, p.15

salário não passava de R\$ 200. Mesmo assim, ficou. ‘Pelo menos aqui há emprego’, diz”.

A mídia tem noticiado freqüentemente casos em que pessoas são atraídas por falsas promessas de trabalho no exterior, ou ofertas extremamente atraentes aqui, mas que na prática revelam-se atividades em condições questionáveis. Nos piores casos, quando os estrangeiros desembarcam têm os documentos apreendidos, ficando à mercê de quadrilhas especializadas em funções ilegais. Os anúncios de trabalhos inexistentes são, de maneira geral, relativos a atividades escravas e prostituição. Uma vez sob o controle de seus “empregadores”, a pessoa é mantida numa espécie de cárcere privado, limitando o deslocamento do imigrante. Para conseguirem se libertar eles têm de pagar as despesas das viagens, o que significa jornadas intermináveis ou fugir, como normalmente acontece com quem acaba caindo na rota da prostituição.

Evitar que situações semelhantes continuem pauta da mídia, seria necessário uma dose expressiva de coragem e boa vontade dos países que enviam e recebem mão-de-obra. O Japão é um exemplo na tentativa de acabar com esse comércio irregular de operários. Pioneiro em banir os casos de abuso, criou uma modalidade de visto de trabalho com duração de dois anos, em que o operário acerta as condições de atividade antes mesmo de deixar sua terra natal, como tudo acontece com contratos firmados entre as partes, o imigrante fica sabendo antes mesmo de embarcar quanto de sua remuneração será destinada ao pagamento da agência que o contratou, quanto terá de custo com moradia e alimentação. Os contratos podem ser interrompidos por uma das partes, mas normalmente as punições nestes casos já estão descritas no documento.

Assim, o dekasegui não precisa entrar ilegalmente no Japão. Ele é livre, desde que cumpra o acordado, situação bem diferente da encontrada pelos bolivianos que entram no Brasil, onde vivem constante vigilância dos donos das empresas onde atuam. Já o brasileiro que entra ilegalmente nos Estados Unidos não tem sua liberdade de ir e vir cerceada, mas corre sério risco de ser denunciado às autoridades, caso entre pela fronteira do México e não cumpra acordos feitos com os traficantes de pessoas, os coiotes.

Os brasileiros que entram ilegalmente nos Estados Unidos precisam de uma reserva que varia entre **US\$ 10 e 15 mil**, dependendo o caminho e a forma que

escolhem para cruzar a fronteira. O financiamento vem normalmente da família, ou do uso de reservas proveniente de demissão, ou venda de algum imóvel. A forma de atuação dos brasileiros que seguem para a América do Norte ou Japão apresenta uma distância econômica significativa em relação ao grupo dos bolivianos, revelando que a maioria desses migrantes pertencem à classe média, e que de uma forma ou de outra têm capital ou condições para consegui-lo para se libertarem de seus “financiadores”. Já os vizinhos da Bolívia vêm em situação ainda mais desigual. São em sua maioria miseráveis em seu próprio país e aceitam trabalhar aqui praticamente na condição de escravos de seus compatriotas. Vivem na ou próximos à linha da miséria. Muitas vezes enfrentam a viagem sem dinheiro nenhum, orientados por coíotes pagos pelo dono da empresa onde irão trabalhar. Criam com esses “empresários” uma dívida a ser paga sem data marcada para terminar.

Nem todas as pessoas que migram o fazem por pressões econômicas, sociais ou políticas. Neste universo existem também os que se movimentam por vontade própria, levando em consideração motivos pessoais e subjetivos. São indivíduos predispostos a enfrentar o desconhecido, mas que não encontram grandes barreiras em voltar caso o encontro não seja marcadamente positivo ou benéfico. A mudança de país é, para estas pessoas, a possibilidade de resolução dos problemas enfrentados no Brasil. A viagem representa a fuga de um casamento mal sucedido, a solução das desilusões amorosas, o desejo de conhecer outra forma de vida, o pagamento da casa própria, a compra do diploma dos filhos e etc. O aeroporto transforma-se na possibilidade de satisfazer os desejos e inquietações tanto para ir quanto para retornar.

“Muitas vezes, determinadas situações familiares ou determinados tipos de temperamento levam algumas pessoas a migrar e outras não... Além de sofrerem as conseqüências dos processos sociais (mudanças políticas, econômicas) a história de vida de cada um influencia a tomada de decisão. Os imigrantes vão construindo por onde vão passando, pelos caminhos que vão percorrendo, a sua própria história, que é também a história do país. As motivações pessoais têm um peso na construção dessa história. O que

acontece na vida pessoal de cada indivíduo e as eventualidades a que ele está sujeito podem explicar os diferentes comportamentos”⁹.

Tornar-se estrangeiro

Decidir sobre a viagem é um processo de grande sofrimento e euforia. A coragem tem de ser multiplicada, pois da sua decisão depende o bem estar de várias outras pessoas envolvidas no processo. É preciso ter força para acreditar no sonho e animar todos que estão em volta, portanto, a vitória do viajante é também a vitória da família e dos amigos.

Idealizar uma vida melhor para si e seus familiares movimenta a vontade de romper com o cotidiano estabelecido no local de origem. Mas cruzar as fronteiras, ainda que provisoriamente, significa romper também com o que já foi estabelecido na terra natal, na cidade e na vila. A distância física é implacável, dissolvendo o cotidiano estabelecido anteriormente.

“Uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar em seu bairro, (em sua cidade) e sair desse contexto...é ser despido de um invólucro que, devido à sua familiaridade, protege o ser humano das perplexidade do mundo exterior”¹⁰.

Preparar a viagem é o primeiro encontro do viajante com o ser imigrante. Ao planejar a saída ele precisa pensar nas questões fundamentais para sua permanência fora de casa. Isso inclui desde questões como arrumar as malas até o planejamento detalhado das finanças, tempo de estadia, forma de comunicação e etc. Ainda com todo o cuidado na organização, o indivíduo só vai de fato compreender o que é o viver estrangeiro, quando estabelecer seu cotidiano em outro local.

O ser emigrado precisa ser absolutamente cuidadoso com as relações que ficam para trás e o medo de ser esquecido pela família e amigos alimenta o ritual de

⁹ SANTOS, Regina Bega – Migração no Brasil. p.10 e 11

¹⁰ TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.p.14. Apud SOARES, W. Ser valadarense: a conquista de nova posição no espaço social e a “(re) territorialização” na origem. Revista Travessia.p.26

colocar nas malas objetos que simbolizam relações afetivas, como pequenos presentes, fotos, fitas de vídeo, um presente dado por alguém especial.

Após os atentados de 11 de setembro o brasileiro precisou ter zelo extra ao preparar as malas para entrar no país do consumo. Presentes e lembranças delicadamente misturados às roupas devem ser evitados a toda prova, pois para a imigração é uma evidência do desejo de ficar no país, com isso, as lembranças (fotos, fitas de vídeo, cartas) que o brasileiro levava nas malas para diminuir a saudade, numa tentativa de solidificar os laços familiares foram praticamente extintas. Nem mesmo os tradicionais presentes para os amigos receptores devem ser transportados.

“O medo de que as autoridades o descubram passou a ser maior do que o medo de ver fragmentar na memória os laços familiares em decorrência da distância. “Parece muito importante trazer um pouco de algo que pode perder-se na vastidão ou no próprio mistério da memória, ou então se disfarçar com o encantamento que o tempo atribui gratuitamente às coisas”¹¹.

“Teve uma menina que veio com a mala cheia de cartas do namorado. Não deu outra, foi deportada. Imagina. Tinha tudo para cair na rede. Jovem, solteira, mineira e com as malas cheias... Não pode dar bandeira, amor se traz no coração e retrato na cabeça. Depois a família manda o papel pelo correio...” J.O..

Credenciar a resolução de todas as frustrações na fuga para o exterior é um erro que não raro culmina com a crítica ao sistema do país alheio, porque uma coisa é sair de casa tendo a convicção de que encontrará uma vida melhor fora, e outra bem diferente é ver o desejo se realizar neste novo local. Tornar-se estrangeiro requer compreender que o futuro pode estar mais próximo de casa, no retorno, ao apresentar ao país de origem soluções encontradas fora de casa.

No local receptor, o estrangeiro vive uma realidade incômoda, a de não saber qual será o futuro. Além disso, enfrenta um processo de perda constante, pois normalmente não visualiza o produto daquilo que ajudou a construir, ao ser desalojado, não consegue compreender qual o fruto de seu trabalho, assim, não se

¹¹ RAMOS, S.P, Hospitalidade e Migrações Internacionais: o Bem Receber e o ser Bem Recebido, p.44

enxerga como processo histórico e vai perdendo referências nos dois países, o que expulsou e o que acolheu.

“Trata-se de um trajeto feito de angústias, de sofrimentos, de inseguranças, mas também de emoção, de aventura e de muita coragem. Tornar-se um imigrante brasileiro em terras estrangeiras é um risco de ingresso em um processo de grandes perdas, mas também uma grande aposta que pode culminar na emoção de múltiplas vitórias”¹² .

O deslocamento interno (dentro do país receptor) oferece obstáculos semelhantes aos encontrados quando do primeiro movimento migratório, ou seja, do país de origem para o receptor. Se o indivíduo não tiver certo suporte na cidade escolhida ou uma rede de contatos, ele será apenas mais um estranho no ambiente, favorecendo o fechamento das oportunidades de trabalho e do convívio em grupo. É para evitar o desconhecido que a maioria só se desloca quando tem um colega, um amigo, um ente querido para lhe dar as boas-vindas, ainda que por um período curto de tempo. Envolver-se sozinho nesta aventura é um risco que poucos viajantes estão dispostos a enfrentar e, quando tentam, os resultados são quase sempre frustrantes.

“Cheguei em 1987 depois de ser demitido de uma empresa metalúrgica em São Paulo. Meu pai, que é de Minas, morava em Newark e insistiu para eu vir porque aqui era a terra da oportunidade. Foi a decisão mais difícil da minha vida...sem emprego em São Paulo, com mulher e filhos para manter, acabei vindo...Cheguei depois do Ano-Novo, um frio insuportável, mas fiquei...Depois de uns 4 anos meu pai voltou para o Brasil e eu já me sentia seguro para tentar a vida em outra região. Fui para Atlanta, que é um pouco mais quente. Lá eu não conhecia ninguém, não tinha amigos e diferente de Newark ou Boston, não existem igrejas ou ambientes para brasileiros.... lá o preconceito é grande. Tive depressão fortíssima, foi pior do que sair de São Paulo...A Flórida é igual ao Brasil, porém, mais organizado, limpo e rico...tem praia, sol

¹² RAMOS, S,P, Hospitalidade e Migrações Internacionais: o Bem Receber e o ser Bem Recebido, p.44

e gente alegre o ano todo...Hoje posso afirmar: meu pai veio porque lhe foi oferecida uma oportunidade. Eu vim porque me tiraram a oportunidade..."

O olhar de quem se mudou por iniciativa própria ou a convite de empresa com oferta de legalidade, bons salários e oportunidade, é normalmente, menos saudosista em relação ao Brasil, pois não há barreiras que o impeça de ir e vir quando lhe for conveniente, transformando seu sentido de posse pela terra Pátria em algo que ainda existe, diferentemente de quem foi forçado a deixar sua residência.

Além disso, este profissional tem uma dimensão exata de que está a serviço de uma empresa, cumprindo uma tarefa com prazo determinado para terminar, sabendo, então qual seu papel naquela comunidade.

"Moro em Fort Lauderdale há mais de três anos. Vim ocupar um cargo na área comercial da empresa por dois anos, mas houve uma excelente oportunidade de continuar na função ... Já perdi as contas de quantas faxineiras passaram por esta casa. Às vezes comparo minha vida com a delas e tenho pena, pois nada aqui é fixo e duradouro. A perspectiva positiva é que elas nos abandonam com muita facilidade, sempre que outro cliente oferecer um valor melhor para o mesmo trabalho. Não há compromisso, mas também não há planejamento....não emprego brasileiras, só contrato faxineiras de outros países...Acho que as brasileiras esperam que você tenha carinho e atenção, não entendem que temos uma relação de trabalho....Um simples pedido para melhorar o trabalho é como se fosse uma grande ofensa.... Teve uma que chorou porque pedi para limpar melhor chão do banheiro... acho que se sentiu humilhada, mas não foi essa minha intenção. Ela era professora no Brasil e faxineira aqui...Disseram-me que vem muito brasileiro aqui que no Brasil tem curso superior, então lá eles tinham empregados e acham que estamos esnobando quando cobramos uma tarefa bem feita. Na opinião deles é como se disséssemos que somos bem-sucedidos e eles não.... Elas precisam entender que isso é uma relação de trabalho e como toda relação de trabalho precisa de uma orientação para ser concretizada com sucesso. A única vantagem nesta relação é falar a mesma

língua. P.A, 48, executivo em uma empresa multinacional da área de informática”.

Os trabalhadores que não têm suas atividades fiscalizadas por órgãos públicos ou registrada de alguma maneira junto ao fisco local, sentem-se muito mais livre para deixar a execução da tarefa em qualquer momento, afinal não há compromisso de nenhuma das partes. É uma relação vantajosa para empregado e empregador. O primeiro porque normalmente está em situação ilegal, o segundo por não ter responsabilidades para com o primeiro.

O trabalho sem nenhum direito ao trabalhador, mas com todas as benesses para o proprietário acontecia no passado numa situação de medo e dominação. O sistema não possibilitava a formação de um mercado livre, pois o colono para subsistir acabava se endividando junto ao proprietário.

No passado os colonos se juntaram em comunidades e revoltosos procuraram às autoridades em busca de apoio e condições mais justas para executarem suas atividades. Mas o grupo de trabalhadores indocumentados não pode recorrer às autoridades, pois são eles mesmos migrantes em condições irregulares, no entanto, não se comprometem com ninguém abandonando qualquer um a qualquer momento, sem mais explicações, não importando o motivo, como no relato de Ana Rosa.

“As pessoas que te contratam acham que podem tirar seu couro porque você é imigrante. E para o americano todo mundo é miserável em seu país, ilegal, e ninguém paga imposto. Mas e no mercado ou toda vez que a gente compra alguma coisa. O que são os 6% extras na nota??? Não é uma forma de imposto? Cansada dessa ladainha um dia resolvi chutar o balde...eu estava limpando a casa da patroa, na hora de ir embora ela me deu 55 dólares, o combinado era 70. Achei que ela tinha errado e fui falar com ela. A dona pegou uma calculadora e fez as contas dizendo que estava saindo toda semana mais cedo e que estava descontando daquela limpeza. Tentei argumentar, mas ela fez que não entendeu meu inglês. Fui embora odiando a situação e aquela mulher, pois eu não tinha negociado nada por hora. Ela me contratou para limpar a casa e não o relógio dela. Voltei mais algumas vezes e ficava enrolando até dar umas sete horas de trabalho. Um dia ela veio me

pagar antes e disse que no ritmo que eu estava terminaria antes, então ia me dar 60 dólares. Peguei o dinheiro agradei e falei: “estou indo embora, por 60 eu trabalho só até aqui”, deixei tudo no caminho balde, vassoura...foi a melhor atitude da minha vida. Não sou cachorra nem prisioneira. Sou imigrante e a América está cheia de oportunidades para quem trabalha direitinho... Eu vim para cá para ser feliz, conquistar minha independência e estudar meus filhos não para ser humilhada por dondoca americana. Depois dessa atitude emprego nenhum me prende...quando canso, chuto o balde, de verdade”.

Portanto, para transformar-se em estrangeiro não basta apenas estar em outro local. São necessárias adaptações que nem sempre a pessoa está predisposta a incorporar, como língua, costume, cultura, hábitos, inclusive ao sistema financeiro vigente na sociedade escolhida.

Pode-se dizer que na história das migrações, sejam elas internas ou externas, o enredo é sempre o mesmo. Com raras exceções, mudam-se os personagens, o destino, a paisagem, o momento, a sociedade, mas é sempre uma história de sofrimento e vitória, de encontro e desencontro, de ganhos e perdas, mas principalmente de buscas. Busca por um lugar onde se possa ser feliz, onde se possa fixar raiz e encontrar, quem sabe, uma nova tradição. É a busca por uma sociedade onde se possa ser aceito, busca pela esperança de uma vida melhor, onde os desejos se realizem.

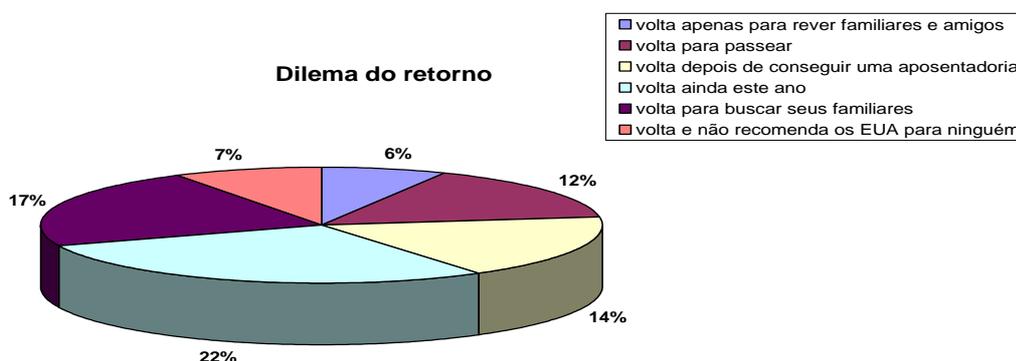


Figura 11

Migração: escolhas e renúncias

Migração, conforme definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa significa *“movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduo ou grupo de indivíduos, geralmente em busca de melhores condições de vida [essa movimentação pode ser entre países diferentes ou dentro de um mesmo país]”*¹.

Portanto, migração significa o movimento do homem pelo espaço. É um fenômeno antigo - ocorre desde os primórdios, quando a população era obrigada a se deslocar, abandonando o local de moradia à procura de oportunidades mais atraentes para garantir a continuidade da espécie. Uma vez instalada em território farto, iniciava-se a busca por alimento, segurança e abrigo. Esgotados os recursos, o ciclo migratório se repetia.

Ainda que a migração seja tão antiga quanto o próprio homem, ela é constantemente renovada. Em cada época, as razões que levam o indivíduo a deixar um local e seguir em busca de outro são diferentes, relacionando-se com o período histórico de cada sociedade, por isso mesmo podemos dizer que se trata de um movimento histórico e social, ou seja, os processos podem ser semelhantes em todos os lugares, mas cada um apresentará sua peculiaridade.

Desta forma, a migração está ligada às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem nos diferentes lugares, fazendo com que o seu significado e as suas motivações apresentem variações no tempo e no espaço. Regina Santos sinaliza que:

*“As migrações significam uma redistribuição espacial da população, que se adapta às condições ou às transformações econômicas que ocorrem no espaço geográfico. Quando as migrações definem correntes migratórias, elas são conseqüências demográficas das transformações econômicas”*².

Atualmente, conforme já citamos neste trabalho, cerca de dois milhões e meio de brasileiros residem e trabalham em terras estrangeiras. Os pontos preferidos são Paraguai, Estados Unidos e Europa, porém nem sempre foi assim no Brasil. Até o

¹ ANTÔNIO, H; VILLAR, M.S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p. 1920

² SANTOS, R. B. Migração no Brasil, p. 8

século passado o país destacava-se por ser grande receptor da mão-de-obra internacional, tendo recebido, principalmente, as colônias italiana, portuguesa, espanhola e japonesa. Das safras migratórias mais recentes, cerca de 80% dos que entram aqui são coreanos, bolivianos, seguidos de peruanos, chineses e africanos de diferentes países.

Um ponto em comum entre esta legião de estrangeiros que chega ao Brasil e os milhares de residentes que o deixam é que nem sempre eles entram pela porta da frente do país receptor. Na prática, isso quer dizer viver na clandestinidade, sem endereço fixo, em casas sublocadas, distante dos direitos básicos de qualquer cidadão, desenvolvendo atividades laborais cuja remuneração muitas vezes é inferior ao determinado pela legislação ou pelo mercado de trabalho.

A condição de estrangeiro - sobretudo o que se encontra clandestinamente em país alheio - coloca o indivíduo à margem da sociedade, numa constante batalha emocional para aceitar e ser aceito nesta condição. A vida, para quem tem nome e sobrenome subjugados, transcorre desorganizada e sem linearidade. O olhar ingênuo que proporciona motivação ao viajante é rapidamente substituído pela consciência de que estar numa determinada nação não transforma o homem em parte dela. São as pequenas, as mínimas diferenças que tornam o cotidiano do imigrante tão difícil, como aponta o antropólogo Roberto DaMatta em texto publicado no site da Flacso- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

“Viver fora do país natal é viver como um objeto deslocado. Quando a pessoa imagina que está ‘por dentro’ e tem suficiente familiaridade, basta um evento-objeto, nome próprio, data ou palavra, sobretudo palavra – para confirmar a ignorância e o fosso incomensurável que separa e divide o nativo do estrangeiro³.”

Americanos no Brasil

Os Estados Unidos, local preferido do brasileiros migrantes - já estiveram no Brasil na condição de imigrantes, quando a partir de 1865 mais de 40 mil sulistas deixaram suas residências, fugindo dos estragos causados pela Guerra Civil Americana.

³ Cf. DAMATTA, Roberto, Flacso- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, s/data. In: http://www.flacso.org.br/index.php?acao=princ&id=2&id_prin=143

Porém, ao contrário da maioria dos brasileiros que ocuparam e ocupam os solos da América do Norte de maneira ilegal, os estadunidenses foram bem recebidos pelo imperador dom Pedro II, um incentivador do processo migratório da época, especialmente por tratar-se de investidores e não apenas de mão-de-obra operária.

Eles chegaram após o final da Guerra Civil Americana e com o incentivo do governo puderam escolher onde ficar e qual a melhor maneira de realizar o processo de deslocamento. Assim, a maioria instalou-se nas áreas próximas ao Rio de Janeiro e São Paulo, onde fundaram a cidade de Americana.

A migração dos norte-americanos para o Brasil foi semelhante a ocorrida quando os Estados Unidos foram colonizados. A vantagem neste caso foi que ao se fazer valer de uma experiência anterior bem sucedida, eles minimizaram os impactos da movimentação pelo espaço geográfico, segundo observa Eugene C. Harter:

“Os pioneiros que colonizaram o oeste dos Estados Unidos formaram caravanas de carroças e escolheram líderes experientes. Do mesmo modo, os colonizadores que rumavam para o Brasil logo perceberam que a formação de grupos de colonizadores oferecia os meios mais seguros e mais econômicos para viajarem para sua nova pátria. O primeiro passo quanto à organização de grupos deste tipo era explorar a terra que se pretendia colonizar. Aqueles que dispunham de fundos suficientes limitavam-se a embarcar num navio e visitavam os países pelos quais estavam interessados, mas a maioria dos exploradores era patrocinada por grupos de pessoas empenhadas na emigração”⁴.

Como ocorre praticamente em todos fluxos migratórios, o país, a cidade, o bairro receptores sofrem influências negativas e positivas com a presença dos novos moradores. A instalação dos norte-americanos representou progresso no mercado agrícola, no campo educacional e na saúde, mas não aconteceram trocas significativas nas questões religiosas e étnicas. No que concerne a agricultura, o desenvolvimento e aprimoramento de novas técnicas foram fundamentais na

⁴ HARTER, E. C. A colônia perdida da confederação – a imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra de Secessão, p. 49

economia local, principalmente no cultivo de algodão, pois para formar uma comunidade mais forte, os americanos ministravam cursos práticos aos fazendeiros vizinhos, que munidos com os avanços tecnológicos da época, diferenciavam-se no mercado nacional.

“Os brasileiros das redondezas, observando os Confederados iniciarem suas plantações, notaram suas técnicas agrícolas atualizadas e copiaram-nas. Hoje em dia, estas fazendas brasileiras sobressaem dentre as outras e são reconhecidas como muito avançadas”⁵.

A emigração brasileira começou no século XX, nas décadas de 60 e 70. Primeiro foram os mineiros quem partiram com destino aos Estados Unidos em busca do sonho americano. Já nos anos 70, uma corrente emigratória formada por fazendeiros, pequenos agricultores e colonos, principalmente do Paraná, seguiu rumo ao Paraguai.

Inicialmente, os brasileiros que rumaram para a América do Norte fixaram-se em Nova Iorque, incentivados por comerciantes americanos que compravam pedras preciosas em Minas Gerais para revendê-las em Nova Iorque.

“No começo dos anos 60, eles começaram um comércio de compra de gemas brasileiras e iam muito para Teófilo Otoni e outras cidades mineiras. Depois eles começaram a pagar passagens para as pessoas virem para cá e, acho que foi isso, deram uma boa mãozinha para o início da imigração dos mineiros⁶.”

O clima frio de Nova Iorque, a grandeza física e a agitação da cidade fizeram com que muitos brasileiros desejassem um ambiente residencial mais aconchegante. Neste contexto, começam os movimentos migratórios internos, sendo que um dos locais preferidos dos brasileiros foi o Sul da Flórida, um balneário de aparência e clima tropicais. Esta foi a escolha de Geraldo Soares, 60 anos, 40 deles divididos entre Nova Iorque, Flórida e Minas Gerais.

⁵ HARTER, E. C. A colônia perdida da confederação – a imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra de Secessão, p. 46

⁶ MEIHY, J.C.S B. Brasil Fora de si: experiência de brasileiros em Nova York, p. 59

“Fui um dos primeiros a pisar nesta terra. Vim com mais cinco amigos trazendo pedras para joalheiros judeus. Nos primeiros anos íamos e voltávamos constantemente, depois as coisas foram ficando difíceis, muita gente fazendo o transporte. Os comerciantes tiveram problemas, pois tinha gente trazendo as pedras ilegalmente. É a velha história, sempre tem alguém querendo levar vantagem, dando um ‘jeitinho’ e atrapalhando a atividade. Antigamente era bem melhor do que hoje. Até conseguir cidadania era fácil [...] fui legalizado com a ajuda de um desses comerciantes. Eu não sabia exatamente o que queria, no Brasil não me acostumava e Nova Iorque era frio nos dois sentidos. Foi quando resolvi tentar o Sul. Durante uns 10 anos passei o inverno trabalhando na Flórida, o verão em Nova Iorque e as férias em Minas Gerais, investindo e gastando os dólares [...] Hoje sou um ‘bem sucedido’ aposentado americano”.

Embora a migração brasileira tenha começado basicamente na década de 60, foram os anos 80 e começo dos 90 os responsáveis pelo grande *boom* de saídas de brasileiros rumo aos Estados Unidos e Japão⁷. Enquanto a mídia noticiava a economia em expansão desses dois países, relatava também uma série de problemas internos, entre eles aumento da inflação, planos econômicos ruins e a crescente dívida externa brasileira. Tudo isso refletia no cotidiano da população, com o desaparecimento das ofertas de emprego e arrocho salarial.

As notícias da época também contribuíram para criar no imaginário dos futuros migrantes uma idéia de sucesso e conquista extensível a qualquer trabalhador, pois mencionavam o Japão e Estados Unidos como grandes potências financeiras e tecnológicas, seguindo essas informações, vinham também a imagem de serem países tão abastados que móveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos podiam ser encontrados na rua, tamanha a facilidade na troca por modelos mais recentes, proveniente de bons salários e crédito fácil.

Fuga da crise

Para a socióloga Lili Kawamura, a migração de brasileiros para o Japão faz parte do amplo processo migratório de trabalhadores brasileiros para o exterior em

⁷ Cf BEZERRA, B. Brazilian Immigrants in the United States: cultural imperialism and Social Class

busca de saídas individuais para a crise econômica brasileira, uma vez que diferentemente de casos de migração no passado, não ocorrem de forma sistemática com apoio governamental, sob uma política migratória⁸.

Desta forma, a remuneração foi - e continua sendo - o principal motivo para o brasileiro migrar e acontece numa proporção semelhante a que traz o boliviano para o Brasil: a relação entre o dólar americano e o real é praticamente a mesma entre o real e o peso: um para dois e meio, sendo que no Brasil esta diferença já foi bem maior, de um para quatro, devido a acelerada desvalorização que o Real vinha sofrendo frente ao dólar⁹. Com essa conta tão desigual, o Brasil representa para muitos estrangeiros o que a América é para o brasileiro, ou o Japão para o dekassegui.

O salário médio do brasileiro residente em Pompano Beach é de aproximadamente U\$\$ 2.000 ao mês. A Flórida é conhecida por sua beleza e clima tropicais, mas é também um dos locais onde a mão-de-obra tem pouca valorização. Uma hora de trabalho pode ser de apenas U\$\$ 5 ou US\$ 6, dependendo da função, por isso para se ter a renda acima, o trabalhador estica sua jornada o máximo possível, deixando seu lar cedo e retornando à noite, como é o caso de Marina Bueno, 40 anos, formada em letras e administração, há quatro anos vivendo como imigrante.

“Eu era atendente numa agência do Banespa em Goiás, com a venda do banco, transformaram a agência num posto e quase todos funcionários foram demitidos. Eu ganhava bem, tinha meu horário tranqüilo. Aqui tiro entre U\$\$ 1.500 e U\$\$ 2.000, mas tenho que ralar muito, sábado, domingo, não tem dia santo [...] Nunca li um livro aqui, a rotina não permite. Casa, trabalho; trabalho; casa. Assim que chego começo a preparar as coisas para o dia seguinte. Minha diversão é escutar a novela enquanto preparo as coisas para o dia seguinte, às vezes consigo sentar para ver as últimas cenas. Este é meu lazer”.

⁸ Cf KAWAMURA, Lili, socióloga e autora do livro *Para onde vão os brasileiros?*, sob o signo dos 3 Ks – *kitsui* (penoso), *kikken* (perigoso) e *kitanai* (sujo), que posteriormente foram acrescidos de mais dois adjetivos dados pelos próprios brasileiros *kibishii* (sacrificado) e *kirai* (desagradável)

⁹ Os valores são referentes a julho de 2005. Segundo dados da Gazeta Mercantil de SP o valor médio da moeda no mês foi de US\$ 2,40

Recursos Humanos

O trabalhador americano que recebe cerca de US\$ 24 mil dólares por ano é considerado pouco preparado ou está em início de carreira, no entanto, esse mesmo valor no Brasil é creditado a profissionais com boa ou alta qualificação técnica, comerciantes e pequenos empresários. Para o brasileiro que acabou de chegar, deixando aqui uma situação econômica desfavorável, esses valores ganham ainda outra representatividade, significando a vitória financeira fora de casa. Neste caldeirão de desesperados por encontrarem atividades cuja remuneração seja compatível com seus desejos e necessidades, estão pessoas de todos os níveis, inclusive com formação acadêmica superior, que trocam as opções nacionais por um trabalho de segunda linha, normalmente recusado pelos próprios norte-americanos.

Está é a história da carioca Vânia Borba. Aos 24 anos, recém formada em fisioterapia desembarcou em Orlando há pouco mais de um ano. A Disney era apenas um pretexto para entrar nos Estados Unidos, pois seu local de trabalho era Coral Spring, área de classe média alta nos arredores de Pompano Beach.

“Acertei tudo antes de sair do Brasil. Meu salário seria de U\$\$ 1.200,00 por mês para eu cuidar de uma criança e fazer alguns trabalhos da casa. Fiquei na dúvida no começo, mas como estagiária em fisioterapia minha ajuda de custo era de R\$ 350,00 e um profissional começa a carreira com cerca de R\$ 1.300,00 [...] Eu pensei que quando chegasse iria poder sair, passear, fazer cursos, mas o trabalho da casa me consome. Não era bem como eu pensava. Só não é pior porque aplico parte das coisas que aprendi na faculdade com a criança e não gasto nada para morar aqui. Tenho noção de que nunca vou ganhar isso quando voltar, então tenho que economizar muito para valer a pena e ficar o máximo de tempo que puder. Como ainda não falo o idioma com perfeição, sinto um pouco de medo de me aventurar em outras atividades”.

O discurso de Vânia encontra ressonância nas palavras do boliviano M.A, 25 anos, que chegou ao Brasil há pouco mais de um ano.¹⁰

¹⁰ Revista da Folha de São Paulo, edição 20 de março de 2005, ano 13, n° 661, p.15

“M.A, 25, veio atraído pelo anúncio de emprego com direito a moradia, comida e salário de US\$ 100 (R\$ 270, considerado de classe média na Bolívia). Entrou no país pela fronteira do Paraguai , que cruzou a pé. Quando chegou em São Paulo, no entanto, não encontrou exatamente o que imaginava: a moradia , na verdade, era um cortiço no Bom Retiro, onde tinha direito a apenas banho por semana; o cardápio se restringia a arroz com salsicha e o salário não passava de R\$ 200. Mesmo assim, ficou. ‘Pelo menos aqui há emprego’, diz”.

A mídia tem noticiado freqüentemente casos em que pessoas são atraídas por falsas promessas de trabalho no exterior, ou ofertas extremamente atraentes aqui, mas que na prática revelam-se atividades em condições questionáveis. Nos piores casos, quando os estrangeiros desembarcam têm os documentos apreendidos, ficando à mercê de quadrilhas especializadas em funções ilegais. Os anúncios de trabalhos inexistentes são, de maneira geral, relativos a atividades escravas e prostituição. Uma vez sob o controle de seus “empregadores”, a pessoa é mantida numa espécie de cárcere privado, limitando o deslocamento do imigrante. Para se libertarem têm de pagar as despesas das viagens, o que significa jornadas intermináveis, ou fugir como normalmente acontece com quem acaba caindo na rota da prostituição.

Evitar que situações semelhantes continuem pauta da mídia, seria necessário uma dose expressiva de coragem e boa vontade dos países que enviam e recebem mão-de-obra. O Japão é um exemplo na tentativa de acabar com esse comércio irregular de operários. Pioneiro em banir os casos de abuso, criou uma modalidade de visto de trabalho com duração de dois anos, em que o operário acerta as condições de atividade antes mesmo de deixar sua terra natal, como tudo acontece com contratos firmados entre as partes, o imigrante fica sabendo antes mesmo de embarcar quanto de sua remuneração será destinada ao pagamento da agência que o contratou e quanto terá de custo com moradia e alimentação. Os contratos podem ser interrompidos por uma das partes, mas normalmente as punições nestes casos já estão descritas no documento.

Assim, o dekasegui não precisa entrar ilegalmente no Japão. Ele é livre, desde que cumpra o acordado, situação bem diferente da encontrada pelos

bolivianos que entram no Brasil, onde vivem constante vigilância dos donos das empresas contratantes. Já o brasileiro que entra ilegalmente nos Estados Unidos não tem sua liberdade de ir e vir cerceada, mas corre sério risco de ser denunciado às autoridades, caso entre pela fronteira do México e não cumpra acordos feitos com os traficantes de pessoas, os 'coiotes'.

Os brasileiros que entram ilegalmente nos Estados Unidos (como veremos mais adiante) precisam de uma reserva que varia entre US\$ 10 e 15 mil, dependendo o caminho e a forma que escolhem para cruzar a fronteira. O financiamento vem normalmente da família, do uso de reservas proveniente de demissão ou venda de algum imóvel. Os brasileiros que seguem para a América do Norte ou Japão apresentam uma distância econômica significativa em relação ao grupo dos bolivianos, revelando que a maioria desses migrantes brasileiros pertencem à classe média e que de alguma maneira têm capital ou condições para consegui-lo para se libertarem de seus "financiadores".

Já os vizinhos da Bolívia vêm em situação ainda mais desigual. São em sua maioria miseráveis em seu próprio país e aceitam trabalhar aqui praticamente na condição de escravos de seus compatriotas. Vivem na ou próximos à linha da miséria. Muitas vezes enfrentam a viagem sem dinheiro nenhum, orientados por 'coiotes' pagos pelo dono da empresa onde irão trabalhar. Criam com esses 'empresários' uma dívida a ser paga sem data marcada para terminar.

Questões pessoais

Nem todas as pessoas que migram o fazem por pressões econômicas, sociais ou políticas. Neste universo existem também os que se movimentam por vontade própria, levando em consideração motivos pessoais e subjetivos. São indivíduos predispostos a enfrentar o desconhecido, mas que não encontram grandes barreiras em voltar caso o encontro não seja marcadamente positivo ou benéfico. A mudança de país é, para estas pessoas, a possibilidade de resolução dos problemas enfrentados no Brasil. A viagem representa a fuga de um casamento mal sucedido, a solução das desilusões amorosas, o desejo de conhecer outra forma de vida, o pagamento da casa própria, a compra do diploma dos filhos e etc. O aeroporto transforma-se na possibilidade de satisfazer os desejos e inquietações tanto para ir quanto para retornar.

“Muitas vezes, determinadas situações familiares ou determinados tipos de temperamento levam algumas pessoas a migrar e outras não[...] Além de sofrerem as conseqüências dos processos sociais (mudanças políticas, econômicas) a história de vida de cada um influencia a tomada de decisão. Os imigrantes vão construindo por onde vão passando, pelos caminhos que vão percorrendo, a sua própria história, que é também a história do país. As motivações pessoais têm um peso na construção dessa história. O que acontece na vida pessoal de cada indivíduo e as eventualidades a que ele está sujeito podem explicar os diferentes comportamentos”¹¹ .

Tornar-se estrangeiro

Decidir sobre a viagem é um processo de grande sofrimento e euforia. A coragem tem de ser multiplicada, pois da sua decisão depende o bem estar de várias outras pessoas envolvidas no processo. É preciso ter força para acreditar no sonho e animar todos que estão em volta, portanto, a vitória do viajante é também a vitória da família e dos amigos.

Idealizar uma vida melhor para si e seus familiares movimenta a vontade de romper com o cotidiano estabelecido no local de origem. Mas cruzar as fronteiras, ainda que provisoriamente, significa romper também com o que já foi estabelecido na terra natal, na cidade e na vila. A distância física é implacável, dissolvendo o cotidiano estabelecido anteriormente.

“Uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar em seu bairro, (em sua cidade) e sair desse contexto...é ser despido de um invólucro que, devido à sua familiaridade, protege o ser humano das perplexidade do mundo exterior”¹².

Preparar a viagem é o primeiro encontro do viajante com o ser imigrante. Ao planejar a saída ele precisa pensar nas questões fundamentais para sua permanência fora de casa. Isso inclui desde questões como arrumar as malas até o planejamento detalhado das finanças, tempo de estada e forma de comunicação.

¹¹ SANTOS, R. B. Migração no Brasil. p.10 e 11

¹² SOARES, W. Ser valadarense: a conquista de nova posição no espaço social e a “(re) territorialização” na origem. In: Revista Travessia.ano VIII, nº 21, janeiro/abril, p.26

Ainda com todo o cuidado na organização, o indivíduo só vai de fato compreender o que é o viver estrangeiro, quando estabelecer seu cotidiano em outro local.

O emigrado precisa ser absolutamente cuidadoso com as relações que ficam para trás e o medo de ser esquecido pela família e amigos alimenta o ritual de colocar nas malas objetos que simbolizam relações afetivas, como pequenos presentes, fotos, fitas de vídeo, um presente dado por alguém especial.

Barreiras

Após os atentados de 11 de setembro o brasileiro precisou ter zelo extra ao preparar as malas para entrar no país do consumo. Presentes e lembranças delicadamente misturados às roupas devem ser evitados a toda prova, pois para a imigração é uma evidência do desejo de ficar no país, com isso, as lembranças (fotos, fitas de vídeo, cartas) que o brasileiro levava nas malas para diminuir a saudade, numa tentativa de solidificar os laços familiares foram praticamente extintas. Nem mesmo os tradicionais presentes para os amigos receptores devem ser transportados, conforme recomenda José Oristes, 43 anos, há 12 nos Estados Unidos.

“Teve uma menina que veio com a mala cheia de cartas do namorado. Não deu outra, foi deportada. Imagina. Tinha tudo para cair na rede. Jovem, solteira, mineira e com as malas cheias [...] Não pode dar bandeira, amor se traz no coração e retrato na cabeça. Depois a família manda o papel pelo correio.”

Para a socióloga Silvana Pirillo Ramos:

“o medo de que as autoridades o descubram passou a ser maior do que o medo de ver fragmentar na memória os laços familiares em decorrência da distância. Parece muito importante trazer um pouco de algo que pode perder-se na vastidão ou no próprio mistério da memória, ou então se disfarçar com o encantamento que o tempo atribui gratuitamente às coisas”¹³.

¹³ RAMOS, S.P. Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido, p.44

Credenciar a resolução de todas as frustrações na fuga para o exterior é um erro que não raro culmina com a crítica ao sistema do país alheio, porque uma coisa é sair de casa tendo a convicção de que encontrará uma vida melhor fora, e outra bem diferente é ver o desejo se realizar neste novo local. Tornar-se estrangeiro requer compreender que o futuro pode estar mais próximo de casa, no retorno, ao apresentar ao país de origem soluções encontradas fora de casa.

No local receptor, o estrangeiro vive uma realidade incômoda, a de não saber qual será o futuro. Além disso, enfrenta um processo de perda constante, pois normalmente não visualiza o produto daquilo que ajudou a construir, ao ser desalojado, não consegue compreender qual o fruto de seu trabalho, assim, não se enxerga como processo histórico e vai perdendo referências nos dois países, o que expulsou e o que acolheu.

“Trata-se de um trajeto feito de angústias, de sofrimentos, de inseguranças, mas também de emoção, de aventura e de muita coragem. Tornar-se um imigrante brasileiro em terras estrangeiras é um risco de ingresso em um processo de grandes perdas, mas também uma grande aposta que pode culminar na emoção de múltiplas vitórias”¹⁴.

Redes Sociais

O deslocamento interno (dentro do país receptor) oferece obstáculos semelhantes aos encontrados quando do primeiro movimento migratório, ou seja, do país de origem para o receptor. Se o indivíduo não tiver certo suporte na cidade escolhida ou uma rede de contatos, ele será apenas mais um estranho no ambiente, favorecendo o fechamento das oportunidades de trabalho e do convívio em grupo. É para evitar o desconhecido que a maioria só se desloca quando tem um colega, um amigo, um ente querido para lhe dar as boas-vindas, ainda que por um período curto de tempo. Envolver-se sozinho nesta aventura é um risco que poucos viajantes estão dispostos a enfrentar e, quando tentam, os resultados são quase sempre frustrantes. O depoimento de M.S¹⁵ demonstra as frustrações da tentativa:

¹⁴ idem

¹⁵ M.S pediu para não ser identificado

“Cheguei em 1987 depois de ser demitido de uma empresa metalúrgica em São Paulo. Meu pai, que é de Minas, morava em Newark e insistiu para eu vir porque aqui era a terra da oportunidade. Foi a decisão mais difícil da minha vida. Sem emprego em São Paulo, com mulher e filhos para manter, acabei vindo. Cheguei depois do Ano-Novo, um frio insuportável, mas fiquei. Depois de uns 4 anos meu pai voltou para o Brasil e eu já me sentia seguro para tentar a vida em outra região. Fui para Atlanta, que é um pouco mais quente. Lá eu não conhecia ninguém, não tinha amigos e diferente de Newark ou Boston, não existem igrejas ou ambientes para brasileiros [...] lá o preconceito é grande. Tive depressão fortíssima, foi pior do que sair de São Paulo. O estado da Flórida é igual ao Brasil, porém, mais organizado, limpo e rico [...] tem praia, sol e gente alegre o ano todo. Hoje posso afirmar: meu pai veio porque lhe foi oferecida uma oportunidade. Eu vim porque me tiraram a oportunidade.”

O olhar de quem se mudou por iniciativa própria ou a convite de empresa com oferta de legalidade, bons salários e oportunidade, é normalmente, menos saudosista em relação ao Brasil, pois não há barreiras que o impeçam de ir e vir quando lhe for conveniente, transformando seu sentido de posse pela terra Pátria em algo que ainda existe, diferentemente de quem foi forçado a deixar sua residência.

Além disso, este profissional tem uma dimensão exata de que está a serviço de uma empresa, cumprindo uma tarefa com prazo determinado para terminar, sabendo, então qual seu papel naquela comunidade, como acontece com P.A¹⁶, 48 anos, executivo em uma empresa multinacional da área de informática”.

“Moro em Fort Lauderdale há mais de três anos. Vim ocupar um cargo na área comercial da empresa por dois anos, mas houve uma excelente oportunidade de continuar na função [...] Já perdi as contas de quantas faxineiras passaram por esta casa. Às vezes comparo minha vida com a delas e tenho pena, pois nada aqui é fixo e duradouro. A perspectiva positiva é que elas nos abandonam com muita facilidade, sempre que outro cliente

¹⁶ P.A pediu para não ser identificado

oferecer um valor melhor para o mesmo trabalho. Não há compromisso, mas também não há planejamento [...] não emprego brasileiras, só contrato faxineiras de outros países. Acho que as brasileiras esperam que você tenha carinho e atenção, não entendem que temos uma relação de trabalho. Um simples pedido para melhorar o trabalho é como se fosse uma grande ofensa. Teve uma que chorou porque pedi para limpar melhor chão do banheiro.. acho que se sentiu humilhada, mas não foi essa minha intenção. Ela era professora no Brasil e faxineira aqui. Disseram-me que vem muito brasileiro aqui que no Brasil tem curso superior, então lá eles tinham empregados e acham que estamos esnobando quando cobramos uma tarefa bem feita. Na opinião deles é como se disséssemos que somos bem-sucedidos e eles não. Elas precisam entender que isso é uma relação de trabalho e como toda relação de trabalho precisa de uma orientação para ser concretizada com sucesso. A única vantagem nesta relação é falar a mesma língua”

Os trabalhadores que não têm suas atividades fiscalizadas por órgãos públicos ou registrada de alguma maneira junto ao fisco local, sentem-se muito mais livres para deixar a execução da tarefa em qualquer momento, afinal não há compromisso de nenhuma das partes. É uma relação vantajosa para empregado e empregador. O primeiro porque normalmente está em situação ilegal, o segundo por não ter responsabilidades para com o primeiro.

Além disso, o grupo indocumentado não pode recorrer às autoridades cobrando seus direitos ou reclamando de seus empregadores. Afinal, são pessoas vivendo em condição irregular em terra estrangeira. Por outro lado abandonam qualquer um, em qualquer momento, não importando o motivo, como no relato de Ana Rosa, 39 anos, 5 nos Estados Unidos.

“As pessoas que te contratam acham que podem tirar seu couro porque você é imigrante. E para o americano todo mundo é miserável em seu país, ilegal, e ninguém paga imposto. Mas e no mercado ou toda vez que a gente compra alguma coisa? O que são os 6% extras na nota? Não é uma forma de imposto? Cansada dessa ladainha um dia resolvi chutar o balde [...] estava limpando a casa da patroa, na hora de ir embora ela me deu 55 dólares, o combinado era 70. Achei que ela tinha errado e fui falar com ela. A dona

pegou uma calculadora e fez as contas dizendo que estava saindo toda semana mais cedo e que estava descontando daquela limpeza. Tentei argumentar, mas ela fez que não entendeu meu inglês. Fui embora odiando a situação e aquela mulher, pois eu não tinha negociado nada por hora. Ela me contratou para limpar a casa e não o relógio dela. Voltei mais algumas vezes e ficava enrolando até dar umas sete horas de trabalho. Um dia ela veio me pagar antes e disse que no ritmo que eu estava terminaria antes, então ia me dar 60 dólares. Peguei o dinheiro agradei e falei: ‘estou indo embora, por 60 eu trabalho só até aqui. Deixei tudo no caminho, balde, vassoura [...] foi a melhor atitude da minha vida. Não sou cachorra nem prisioneira. Sou imigrante e a América está cheia de oportunidades para quem trabalha direitinho. Eu vim para cá para ser feliz, conquistar minha independência e estudar meus filhos não para ser humilhada por dondoca americana. Depois dessa atitude emprego nenhum me prende, .quando canso, chuto o balde, de verdade.’”

Portanto, para transformar-se em estrangeiro não basta apenas estar em outro local. São necessárias adaptações que nem sempre a pessoa está predisposta a incorporar, como língua, costume, cultura, hábitos, inclusive ao sistema financeiro vigente na sociedade escolhida.

Pode-se dizer que na história das migrações, sejam elas internas ou externas, o enredo é sempre o mesmo. Com raras exceções, mudam-se os personagens, o destino, a paisagem, o momento, a sociedade, mas é sempre uma história de sofrimento e vitória, de encontro e desencontro, de ganhos e perdas, mas principalmente de buscas. Busca por um lugar onde se possa ser feliz, onde se possa fixar raiz e encontrar, quem sabe, uma nova tradição. É a busca pela esperança de uma vida melhor, onde os desejos se realizem.

O sofrimento e as dificuldades na travessia

A busca das realizações pessoais fora do país de origem é cara e, geralmente, esconde armadilhas físicas e emocionais. Chegar à ensolarada Flórida, por exemplo, é uma aventura de alto investimento e dose exagerada de paciência. Uma passagem aérea, partindo do Brasil, custa entre 800 e 1.000 dólares e carimbar o passaporte com o visto norte-americano significa horas de fila. Apesar dos preços e da distância, os brasileiros têm enfrentado cada vez mais as dificuldades para entrarem na meca do trabalho, riqueza e consumo.

Segundo estimativa informal, em todo Estado da Flórida para cada dois brasileiros em situação legal, existem três em situação clandestina. Os números são fornecidos por comerciantes, empresários, consultores padres e pastores evangélicos que trabalham para a comunidade. Na década de 90, segundo este grupo, a estatística era bem diferente. Para cada dois em situação legal, existia apenas um indocumentado .

São várias as formas que o brasileiro tem para cruzar a barreira norte-americana. A maioria entra com visto de turista, cuja validade é de 90 dias, podendo ser renovado por outros 90. Há os que migram via Canadá; compram pacotes turísticos para os dois países, mas depois que entram nos Estados Unidos abandonam a agência e ficam na condição de residentes. A pior e mais preocupante maneira, no entanto, é cruzando a fronteira via México, com a ajuda dos traficantes de pessoas, os chamados coiotes.

Este ano, um combinado de fatores tem levado cada vez mais brasileiros a se arriscarem pelos três quilômetros que separam o México dos Estados Unidos. Entre os incentivos estão o reduzido número de vistos de trabalho oferecidos ao Brasil, o incremento das ofertas de trabalho após o 11 de setembro, quando o país entrou visivelmente em crise, a constante aparição na mídia de imigrantes que alcançaram sucesso e a exibição da telenovela América, na Rede Globo, que reforça imagens de que o país é rico, organizado, justo e belo, referências sedutoras para o público latino.

Neste sentido podemos dizer que a responsabilidade da travessia arriscada não é apenas do imigrante. Mas de um conjunto de organizações (meios de comunicação, congressos, polícias federais e de fronteira e etc). Os governos norte-

americano e brasileiro também favorecem a travessia ilegal. A falta de ampliação de concessão de vistos de trabalho acabou por incentivar a indústria mexicana do tráfico de pessoas, que tem como “sócios” empresários do setor turístico, taxistas, quadrilhas ligadas ao tráfico internacional de entorpecentes e os coiotes. E são eles, os coiotes, quem empurram ainda mais o brasileiro para o abismo quando o cerco se fecha.

Segundo reportagem exibida pela Rede Record em 10 de julho de 2005, no programa Domingo Espetacular, quando os coiotes percebem que a polícia está por perto, abandonam os brasileiros e os orientam a se entregarem à polícia. Incentivam os “clientes” sob a alegação de que as cadeias estão cheias e que se eles se entregarem espontaneamente receberão permissão para ficar no país. *“O ‘permiso’ é uma promessa falsa dos coiotes. Para o problema de excesso de preso os americanos já têm solução”*, informa a repórter apontando para um local recém construído.¹

A prisão apresentada na reportagem tem espaço para mais de mil imigrantes. Além dela, outras três estão em construção, porém apesar de todos os esforços do governo americano para coibir a entrada dos brasileiros, eles insistem em tentar o sonho, arriscando a vida e a própria liberdade.

O golpe do ‘permiso’ não é o único praticado pelos coiotes. Entre as fraudes, as mais comuns são venderem pacotes com travessias seguras, utilizando barcos e carros, alojamentos decentes com alimentação farta e água, mas no momento de realizar a travessia, cobram um complemento do valor já pago, que pode chegar a mil dólares. Nem sempre o imigrante possui a taxa extra, portanto, para cruzar a fronteira ou faz dívida com o coiote, ou volta para casa com o prejuízo de ter ido até o México.

Crianças na travessia do medo

Nesta busca incerta para se chegar ao outro lado, o problema que tem despertado atenção da polícia e das autoridades norte-americanas é o aumento do número de crianças brasileiras sendo levadas com os adultos para enfrentarem os perigos da travessia, fator pouco comum até recentemente, mas intensificado a partir do primeiro semestre de 2005.

¹ TV Record - programa Domingo Espetacular - apresentou uma série com três reportagens sobre brasileiros que vivem ilegalmente nos Estados Unidos. Este foi ao ar em 10/7/2005

Trata-se, conforme apurou a polícia de fronteira, de mais um fruto da boataria espalhada pelos coiotes para atrair brasileiros. Eles dizem que pais e mães com filhos teriam maiores chances de não ficarem presos, caso caíam nas mãos das autoridades. A mentira culminou com um número cada vez maior de crianças resgatadas à beira da morte no deserto e a constatação de que a patrulha da fronteira não tem nenhuma tolerância com essas pessoas. Aplicam a lei e direcionam os menores para prisões especiais.

Em apenas uma das prisões especiais destinada às crianças e jovens, existem cerca de 20 brasileiros entre 3 e 17 anos, aguardando a decisão da justiça para retornarem ao Brasil.

Prisões destinadas ao público infanto-juvenil são bem diferentes das criadas para abrigar adulto. Elas são equipadas com materiais pedagógicos, brinquedos e playground, as paredes são coloridas e há espaços para colarem desenhos. Além disso, os pequenos prisioneiros contam ainda com tratamentos médicos e acompanhamento psicológico.

Porém, nem todos esses cuidados são capazes de transformar uma prisão em algo menos hostil. A liberdade perdida é a certeza de que se cometeu um erro, ainda que o infrator não tenha consciência crítica para compreender por qual delito está sendo julgado, ou poder de decisão para dizer não à travessia.

De acordo com a reportagem exibida da Rede Record², profissionais que acompanham o dia-a-dia desses jovens dizem que eles têm pesadelos constantes, desenvolvem a síndrome do pânico, sentem-se culpados por frustrar os pais, carregando marcas e traumas difíceis de serem esquecidos ao longo de toda a vida. Nos relatórios médicos são comuns anotações dando conta de que as crianças chegam quietas, sem saber direito o que aconteceu e triste por desobedecerem as decisões dos adultos. Após 3 ou 4 dias apresentam melhoras, expressando sinais característicos do comportamento normal infanto-juvenil.

Vigotski explica que a criança muda o comportamento quando os desejos não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos. Os brinquedos e as atividades pedagógicas servem para ajudá-las a resolver a tensão criada pela não conquista desse desejo, ou de alguma coisa.³

² Idem

³ Cf VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente

As autoridades norte-americanas têm feito pressão e campanhas educativas para que as pessoas que pensam cruzar a fronteira não coloquem suas crianças nas mãos de coiotes, os quais qualificam de marginais violentos e inescrupulosos. Eles alertam que na tentativa de conquistar um sonho alheio, essas crianças chegam aos Estados Unidos feridas, machucadas muitas vezes pelos próprios coiotes, além de testemunharem acidentes, mortes, abusos sexuais e a violência do tráfico de drogas.

Presenciar a violência acontecer com a própria mãe causou traumas irreparáveis à adolescente G.M., de 12 anos, e sua família. Seus pais moravam em Pompano Beach há três anos, mas ainda não tinham conseguido economizar o dinheiro necessário para comprar a casa própria e pagar a universidade dos filhos. Resolveram, então, que a mais velha deveria estudar nos Estados Unidos. A mãe foi buscar a menina, que teve o visto negado, por isso a família decidiu entrar pelo México. Na travessia, a violência. Um dos coiotes separou a mãe de G.M. do restante do grupo. Exigiu que ela fizesse sexo com ele sob a ameaça de deixar a filha se afogar caso ela se recusasse. Durante o resto do trajeto ninguém do grupo comentou o caso. A solidariedade veio através de olhares e abraços. O trauma deixou marcas profundas. A garota nunca se adaptou aos Estados Unidos, diz sentir pavor e ódio de ser estrangeira, além de passar a rejeitar o pai, que propôs a viagem. “Perdemos o chão, a coragem e a dignidade”, chora o chefe de família.

Julia Kristeva aborda que o ódio é uma saída para dilemas reais e existenciais, surgindo em função tanto dos outros, do estranho que divide o espaço conosco, quanto do estrangeiro que habita dentro de cada um:

“Viver o ódio. Frequentemente o estrangeiro formula assim a sua existência, mas o duplo sentido da expressão lhe escapa. Sentir constantemente o ódio dos outros, não ter outro meio social senão aquele ódio [...] No universo de defensivas ou de falsas aparências que constituem as suas pseudo-relações com os pseudo-outros, o ódio proporciona uma consistência ao estrangeiro. É contra essa parede dolorosa, mas segura – e, nesse sentido, familiar -, que ele se choca na tentativa de se afirmar para os outros e para si mesmo. O ódio o torna real, autêntico de alguma forma, sólido ou, simplesmente, vivo”⁴.

⁴ KRISTEVA, J. Estrangeiro para nós mesmos, p. 20 e 21

A.B.M. é outra criança que sofreu com a agressividade da travessia, desta vez a pressão foi psicológica e veio por parte dos policiais da fronteira. O jornalista Alan Rodrigues conta em reportagem de capa da Revista Isto É, março de 2005, o drama do menino de apenas de 6 anos.

“Os pais de A.B.M. acreditavam que atravessariam a fronteira por um novo e infalível esquema. O plano foi traçado, pago e definido no Brasil por coiotes de Inhapim, interior de Minas Gerais. Eles atravessariam por Tijuana, México, a bordo de carros dirigidos por americanos.... Os pais do garoto seguiram num carro que não foi parado. Num segundo carro, mais tarde, viria o pequeno com uma mulher americana e seus filhos. Combinaram que ele deveria se fingir de surdo-mudo. Parados na barreira, os policiais acordaram os meninos que dormiam no banco traseiro do veículo. Quando o policial se dirigiu ao pequeno A.B.M, ouviu um resmungo em português...”⁵

Detido, o menino ficou 17 dias numa prisão de Phoenix, Arizona. Foi liberado após pagamento de fiança e graças aos esforços da *Messengers of Love Organization* (Organização Mensageiros do Amor), uma ONG que trabalha em prol dos direitos humanos dos imigrantes. A mesma sorte não teve a menina Ana Paula, 12 anos, presa no final de 2004, até maio de 2005 ainda não havia sido deportada.

Ser preso é um drama em qualquer idade, o prejuízo financeiro, o uniforme de preso, a vergonha, o fracasso, são apenas parte dos sentimentos que acompanham os que tentaram e não conseguiram. Nas prisões norte-americanas há imigrantes de todas as idades, jovens, adultos e idosos - confirmação de que o Brasil cuida mal dessa parcela da população que já deu sua contribuição ao país.

É o caso do mineiro de Poços de Caldas, O.M, de 61 anos, que no final de 2004 passou três semanas encarcerado. Após trabalhar cerca de 40 anos como padeiro, coloca a culpa de suas frustrações no governo:

“Não acredito mais no Brasil. Não acredito na política, nas autoridades. Queria que o Brasil enxergasse pelo menos um terço do que os Estados

⁵ Rodrigues, A. Travessia Mortal, Revista Isto É, 2/3/2005, págs. 76 e 77

Unidos enxergam. Eu não vou ver esse país transformado para meus filhos. Se o Brasil fosse bom, a gente não teria fome.”

Entrevistada pela reportagem exibida no Domingo Espetacular, Lazara, uma senhora de 54 anos, que o corpo torto e a pele maltratada revelam uma vida inteira de trabalho sem cuidados com a saúde, conta que se lançou na travessia para sustentar um filho doente. *“A minha intenção era vir trabalhar para cuidar de um filho que é doente há 28 anos. Ele é epilético, sofre até 20 crises por noite. Ele toma comprimidos controlados todos os dia. Isso fica mais de R\$ 1.400,00 reais.”*

Após 73 dias atrás das grades, Lazara foi agraciada com uma das passagens que o governo americano paga diariamente para deportar os ilegais.

De volta ao Brasil, e já em sua cidade natal, a repórter volta a entrevistá-la. Para dimensionar o sofrimento enfrentado na prisão, ela compara a dor do isolamento à morte dos pais. *“Perdi mais de nove quilos, adoeci. Cheguei a ponto de desmaiar. Não alimentava. Não dormia. Eu estou dormindo às custas de medicamentos. Um sofrimento maior do que a morte do meu pai, da minha mãe”.*

A indústria cinematográfica norte-americana tem certo fascínio por mostrar em seus filmes cadeias bem cuidadas e presos cujos direitos são mantidos com respeito ímpar. É fácil lembrar cenas nas quais a alimentação, embora servida em bandejões, não apresentam aspecto asqueroso, como vemos nas películas nacionais. Brasileiros que passaram por um desses centros dizem que a realidade é bem diferente.

A maioria das cadeias americanas pertencem ao governo, mas são gerenciadas por empresas privadas, que as tratam como companhias que devem dar lucro. Dessa maneira, quanto menor o custo com os internos, maior o rendimento para o administrador. E é esta contabilidade que faz com que faltem funcionários, atendimento médico e higiene.

Deportado depois de ter entrado três vezes nos Estados Unidos, o paulista C.L.S, diz ter permanecido numa cela em condições precárias. A parede apresentava umidade e faltava colchão. Além disso, a comida era fria e sem sabor. Água, só da torneira e quente, conforme seu relato:

“O banheiro dava nojo. Não tinha higiene nenhuma, mesmo que nós quiséssemos limpar não dava porque não tinha um único produto. As coisas

só melhoraram depois que apareceu um grupo desses de direitos humanos por lá. Aí no outro dia nós ganhamos colchão e roupa de cama, mas a comida continuou a mesma. Foi um momento de muita angústia e desespero. Eu só pensava em me comunicar com minha família. Tinha medo que me dessem como morto pela falta de notícias. Para avisar minha família, tive de ligar para o Brasil, pedir minha mãe que informasse minha esposa. Isso para evitar que a imigração batesse lá na Sample⁶. Ela e meus filhos se mudaram para a casa de uma amiga em Boca Raton⁷, sem levar nada”.⁸

O desespero de C.S.L não o fez desistir do sonho americano. Assim que foi deportado atravessou a fronteira ilegalmente e foi ao encontro da família.

Deu sorte. A lei norte-americana é severa. Se fosse pego pela segunda vez poderia ficar preso por até 5 anos. Além disso, para evitar que cada vez mais brasileiros tentem cruzar a fronteira, o governo cobra uma fiança média de U\$\$ 30 mil, contra cerca de US\$ 2 mil de um centro-americano.

Entrar nos Estados Unidos pela porta dos fundos ficará cada vez mais difícil para os brasileiros. O departamento de Estado Americano tem exigido do país vizinho que volte a pedir visto de entrada para brasileiros, suspenso em 2000 com a intenção de promover o turismo no México.

Não é apenas o país receptor que está preocupado com a questão da deportação de brasileiros. Do lado de cá, para reduzir a tentativa de entrada ilegal, o Congresso criou a CPI da Emigração Ilegal. O senador Marcelo Crivela, integrante da comissão, visita presos brasileiros periodicamente e informou que a CPI não tem o propósito de punir quem tenta atravessar a fronteira, mas investigar as atividades dos coites no Brasil, além de propor uma legislação que possa diminuir esse fluxo.

Encontrar um desses agenciadores não é tarefa das mais complicadas. Em Pompano Beach, proprietários e empregados das agências brasileiras sempre têm uma história para contar, mesmo os que não participam do esquema, sabem ou já ouviram falar em algum cliente que tenha contato com esses intermediários. Em Governador Valadares, a cidade que mais exporta brasileiros para os Estados Unidos, existem mais de 100 desses “comerciantes”. A maioria mantém

⁶ Sample Road é uma rua em Pompano Beach conhecida por abrigar várias residências brasileiras

⁷ Boca Raton é um bairro de classe média alta próximo a Pompano Beach

⁸ Entrevista concedida por telefone em 15/7/2005

relacionamento com agências espalhadas pelo Brasil inteiro. O grande paradoxo para a polícia brasileira é como dismantelar essas quadrilhas. Se encontrá-las é relativamente fácil, prendê-las é outra história. A lei diz que se a saída do indivíduo não estiver relacionada com atividade mediante fraude, com o fim de prostituição ou trabalho escravo, não há propriamente um crime estabelecido.

Arriscar-se na travessia requer um investimento considerável. Os custos com a viagem variam entre US\$ 8 mil e US\$ 10 mil. O pacote inclui: hospedagem em São Paulo, salão de beleza para cuidar da aparência antes do embarque, traslado para Guarulhos, traslado e estada no México até a fronteira com os Estados Unidos.

“O comércio paralelo de pessoas que atravessam as fronteiras ilegalmente – antes frouxamente organizado e local -, está rapidamente se tornando um investimento internacional lucrativo. Conduzido por profissionais mais proeminentes, agora são as redes multinacionais que se escondem atrás de agências de viagens, instala-se em casas seguras e confeccionam documentos falsos”⁹.

Dados não oficiais dão conta de que a indústria da travessia ilegal movimenta cerca de U\$\$ 300 milhões por ano. Maria Rita, dona de agência em Minas Gerais, detalha de que maneira parte deste montante é distribuído:

“O valor inclui despesas de suborno à polícia e com os coiotes mexicanos. Trabalhamos como quase todos aqui em Minas. O pagamento pode ser feito depois que a pessoa estiver em solo americano. Temos casas alugadas lá. O dinheiro deve ser creditado aqui e só então a pessoa é liberada lá. Se tentarem dar o cano, somos os primeiros a entregá-lo à Imigração”¹⁰.

As histórias de fracasso não desanimam os aventureiros. Apenas em Governador Valadares, até junho deste ano, a procura por passaporte mais do que triplicou na cidade. A delegada da Polícia Federal, Maria Silva Resende, explica que há um processo de dolarização no ar. As pessoas passaram a ter dificuldade em pensar em reais. Ela também acusa a telenovela América, da Rede Globo, de

⁹ MARGOLIS, M. Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York, p. 99

¹⁰ Rodrigues, A. Travessia Mortal, Revista Isto É, 2/3/2005 p. 76

incentivar as pessoas a irem embora do Brasil. “A gente percebe que com a exibição dessa novela, houve um aumento na procura pelo passaporte, principalmente por jovens”

Além dos perigos iminentes de quem se arrisca na desértica paisagem fronteiriça, um grupo de paramilitares vem provocando ainda mais temor aos que se arriscam na travessia. Trata-se do *Minuteman Project*, nome em homenagem a uma milícia civil do século XVIII. Formado por fazendeiros e antiimigrantes, o grupo tem enfrentado com revólveres os que tentam chegar do outro lado.

Ao contrário da mídia e da população local, que não fazem grande alarde, oficialmente o governo dos Estados Unidos está preocupado com a questão, mas a página na Internet¹¹ continua recebendo inscrições de pessoas interessadas em fazer parte do exército. Numa atitude democrática, há espaço para opinião dos leitores, são comentários favoráveis e contra a existência do grupo. Nas duas páginas contra, lê-se críticas de pessoas descendentes de imigrantes, na página favorável, frases parabenizando a iniciativa por fazer o que o governo não faz: vigiar a fronteira.

O site também mostra fotos do treinamento oferecido aos participantes e todo o arsenal antiimigração dos “soldados”, como celulares, binóculos, cães, carros velozes, aviões e armas de fogo. Até o momento o grupo já conta com a inscrição de cerca de dois mil voluntários e continua convidando outros a fazer parte do exército comandado por James Gilchrist, 55 anos, um ex-marine do Vietnã. Este não é o único grupo de neonazistas formado nos Estados Unidos contra imigrantes que tentam driblar as autoridades, cruzando para o lado rico do planeta. O American Resistance, um pouco mais discreto, também disponibiliza um site na Internet contra os imigrantes.¹²

Segundo dados da Border Patrol (Patrulha de Fronteira), cerca de cinco mil pessoas tentam chegar diariamente aos Estados Unidos cruzando a fronteira do México. Para que a polícia conseguisse vigiar a fronteira durante 24 horas diárias, seriam necessários que todos os policiais dessem as mãos e ficassem a postos durante 24 horas do dia, 30 dias no mês.

¹¹ cf <http://www.minutemanproject.com>

¹² cf <http://www.americanresistance.com>

Na busca por um lugar ao sol em terras estrangeiras, até julho de 2005, cerca de 18 mil brasileiros foram presos. A estatística coloca o Brasil , pela primeira vez na história, em primeiro lugar, à frente de Honduras e El Salvador.

No Terrace Park Cemetery, na Califórnia, jazem os corpos de 180 compatriotas. Entre eles, pelo menos uma criança e dois adolescentes. A maioria tombou vítima da desidratação. Mas muitas são as histórias de pessoas que morreram afogadas, picadas por cobras, assassinadas pelos grupos antiimigração ou por apanharem dos coiotes, que espancam as pessoas para que andem mais rápido.

Os corpos são identificados a partir das etiquetas das roupas, de algum documento ou algo que carreguem que seja relacionado ao Brasil. Os que são esfaqueados pelos animais não contam, servem apenas como um rico banquete para urubus e 'coiotes' famintos.

Migração internacional e melhor qualidade de vida - utopia ou realidade?

A maioria dos brasileiros que deixa o Brasil rumo aos países desenvolvidos viaja acreditando estar no exterior a tão sonhada melhoria na qualidade de vida. Tema, aliás, difícil de compreender em sua totalidade, pois qualidade de vida é uma questão subjetiva e cambiável de acordo com a posição social dos indivíduos e do momento histórico de cada nação. Ainda assim, a questão é referenciada em todos os tipos de agrupamento e associações - da narrativa do migrante, ao discurso político, passando ainda pelos ambientalistas - os explanadores, invariavelmente, prometem mudanças aos seus ouvintes a partir da conquista de uma vida digna.

No caso dos imigrantes é o dinheiro, em primeiro plano, que faz com que eles acreditem que terão uma vida tão boa quanto as apresentadas nas campanhas publicitárias, principalmente a veiculada pela televisão. A título de exemplo, vamos pensar numa campanha de margarinas, onde não raro a mãe feliz e zelosa serve um belo café-da-manhã para sua família. Devidamente alimentados pais e filhos partem para cumprir suas rotinas. Crianças são enviadas às escolas - evidentemente de primeira linha - e adultos saem para o trabalho, trajando terno e gravata numa clara representatividade do homem bem sucedido.

A imagem de um Brasil com crianças se alimentando bem pela manhã, principalmente na presença de seus pais, só é mesmo possível nas propagandas de margarina, ou em lares com renda bem superior à da maioria dos brasileiros.

Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)¹ mostram que a qualidade de vida do brasileiro teve leve aumento nos últimos dez anos, porém as desigualdades sociais cresceram ainda mais, pois a concentração de renda não apresentou queda.

Na avaliação do Pnud, 10% dos lares mais ricos do Brasil têm 70 vezes a renda dos 10% mais pobres. Além disso, o país apresenta grande desigualdade entre as regiões.

Enquanto as campanhas publicitárias mostram homens e mulheres de beleza inatingível, relaxando em seus banheiros chiques, ou felizes com seus familiares

¹ Cf <http://www.pnud.org.br>. As informações provenientes do Pnud foram divulgadas no final de 2004

num carrão de última geração, existem lugares tão abandonados que faltam itens básicos para a sobrevivência.

O Censo de 2000 da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra, por exemplo, que em Várzea Branca, na região sudoeste do Piauí, não existe nenhum domicílio com água encanada. Além disso, a renda per capita mensal no município, em 2000, era de R\$ 49,6.²

Outro índice que reforça a idéia de que o Brasil caminha lentamente no ajuste da qualidade de vida da população em geral - por meio da eliminação das desigualdades sociais - é encontrado na escolaridade entre negros e brancos.

No Rio Grande do Sul a porcentagem de negros com mais de 15 anos que não sabem ler nem escrever um bilhete simples é de 12,36%, mais que o dobro da taxa de analfabetismo entre os brancos, 5,37%. No Brasil, o percentual de negros analfabetos era, em 2000, de 18,69%; e a de brancos, 8,31%.³

Ocupando a 65ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) o Brasil está atrás de países como Uruguai, Costa Rica, Chile, Cuba e México; e à frente da Venezuela, Peru, Paraguai e Equador. O ranking mostra que ainda há muito o que ser feito para o Brasil ficar entre os primeiros em qualidade de vida.

Apesar do Censo de 2000 mostrar que existem regiões no Brasil totalmente abandonadas, o País subiu no ranking exatamente por ter melhorado questões referentes à educação e oportunidades entre homens e mulheres.

Os responsáveis pela melhora foram a equiparação do número de meninos e meninas matriculadas na escola, equidade de oportunidades entre homens e mulheres e aumento da expectativa de vida, que chega a 67,8 anos. A renda per capita também apresentou melhoras, passando de R\$ 7.349 para R\$ 7.360.⁴

Neste ritmo e mesmo que a tendência se mantenha, apenas a região Sul conseguirá cumprir a meta de reduzir a pobreza em 50% até 2015. No outro extremo está o Norte, onde pessoas vivendo abaixo da linha da miséria aumentou de 36%, em 1990, para 44% , em 2001.

Mesmo com esses dados pouco animadores, os brasileiros que residem no Sul da Flórida apontaram o Brasil como sendo um lugar que apresenta ótima qualidade de vida. Para 54,4% dos entrevistados viver no Brasil transformou-se no

² Cf <http://www.pnud.org.br>. In: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil

³ Idem

⁴ Jornal O Estado de São Paulo, Brasil, 7/7/2003

sinônimo de país dos sonhos, embora reconheçam ter deixado o local de origem para realizar desejos que não conseguiriam concretizar na terra natal.

Outros 7% disseram que o Brasil apresenta boa qualidade de vida. Fica claro que para eles ter dinheiro sem ter acesso ao lazer, companhia ou amizade não é suficiente para sentir-se completamente bem. E, nos Estados Unidos, a falta de amizade sincera ou de lazer são questões que incomodam os expatriados.

Na outra ponta estão 23,7%, que dizem ser péssima a qualidade de vida em sítios tupiniquins. Seguidos de 3,5% que afirmam ser apenas ruim a vida por aqui. Esse grupo ainda encontra nas oportunidades de trabalho na América do Norte a razão pela qual deixaram o Brasil para trás, pelo menos momentaneamente, já que 62% pretendem voltar um dia.

Os homens são maioria na afirmação de que o Brasil é ótimo para se viver. 62,7% disseram ser ótima a qualidade de vida por aqui. Eles também são maioria quanto a não recomendação dos EUA para outros compatriotas. 18,5% afirmaram que se pudessem voltariam imediatamente e não recomendariam a emigração para a América do Norte.

Propaganda x realidade

Se compararmos os índices públicos com as campanhas publicitárias, veremos que essas questões pouco ou nada têm em comum. Nas propagandas não há espaço para falta de educação, miséria, desigualdade, feiúra ou qualquer outro tema que remova o telespectador da condição de admirador e o coloque na posição de questionador.

As campanhas têm a missão de despertar nos indivíduos, ouvintes ou leitores o desejo de consumo, sendo assim, dificilmente alguém iria almejar se banhar com um sabonete apresentado por um morador de rua. Da mesma maneira poucas pessoas desejariam ter um carro apresentado por um fracassado.

O formato “mulher sensual; família feliz; homem bem sucedido” é repetido em todos os lugares do mundo. Em nenhuma parte do universo mulheres cansadas após longa jornada de trabalho venderiam sabonetes, ou pais aflitos envoltos em contas a pagar aumentariam os lucros da fábrica de margarinas.

A publicidade é um grande exemplo da indústria cultural discutida por Adorno e Horkheimer. Para eles, a prioridade da publicidade é fazer com que consumidor deseje algo que de fato não necessite e o adquira com o recurso que não possui.

“A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos. Quanto maior é a certeza de que se poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores. Por si só ela não consegue fazer muito contra essa tendência. A publicidade é seu elixir da vida. Mas como seu produto reduz incessantemente o prazer que promete como mercadoria a uma simples promessa, ele acaba por coincidir com a publicidade de que precisa, por ser intragável. [...] O efeito, o truque, cada desempenho isolado e repetível foram sempre cúmplices da exibição de mercadorias para fins publicitários, e atualmente todo close de uma atriz de cinema serve de publicidade, e de seu nome, todo sucesso tornou-se um plug de sua melodia. Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo slogan propagandístico”⁵.

Fica claro que não há sociedade de consumo sem publicidade. Os temas se fundem e estão cada vez mais interligados. Até mesmo a publicidade regional tem cedido espaço para campanhas mundiais. É possível ver no Brasil e na Europa a mesma campanha sobre tinturas para cabelo, assim como as marcas de refrigerante lançam campanhas idênticas e simultaneamente em diversos países, transformando esta estratégia comercial em material divulgado pela mídia.

Para Dênis Moraes, isso quer dizer que os signos formam uma memória coletiva que podem ser compartilhada por pessoas do mundo inteiro em qualquer lugar do planeta. A memória não tem proprietário, não é mais regional ou local. Ela é traçada e reconhecível.

⁵ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. p.151 e 153

“A profusão de imagens turva os horizontes perceptivos e reconfigura os parâmetros sociais. Potencializados por redes eletrônicas e satélites, os aparatos de difusão tornam próximos e presentes acontecimentos separados por fusos horários, climas, injeções geopolíticas e iniquidades de toda ordem. Eles inscrevem, disseminam e consolidam não apenas referências culturais (artistas, ídolos esportivos, estilistas, programas de televisão, filmes, vídeos etc.), como também marcas de produtos (Ford, Disney, Intel, Sony, General Motors, Mastercard, Kodak, Nestlé, etc.), a maioria delas sem origens nitidamente identificadas⁶.”

O depoimento de Neusa, 35 anos, há 8 nos Estados Unidos, explica como é viver diariamente diante das imagens que induzem ao consumo exagerado e desnecessário e o quanto isso está ligado ao bem estar social, mexendo com suas emoções e conflitos psicológicos.

“Cansei de ver tanta coisa e não poder ter nada. Foi por isso que decidi tentar a sorte aqui. Desde criança foi assim. Eu morava em Vitória num bairro de classe média alta. Meu pai era zelador e morávamos gratuitamente num belo prédio. Somos duas irmãs, porque uma das exigências para ficarmos lá era não encher a casa de filhos, porém meu pai sempre reclamou de não ter tido mais uns dois. Para ele, onde come um comem dois, três... Ele e minha mãe nunca entenderam como sofríamos quando víamos as caixas de brinquedos recém lançados no lixo. Uma vez a Caloi fez uma propaganda que dizia: “pai, não esqueça minha Caloi”. No Natal daquele ano foi um festival de bicicletas novas no prédio. Eu e minha irmã ganhamos uma usada de um morador que tinha trocado a do filho. Ao mesmo tempo foi legal e frustrante, pois brincávamos separadas. A primeira coisa que comprei quando cheguei aqui foram duas bicicletas para meus sobrinhos. Mandei entregar pelo correio, ficou caro, mas a alegria da minha irmã compensou tudo. Não sou burra, sei que bicicleta é bicicleta em qualquer lugar, mas para nós tinha certa magia[...] A vida no Brasil era dura, mas não ruim. Melhorei minha condição financeira e a de minha família. Tenho realizado meus sonhos, mas eles nunca terminam.

⁶ MORAES, D. O planeta mídia: tendências da comunicação na era global, p. 15 e 16

Você compra uma coisa e depois quer outra. Compra outra e deseja mais uma. Junta um dinheiro, mas acha que é pouco. É apenas o desejo de realizar seus objetivos que mantém o brasileiro nesta situação [...] Só isso justifica o trabalho árduo e a solidão” (Neusa).

Solidão, felicidade e consumo

É certo que a possibilidade de consumir ou comprar um número maior de objetos em relação ao que se estava habituado ajuda a exaltar a sensação de melhora na qualidade de vida dos indivíduos, mas o conceito de qualidade de vida ganha novas dimensões à medida que as pessoas reforçam suas rendas distanciando-se da família, dos parentes, do lar e dos amigos, conforme declara o mineiro Ernane, 38 anos.

“Deixei o Brasil há mais de 10 anos. Naquela época eu queria proporcionar para minha família uma vida melhor. Meus filhos estavam crescendo e eu vi que em Central de Minas eles não seriam nada. Minha mulher tinha alguns conhecidos em Governador Valadares. Com esses contatos arrumei as malas e vim para cá trabalhar duro. A vida aqui é muito difícil. A gente não passeia, não se diverte. Se quiser progredir tem de fazer sacrifícios. Hoje eu tenho dúvidas se fiz a escolha certa. Às vezes penso que se tivesse ficado lá e estudado poderia ter sido alguém. A vida no Brasil é muito melhor do que aqui. Logo, logo vou voltar e aí sim vou viver a vida. A casa está pronta para nós. Temos de tudo e quando eu for embora vou levar as coisas mais novas, como aparelho de DVD e micro computador para os meninos.”

O discurso de Ernane mostra que só o capital não é suficiente para se conquistar uma vida plena. Num primeiro momento é a possibilidade de se ganhar mais dinheiro que encoraja a maioria dos viajantes, mas ao tomar consciência da condição de imigrante, do trabalho pesado e sem direito a usufruir dos mesmos benefícios que os americanos, o operário brasileiro sente-se só e questiona todo o sacrifício. O motivo que move o sujeito para o exterior passa então a ser o mesmo que faz com que ele deseje retornar: a busca por uma qualidade de vida melhor.

Rose⁷ completa a narrativa de Ernane ao afirmar que saiu de Vitória em busca de realizações em outras terras. Queria trabalhar e ganhar o suficiente para ter uma casa e condições para uma aposentadoria feliz.

“Eu não sei dizer o que é qualidade de vida. Aqui o trabalho é duro e não dá tempo para pensar nisso. Quando eu era jovem achava que poder freqüentar os bailes com meus amigos era o suficiente. Depois acreditei que ter um carro e uma casa bastavam. Eu comprei tudo isso, mas lá no Brasil. Por isso ainda não posso usar, pois preciso pensar no futuro e o dinheiro está aqui. Sei que no Brasil eu não teria um emprego, mas mesmo assim acho que quem está lá tem melhor qualidade de vida porque por pior que seja, todo mundo tem uma festinha para ir de vez em quando, ou um parente por perto quando a dor aperta. Mas aqui é bom, né? Aqui a gente compra tanta coisa.”

Morin e Kern explicam que tal fenômeno ocorre porque o homem passou a ser vítima de sua própria maneira de produzir. Morin ainda acrescenta ser um erro reducionista acreditar que o mercado seja capaz de solucionar todos os problemas da civilização.

“O homem produtor está subordinado ao homem consumidor, este ao produto vendido no mercado, e este último a forças libidinais cada vez menos controladas no processo circular no qual se cria um consumidor para o produto e não mais apenas um produto para o consumidor . Uma agitação superficial se apodera dos indivíduos assim que escapam às coerções escravizantes do trabalho. O consumo desregrado torna-se superconsumo insaciável que alterna com curas de privação; a obsessão dietética e a obsessão com a forma física multiplicam os temores narcísicos e os caprichos alimentares sustentam o culto dispendiosos das vitaminas e dos oligo-elementos. Entre os ricos o consumo se torna histérico, maníaco pelo prestígio, a autenticidade, a beleza, a tez pura, a saúde”⁸.

⁷ Rose não quis revelar idade e há quanto tempo mora fora, disse estar cansada dessa pergunta e resolveu que não falaria mais sobre o tema

⁸ MORIN, E; KERN, A B. Terra pátria.p.89

Mídia e consumo

Os telejornais, as campanhas publicitárias, as novelas e a mídia de modo geral colaboram para reforçar a idéia de riqueza por meio das mercadorias. Além das imagens exaltarem uma grande sensação de sucesso, felicidade, conforto e bem estar, ela ainda reforça a idéia de que os bens são acessíveis a todos.

Para Pierre Bourdieu vivemos cada vez mais em uma economia de massa; produção e consumo são massificados para vender mais. Portanto, toda a mídia está sujeita a apresentar suas imagens de acordo com seus próprios interesses de audiência, sendo que nem mesmo os telejornais escapam desse jogo de interesses, ainda que ao jornalista lhe seja conferida a liberdade de expressão.

“... assim como o campo político e o campo econômico , e muito mais que o campo científico, artístico ou literário ou mesmo jurídico, o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado , através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência”⁹.

As empresas investem cada vez mais em campanhas publicitárias massivas. O objetivo da publicidade é persuadir ou predispor o consumidor a buscar seus produtos, ignorando os concorrentes. Para realizar campanhas cada vez mais atrativas, as empresas investem pesado em agências reconhecidamente capazes de ajudar a alavancar as vendas dos produtos anunciados. A televisão é a mídia mais disputada pelos profissionais da publicidade, pois é a que maior público atinge em menor espaço de tempo.

“Os produtos à venda no mercado transformam-se no próprio conteúdo das imagens da mídia, de tal forma que, em certo sentido, o mesmo referente parece se manter nos dois domínios. Isso é algo bem diferente de uma situação mais primitiva na qual uma série de signos de informação (notícias, folhetins, artigos) era adicionado um outro elemento, que tentava aliciar consumidores para um produto comercial que não tinha nada a ver com esses signos. Hoje os produtos estão, digamos, difusos no tempo e no espaço dos segmentos de entertainment (ou mesmo nos do noticiário), como parte do conteúdo, de tal forma que em alguns casos bem conhecidos (mais

⁹ BOURDIEU, P. Sobre a televisão.p. 106

explicitamente em seriados como Dinastia) , às vezes não fica claro quando o segmento narrativo termina e começam os comerciais (uma vez que os mesmos atores trabalham no segmento comercial)”¹⁰.

Para colocar o produto na telinha, os agentes investem cada vez mais em horários chamados nobres e mais efetivamente dentro das telenovelas, mesmo que por meio de cenas criadas exclusivamente para vender determinados produtos. Esse artifício tem se tornado cada vez mais freqüente e em alguns momentos tiram o enredo totalmente de sua cronologia lógica.

“O grau de autonomia de um órgão de difusão se mede sem dúvida pela parcela de suas receitas que provém da publicidade e da ajuda do Estado (sob a forma de publicidade ou de subvenção) e também pelo grau de concentração dos anunciantes”¹¹.

Conforme já foi colocado aqui, a expressão qualidade de vida tem sido usada em todas as circunstâncias e pelos mais diversos grupos sociais. Vagueia do discurso político ao religioso, além de compor as justificativas da emigração, mas no final, embora o tema seja amplo, traduz-se como uma busca incessante pela felicidade.

Mais da metade dos entrevistados parece acreditar na compra da qualidade de vida da mesma maneira que compraram suas passagens rumo aos Estados Unidos, em pacote. Neste sentido, ao crer que é possível ter qualidade de vida por meio do carro, casa, computadores, viagens, caem num sentimento vazio, que com o tempo é traduzido como solidão, saudades, nostalgia.

Ao aderirem à prática de consumir tudo o que lhes é apresentado, estão apenas reforçando a soberania do produto em relação ao produtor.

“Ao mesmo tempo, na acepção geral, o mercado como conceito raramente tem alguma coisa a ver com escolhas e com liberdade, uma vez que todas são já predeterminadas, quer estejamos falando de novos modelos de carro, de brinquedos ou de programas de televisão: selecionamos entre alguns, sem

¹⁰ JAMESON, F. A lógica cultural do capitalismo tardio. p.282

¹¹ BOURDIEU, P. Sobre a televisão .p. 102 e 103

dúvida, mas não podemos dizer que influímos na escolha real de nenhum deles. Portanto, a homologia com a liberdade é, na melhor das hipóteses, uma homologia com a democracia parlamentar de tipo representativo”¹².

Ter acesso ao universo virtual também compõe uma das modernas modalidades de incremento na qualidade de vida. O que no passado recente significou a redução das distâncias por meio dos avanços tecnológicos do transporte, culminando na facilidade dos indivíduos migrarem e imigrarem; hoje é o acesso ao mundo virtual que fornece essa liberdade de ir e vir com grande velocidade e sem limites temporais. Conforme sentencia Pierre Lévy,

“A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. Embora não se saiba onde, a conversação telefônica tem ‘lugar’. Embora não se saiba quando, comunicamos-nos efetivamente por réplicas interpostas na secretária eletrônica. Os operadores mais desterritorializados, mais desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força, e até com mais violência”¹³.

Assim, Pierre Lévy indica que através dos meios midiáticos, eletrônicos e culturais consumimos constantemente as belezas e as tragédias oferecidas por esse mundo sem espaço geográfico.

¹² JAMESON, F. A lógica cultural do capitalismo tardio. p.273

¹³ LÉVY, P. O que é virtualização? p. 21

TV Globo - A construção do império

A primeira emissora de TV do País e do Hemisfério Sul foi a TV Tupi. Surgida em setembro de 1950, era propriedade de Assis Chateaubriand, dono e idealizador do maior conglomerado de comunicações da época: os Diários Associados. A Tupi seria também a quarta do mundo. Por ser precoce, funcionou em meio a condições totalmente precárias do ponto de vista técnico, mercadológico e social.

Os aparelhos receptores eram importados e o público, restrito. Assim sendo, a programação era erudita, irregular e improvisada. Apesar das dificuldades iniciais a televisão se consolida a partir de 1954, quando o Ibope inicia a medição de audiência. A partir daí, os anunciantes embora descrentes começam a investir neste tipo de mídia.

Mesmo com a fundação de outras emissoras, o domínio da Tupi seria absoluto nos anos 50. A Rede Globo de televisão surgiu em julho de 1957, quando o então presidente da República, Juscelino Kubitschek, aprovou a concessão de TV para a Rádio Globo, e em 30 de dezembro daquele mesmo ano, o Conselho Nacional de Telecomunicações publicou um decreto concedendo o canal 4 do Rio de Janeiro à TV Globo Ltda.

O canal de televisão foi inaugurado dia 26 de abril de 1965, emitindo a música Moon River, de Henry Mancini. O locutor era Rubens Amaral e apresentou a nova emissora aos telespectadores da cidade do Rio de Janeiro e do Estado da Guanabara.

Dava-se assim o pontapé inicial para o que viria a ser a Rede Globo de Televisão. Aos poucos, outras emissoras da rede entraram no ar: em São Paulo, pelo canal 5 (antiga TV Paulista, adquirida do Grupo Victor Costa); em Belo Horizonte (pela emissora comprada ao grupo J B Amaral em 1968), e em Brasília em 1971 (através da emissora adquirida do grupo Victor Costa).

Era uma época na qual 70% da população brasileira moravam no campo. E mesmo entre os que estavam nas cidades, ter um televisor era raro, pois o preço era elevado, comparando com a atualidade, ter um televisor naquela época era mais significativo do que possuir hoje um Home Theater de última geração. Tratava-se de uma forma de status evidente.

Aos 47 anos e atuando no ramo de importação e exportação de bens eletrônicos na Flórida, o paulista João Batista de Mello Filho, ainda se lembra do primeiro televisor e fornece uma visão dos aspectos físicos da máquina e da satisfação em ter um aparelho em casa.

“Me lembro como se fosse hoje. Em 67 meu pai chegou em casa carregando uma caixa gigante, uma televisão Ariston. Era Natal e o aparelho serviria de presente para toda a família. Não sei quantas polegadas, mas me lembro que o tamanho chamava atenção. Tinha uma tela cinza. O aparelho era bem diferente dos atuais, leve e plástico. A nossa TV era de madeira maciça, pesava muito, para tirar do lugar eram preciso duas pessoas. O aparelho era muito rude. Deve ter sido um dos primeiros a ser fabricada, fazia um barulho insuportável. Tinha programa que o ruído era tão alto que a gente não escutava a voz dos artistas. Lá em casa todo mundo gostou do presente. Minha mãe limpava a caixa como se fosse o melhor móvel da casa. Quando desligava, ela cobria com uma toalha longa de crochê para proteger o aparelho. A casa ficava cheia, muitos vizinhos nos visitavam para acompanhar a programação”.

Mesmo sendo um avanço tecnológico, a televisão esbarraria em um fator importante: os telespectadores não podiam captá-la fora de um raio de 106 km em torno do transmissor que gerava imagens. Isso justificava a necessidade de cada emissora prover sua própria programação.

“Naquela época a programação não era 24 horas como hoje e tampouco sortida. Também não tinha muitos canais e por isso ficava boa parte do tempo desligada. Tinha coisa engraçada lá em casa, que era o momento de ligar a TV. Como demorava um tempo para esquentar, a gente não ficava de olho no horário do programa, mas no momento de ligar a televisão para dar tempo de esquentar e ver desde o começo. “(Mello Filho).

Era comum as pessoas ficarem reunidas esperando pela programação, era um momento de lazer que reunia em torno do aparelho parentes, vizinhos e amigos.

“As famílias deixavam de ir à ópera para assistir ao “teleteatro” em casa, e depois ligavam para o camarim cumprimentando os atores. E como não existiam satélites, cada cidade tinha sua programação, com celebridades, piadas e notícias locais”¹.

Quando se deu a compra da TV Paulista, as Organizações Globo encontraram em São Paulo certa tradição televisiva baseada em uma programação de emissões de origem radiofônica, com sucesso desde 1952. Concorria ainda contra o gosto popular a favor da TV Tupi. Este foi um fato determinante que causou a penetração lenta e difícil da emissora carioca na capital paulista.

O caráter local das transmissões fazia com que os artistas viajassem de uma capital para a outra para repetir sua atuação. Com a introdução do videoteipe na década de 60, o que passa viajar é a fita. Graças à criação da Embratel em 1965 e à associação do Brasil à Intelsat, iniciava-se a formação de redes em diferentes regiões do país.

“Desde o início de sua transmissão a Globo montou uma organização em que o paternalismo ou personalismo característicos do gerenciamento de outros grupos – Associados e Record, principalmente - não tiveram lugar, substituídos por relações mais adequadas ao grande capital. Não há espaço para a improvisação, marca registrada das TVs desde os tempos iniciais em 1950².”

A programação da Rede Globo destacou-se em poucos meses: a grade de atrações era conhecida do público e não mudava de repente, como na Tupi, na Excelsior ou na Record. A Globo introduziria outra inovação: os anúncios publicitários, que apareceriam ao longo do dia todo em breves intervalos, semelhantes aos que assistimos atualmente.

O diferencial da Globo era a estrutura por trás dela. A emissora não começou como uma experiência qualquer. Nos bastidores estava quem mais entendia de televisão na época: o grupo Time-Life, dos EUA. Em um contrato assinado em 1962,

¹ NARLOCH, L. A voz do Brasil. In: Super Interessante, São Paulo, junho 2005, p51

² SIMÕES, I, A nossa TV brasileira, p. 29

a Globo daria 30% dos seus lucros em troca de dinheiro para investimentos e experiência.

Entretanto, esse tipo de acordo era proibido por lei: grupos estrangeiros não podiam ser sócios de empresas de comunicação. Foi instalada uma CPI, que não resultou em grande coisa, mas em 1969, a Time-Life desistiu do contrato por insatisfação com a rentabilidade do negócio. Quem se aproveitou ao máximo dessa situação foi Assis Chateaubriand, decidido a atrapalhar essa possível frente a sua emissora de TV, escreveu 50 artigos que ele chamou “caso Time-Life”, e ainda escreveu outros tantos nos quais sempre abria atacando Roberto Marinho, dono da Rede Globo.

O que Chatô pretendia, no entanto, era se ligar a uma organização americana a ABC (American Broadcasting Corporation) e já tinha enviado alguém para tratar desse negócio, mas como o escândalo da Globo saiu primeiro, achou mais prudente apagar essa idéia e sair-se com uma melhor:

“Para provar que não era uma raposa lamentando que as uvas estivessem verdes, Chateaubriand revelou, em um artigo, que poucos anos antes os Associados haviam recusado proposta semelhante: por um milhão de dólares, que chegaria ao Brasil sob forma de publicidade, uma rede de televisão americana que ele não revelou se dispôs a contribuir para que os Associados iniciassem ‘uma ofensiva contra os competidores internos’. A oferta foi recusada por razões éticas”³.

Jornal Nacional

Em 1º de setembro de 1969, a Globo inaugura um novo formato de programa: o Jornal Nacional, um marco na história brasileira. Às 20 horas, ainda é assim até hoje, o informativo – primeiro jornal em rede colocado no ar – na voz dos locutores Hilton Gomes e Cid Moreira (que permaneceria ao longo de 26 anos como seu grande ícone), *“apresentar-se-ia como integrador do Brasil novo, com imagem e som de todo o país. Fechando a edição reafirmava-se como um ‘serviço de notícias do primeiro jornal realmente nacional da TV brasileira.”*⁴

³ MORAIS, F. Chatô: O rei do Brasil, p 667 e 668

⁴ BORELLI, S. H. S e PRIOLLI, G (coords.), A deusa ferida, p.51

O Jornal Nacional lutava contra o “Repórter Esso”, que dominava o horário e tinha uma importante audiência fiel. Gontijo Teodoro, naquele momento, era teoricamente insubstituível, pontualmente aparecendo às 20 horas.

Em 1969, um incêndio destruiu a sede da emissora em São Paulo. Com a destruição dos estúdios, a cidade teve de assistir à programação que ia ao ar no Rio. A audiência não caiu e assim, por uma casualidade, nascia a maior vantagem da Globo: ser uma emissora nacional. Em 1972, a Globo daria mais uma vez um grande passo, tornar-se-ia a primeira a implantar a TV cores em suas transmissões. Já em 1975, sua programação era quase toda nacional.

Mas o que realmente cairia no gosto do povo e tornaria a rede Globo a preferência na maioria dos lares surgiria em 1966, através da autora cubana Gloria Magadan, escritora de uma das primeiras telenovelas que a Globo levaria ao ar “Eu compro essa mulher”, sendo seguida de igual sucesso por “O sheik de Agadir”, da mesma autora, que traria mais duas inovações: maior numero de cenas externas e uma edição mais ágil.

Não era só de telenovela e telejornal que a Globo era feita: se destacava o chamado “Prime-time”, o padrão de qualidade da Globo. O Prime-Time é da responsabilidade de Walter Clark. A idéia era simples: localizar um telejornal entre duas novelas: as conhecidas novelas das sete e das oito. Criava-se assim o hábito de ver TV em família. Essa fórmula surgiria no final dos anos 60 e criaria um monopólio televisivo.

A conquista da audiência com uma programação popular no início das transmissões e nos anos 60, mudaria na década de 70 com uma guinada em direção a constituir uma grade mais voltada ao público médio. O governo interviria para mudar o baixo nível cultural das emissoras, principalmente os programas de rádio. A partir daí foram eliminados os programas de mau gosto e popularescos. A produção deveria seguir o gosto de uma audiência de classe média em ascensão diante do milagre econômico vivido pelo país naquele período.

A Globo contava com um modelo produtivo e gerencial eficiente: centralização do comando, cumprimento de metas previamente traçadas, forte esquema comercial, produção otimizada, tecnologia de ponta, construção de uma programação homogênea e voltada para um publico médio.

A impessoalidade de seus apresentadores corroborava mais ainda com a meta de evitar erros ou opiniões que pudessem de certa forma criar manchas nesta estética limpa. Surgia um novo Brasil e com a Globo responsável por criar e fazer o brasileiro acreditar nessa nova imagem, o modo de ver, saber e falar, pouco a pouco se tornaria globalmente universal.

Foram dois os momentos decisivos na vida da Rede Globo e na história da televisão no Brasil – o fim da Rede Excelsior (1969) e o fim da TV Tupi (1980). Esses dois momentos específicos foram responsáveis pela consolidação da TV Globo. Nessas duas décadas, seu monopólio produziria prioritariamente telenovelas e telejornais e alcançaria índices imbatíveis de audiência com suas vinculações.

Mas o que tornava a Globo tão irresistível? No início ela optara por uma programação popular, evitando o combate direto com as emissoras líderes daquele momento, mas em um prazo de sete anos ela já se igualara aos grandes da época.

A TV convidava o telespectador a identificar a realidade que ele via, a estética brilhante e clara da publicidade era sedutora, fazia sonhar com produtos antes nem sequer imaginados. A visão do próprio país mudava.

Na frente da TV, na hora da telenovela, não existiam divisões de classe social, de segmento demográfico, gerações ou regiões. Em torno do folhetim eletrônico todos eram iguais, torciam pelas mocinhas indefesas, suspiravam pelos galãs, odiavam os vilões, sendo que este interesse era sempre renovado.

Nem mesmo o golpe militar parece ter afetado muito a Globo. A nacionalização da programação alegrara os militares, pois estes acreditavam que somente integradas as fronteiras se tornaria impossível uma invasão “vermelha”. O que mais poderia integrar as fronteiras do que uma telenovela?

Por pior que estivesse a situação do mundo, o Jornal Nacional sempre apresentava um país bonito e agradável. Governo e Rede Globo formavam um casal tão unido que em 1972, o presidente Médici chegou a dizer: *“Fico feliz todas as noites quando assisto ao noticiário. Porque, no noticiário da Globo, o mundo está um caos, mas o Brasil está em paz.”*⁵

Muitos podem ter sofrido com a censura do militarismo, a Globo sofreu pouco. O código de proibição brasileiro era muito subjetivo e não acompanhava a evolução dos costumes. Algumas novelas como Roque Santeiro (1975) foram proibidas de

⁵ NARLOCH, L, A Voz do Brasil. In: Super Interessante, junho 2005, p. 53

serem sequer filmadas. A primeira versão de Selva de Pedra (1972) recebeu uma reprimenda de Rogério Nunes, diretor da censura, conforme correspondência enviada a Walter Clark:

“Estão sendo inseridas cenas de discussões violentas, problemas e desavenças entre pais e filhos, casamentos arranjados por interesse, mãe solteira, amor livre, lenocínio. Ele cita os procedimentos que tem a mão: ‘Impor cortes quando possível e até mesmo proibir capítulos’”⁶.

Autores como Janete Clair, Dias Gomes, Lauro César Muniz, Mario Prata, Ivani Ribeiro, Gilberto Braga e Agnaldo Silva sofreram com parceiras indesejadas. Nem mesmo “A Escrava Isaura”, adaptação do romance de Bernardo Guimarães, escapou dessas arbitrariedades:

“...um dos maiores sucessos da TV brasileira recebeu orientação oficial para ‘amenizar os enfoques sobre o comportamento de Leôncio, conquistador inveterado e inescrupuloso, e quanto às cenas que retratam maus-tratos dados aos escravos pelos feitores’”⁷.

Estúpido Cúpidio foi outra trama que sofreu sérias interferências por parte do governo, conforme declarou Mario Prata em entrevista à Folha de S. Paulo, em 1977.

“Nenhum capítulo do total de 160 deixou de ter algo censurado. Cento sessenta capítulos dão um total de 3.040 páginas de 35 linhas. Como uma média de 10% foi censurado, isso quer dizer que a novela teve 10,500 linhas cortadas [...] Escrever passou a ser um exercício metafórico.”⁸

Nem só das telenovelas viviam os ávidos censores, até o Fantástico sofreria com proibições absurdas. Em um domingo normal o Fantástico anunciou o Balé Bolshoi que apresentaria Romeu e Julieta, baseado em Shakespeare e na música

⁶ SIMÕES, I, Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura). In: A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário p. 87 e 88

⁷ Idem, p.88

de Prokofieff. O balé foi proibido de ir ao ar, singela a explicação para tal atentado a arte: o grupo era russo e segundo o censor do órgão de repressão tratava-se de instrumento de propaganda comunista.

Após 1976, com o fim da censura prévia, o noticiário da TV Globo permanecia sem ataque aos militares. Quando se deu a redemocratização do país a Globo mostrou-se claramente resistente às mudanças. O idílio entre a Globo e o governo militarista havia sido tão forte, que a Globo se deu ao luxo de se autocensurar. Exemplos disso são as greves de 1978-1980 no ABC paulista, que mal foram mencionadas pela emissora. Com a Campanha das Diretas Já, em 1984, não foi diferente, mas o povo rebelou-se contra essa atitude e nasceu assim o lema: “O povo não é bobo, fora com a Globo”. A emissora não noticiou o evento das Diretas Já na Praça da Sé, no dia 25 de janeiro, como um protesto contra a ditadura e a ausência de democracia, mas sim como uma comemoração pelo aniversário de São Paulo. A década de 80 seria a consolidação da poderosa Rede Globo, culminando em 1982 com a implantação do sistema de transmissão via satélite.

Apesar do poder de Roberto Marinho ser imenso no fim da ditadura, o próprio governo tentaria derrubá-lo. Abria-se assim a concorrência para novas emissoras de TV. Candidataram-se o Jornal do Brasil e a Editora Abril, mas quem ganhou foi Adolpho Bloch, criador da Rede Manchete, e Silvio Santos, idealizador do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Enquanto esses “bebês” aprendiam a engatinhar, Roberto Marinho decidia os rumos do Brasil.

Segundo a Constituição Federal de 1988, artigo 223, § 5, fixava-se o prazo de concessão de dez anos para rádio e 15 anos para televisão. Para a não renovação da concessão, seriam necessários 2/5 do Congresso Nacional em votação nominal. Vale destacar que o próprio presidente eleito Tancredo Neves em 1985 diria a um indignado Ulysses Guimarães: *“Eu brigo com o papa, com a Igreja Católica, com o PMDB. Só não brigo com o doutor Roberto”*⁸. E tudo por conta da nomeação de Antonio Carlos Magalhães (ACM) para ministro das Comunicações, indicado por Roberto Marinho.

O Ministro da Fazenda de 1988, Mailson da Nóbrega, enfrentou uma verdadeira sabatina de duas horas com Roberto Marinho. Dez minutos após a conversa o Jornal da Globo daria o furo de reportagem: ele era o novo ministro.

⁸ FOLHA de São Paulo: Caderno Folha, janeiro 1977. In: SIMÕES, I. Nunca fui santa, p. 89

Para fechar a década de 80 com chave de ouro, a eleição do primeiro presidente por voto direto se daria naquele ano. Os debates entre os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello eram esperados com certa ansiedade pelos brasileiros, e mais uma vez a Globo foi tendenciosa. No dia 14 de dezembro daquele ano o Brasil acompanharia um debate no qual Lula saiu-se bem, mas as edições apresentadas nos telejornais da rede nos dias subseqüentes, favorecia Collor, que venceria a eleição.

A edição tendenciosa mostrava os melhores momentos de Collor e os piores de Lula. O chefe de edição, Armando Nogueira, demitiu-se no dia seguinte. Esse episódio demonstra claramente a intervenção de Roberto Marinho para manter seu poderio, anos mais tarde ele confessa em entrevista ao Jornal da Tarde: *“Nós promovemos a eleição de Collor, e eu tinha os melhores motivos para um grande entusiasmo e uma grande esperança de que ele faria um governo extraordinário”*.¹⁰

Tudo seria perdoado, porém se a Globo tivesse se posicionado corretamente durante o episódio do “Fora Collor”, em 1992. Porém, uma vez mais ela preferiu ignorar até onde pôde as inúmeras passeatas e atos públicos, deixando para embarcar na cobertura quando a situação se mostrou irreversível.

A década de 90 traria outras surpresas para a Rede Globo. Em 1992, uma rede britânica conhecida como Channel Four (e não a BBC, como é a crença geral) fez um documentário “Muito Além do Cidadão Kane” sobre o poder de influência da emissora no país. A polêmica que causou fez com que a família Marinho conseguisse tirar judicialmente do mercado. Atualmente com o advento da Internet, o filme voltou a circular.

Nem só de tristezas viveria a Globo nos anos 90, após ter perdido a credibilidade na década de 80, o Jornal Nacional amadureceu e voltou a ser uma fonte importante de informação. Através de furos de reportagem como a violência na Favela Naval em Diadema, a entrevista com Paulo César Farias no período em que se encontrava foragido, a apuração de casos de fraudes na previdência social com a prisão de Jorgina de Freitas e o escândalo dos precatórios.

Mas nem tudo seriam rosas. Se o jornalismo da Globo recuperara a credibilidade nos anos 90, um fato inimaginável aconteceria: a perda da audiência seria constante. Embora seguisse bem a frente das outras emissoras, a Globo via o

⁹ NARLOCH, L, A voz do Brasil. In: Super Interessante, jun 2005. p. 53

índice de aprovação popular de suas novelas diminuir vertiginosamente. Em 1990, os programas da Globo seriam batidos em momentos específicos por novelas como Pantanal da TV Manchete.

Se nos anos 80 a Globo contava com mais de 75% da publicidade do país, nos anos 90 a verba publicitária cairia para 39%, enquanto o SBT, por exemplo, aumentaria de 15% para 22% sua fatia do bolo publicitário¹¹.

Verba Publicitária	Década de 80	Década de 90
Globo	75%	39%
SBT	15%	22%
Manchete	12%	14%
Bandeirantes	12%	10%
CNT	6%	6%
Record	5%	5%
MTV	2%	4%

Além disso, o alto custo de investimento publicitário na Globo - são os segundos mais caros da TV brasileira, e a crescente concorrência por índices de audiência são os responsáveis diretos pelo redirecionamento da distribuição das verbas entre as emissoras. Os programas de grande penetração popular, como os da Record, oferecem espaços publicitários mais baratos, permitindo aos pequenos anunciantes acesso à mídia na TV.

Mesmo com a crise de audiência a Globo se destacaria mais uma vez graças aos aspectos tecnológicos e produtivos. Desde o começo dos anos 80 a emissora dispunha de computação gráfica que conferia distinção no quadro televisivo nas vinhetas e aberturas de programas. No começo da década de 90 com as melhoras sucessivas no alcance das transmissões no sistema de via satélite a cobertura da Globo alcançava 99,9% do território nacional.¹²

¹⁰ JORNAL da Tarde, São Paulo, 6 de Abril/93

¹¹ Cf www.sbt.com.br . In: Distribuição de Renda

Parque tecnológico

A grande virada da Rede Globo em termos de tecnologia foi o PROJAC, o parque tecnológico da Globo. A concepção da idéia era simples: montar um parque tecnológico de ultima geração era relativamente mais barato do que reformular um já construído, o que implicaria constante adaptação de nova tecnologia aos processos que preexistiam e sucateamento de parte do ativo fixo.

Os números do Projac impressionam. Inaugurado em 1994, o projeto apenas demorou dez anos entre concepção e execução. Seu custo inicial foi de US\$ 120 milhões na primeira fase. Duas outras fases estavam previstas num custo total de US\$ 350 milhões. É o maior centro produtivo da América Latina com oito estúdios entre mil e três mil m² em terreno de 1.300.000 m² e 120 mil m² da área construída inicialmente, além de deter toda a tecnologia disponível até aquele momento.¹³

A concorrência não permaneceria em silêncio por muito tempo, mesmo modestamente a resposta veio em 1995, com a inauguração do complexo Anhanguera do SBT, apesar de menor: 231 mil m² de terreno, 62 mil m² de área construída e oito estúdios com tamanho máximo de 840 m², consumiram os mesmo US\$ 120 milhões, equiparando tecnologicamente as duas emissoras.

Essa tecnologia substituiu progressivamente uma série de procedimentos que antes eram de uma mão-de-obra especializada. Unidades cada vez menores de edição e pós-produção aumentam a qualidade da imagem e reduzem a possibilidade de erros ao mínimo. Nesse mesmo ano a Globo introduziria outra novidade produtivo-tecnológica: a inauguração em São Paulo de seus novos estúdios de jornalismo, dividindo-os em duas unidades: ficção no Rio de Janeiro e jornalismo em São Paulo.

E mesmo com tanto investimento e tecnologia a TV Globo esbarraria na renovação das concorrentes com a Rede Record, adquirida em 1989 pelo bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. Com a entrada do capital evangélico, em 1995 a emissora revitalizada inauguraria estúdios novos. Ainda no início da década de 90, a fusão da CNT com a Gazeta resultaria na dinamização de ambas e estas seriam responsáveis pela introdução de uma programação popularesca que obteria grandes índices de audiência em 1997 e 1999,

¹² Documento de divulgação da TV Globo, s.d.

desestabilizando o projeto de televisão da Rede Globo. Com a implantação de novas formas de televisão paga, pela primeira vez a Globo tem realmente de enfrentar a concorrência.

A Globo ainda teria que enfrentar o fantasma da TV paga. Em 1993, o país contava com 250 mil assinaturas, que em 1995 já eram 1 milhão e se tornariam 2,5 milhões em 1997. Segundo pesquisa realizada pelo Ibope, em 1999, 12% dos domicílios brasileiros se utilizavam da TV paga.

O perfil do assinante influencia na programação, em relação a divisão de classes em 1999, os domicílios com televisão paga eram 30% nas classes A e B, 6% na classe CV e 1% nas classes D e E. O telespectador de classe A e B migra para TV paga mas escolhe programas entre ela e a TV aberta. Essa migração de uma audiência mais qualificada para as TVs pagas aumentaria a disputa entre as TVs abertas pela audiência das classes populares.

A partir de 1994, com a estabilização financeira concedida pelo Plano Real, aumenta a aquisição de aparelhos de TV pelas famílias de classes populares entre os extratos D e E, assim sendo, a programação deveria ser ao gosto desse novo freguês, um exemplo disso seria o aumento dos programas de auditório de 75 para 77%. A TV paga deseja ser no Brasil um mercado de massa como é nos Estados Unidos, para tanto investe em duas estratégias:

1) popularização de sua programação, com investimentos das operadoras na produção de canais em português, para atingir um público monoglota e a um segmento mais jovem de receptores;

2) barateamento do custo das assinaturas, através da criação de pacotes mais acessíveis ou pela diminuição do custo dos mesmos pacotes já existentes.

Segundo a Net, no período de um ano, entre a classe A, a desistência é de 10%, entre a classe B a porcentagem desistente é de 20%, correspondendo aos padrões mundiais, na C, esse índice chega perto dos 100%.

Pesquisa realizada em 1998 revela que o perfil do assinante pode ser considerado elitista no Brasil: 55% das casas possuem três ou mais aparelhos de televisão, 87% têm computador, 42% telefone celular e 88% automóvel. Em relação ao gênero as mulheres representam 52% dos assinantes.

¹³ História da Empresa. Rede Globo, institucional, s.d.

Pesquisa realizada pela agência de publicidade DPZ, em 1997, constatou que o número médio de horas dedicadas a TV paga é menor do que a aberta, principalmente nos fins de semana, quando o público dedica 3,2 horas à TV paga contra 2,3 horas da TV aberta. Ainda foi constatado que o horário das 18 às 21 horas é dedicado a TV aberta e das 21 às 24 horas à TV paga.

A TV ainda tem que concorrer com um novo tipo de telespectador adepto da prática do *zapping* :

“o zapper tem aversão a comerciais [...] mal começa o intervalo põe-se a xeretar a programação de outros canais. Mas há um tipo compulsivo que sequer espera pelos comerciais. Movido pela curiosidade patológica ou insatisfação crônica, ele se entrega o tempo todo a mais absoluta promiscuidade audiovisual”¹⁴.

Em função dessa insatisfação, cada vez mais os programas têm curta duração, a pioneira nessa idéia foi a MTV. Além disso, as telenovelas, que antes eram a vedete da programação global, perderiam chão a cada dia para o SBT, que ao invés de investir em telenovelas próprias, prefere comprar sucessos mexicanos. Assim, a década de 90 representa o declínio da audiência da Globo, o que se torna sua maior preocupação.

Vai longe a época em que a Globo dominava as televisões brasileiras. As mudanças foram acontecendo contra a vontade. Desde Walter Clark, em 1968, até Boni e Marlene Matos, durante toda a década de 90, a Globo forçou sua opinião como a única plausível. Hoje, a Globo descobre que talvez o brasileiro não tenha sido assim tão bem doutrinado.

Globo Internacional

Em 24 de agosto de 1999, a Globo lançaria o seu projeto mais ambicioso de internacionalização: uma proposta de televisão mundial por assinatura, que transmite parte da programação da emissora para 63 países, sendo os maiores mercados Estados Unidos, África (destaque para Angola e Moçambique) e Japão.

¹⁴ FOLHA de São Paulo, Ilustrada 8/10/95

O sinal é gerado de sua sede no Rio de Janeiro para o satélite Intelsat 805, que repassa atualmente para diferentes distribuidores internacionais, divididos em América Latina, América do Norte, Ásia, Oceania, África e Europa. Cada distribuidor reenvia o sinal para um satélite de banda Ku, que por sua vez emite para uma região específica, de forma que a emissora seja fornecida aos consumidores através de operadoras próprias de várias tecnologias.

TV Globo em Pompano Beach

O lançamento da emissora em Pompano Beach foi aguardado com ansiedade pelos brasileiros. Praticamente todos os jornais destinados à comunidade publicaram textos e anúncios sobre o novo canal. O assunto virou pauta pública. Nas ruas, nos encontros, nos comércios brasileiros o assunto era sempre a instalação da emissora, seguido da pergunta: “você irá assinar?”.

A incidência de notícias apresentadas pela mídia e discutidas pelos compatriotas preocupou os comerciantes que trabalhavam com locação de fitas (VHS), cujos conteúdos eram programas brasileiros de várias emissoras, sobretudo a própria Globo. Mas além deste grupo, poucas eram as pessoas que ousavam criticar a instalação da emissora nos Estados Unidos.

“Fui um dos primeiros a assinar, convencido pela minha mulher e minha cunhada, que morava com a gente na época. Por mim, ficaria sem. Mas todo dia tinha falatório aqui em casa, não só delas como das amigas que passavam aqui depois do trabalho. Conheço a fera que tenho em casa. Foi melhor assinar logo do que ouvir a conversa todo santo dia. Hoje, até gosto. Mas é uma briga com os meninos que só querem ver programas americanos” (Roberto, ou seu Betão, como gosta de ser chamado pelos amigos).

O que Betão reclama, no entanto, não é exatamente do falatório incessante da esposa, mas de sua silenciosa aceitação diante da pressão dela e de suas amigas, portanto, para não ficar fora do grupo que diariamente freqüentava sua residência, aceitou a idéia de ser assinante Globo. Segundo Clóvis Barros Filho:

“Haverá, portanto, uma tendência, no seio desse grupo minoritário, ao silêncio. Quando parte desse grupo se cala, a opinião discordante, que já era

minoritária, se torna ainda mais minoritária. Nesse momento, a tendência ao silêncio ainda será maior. O número de silentes será, portanto, maior fazendo com que a opinião se torne ainda mais minoritária”¹⁵.

Trata-se da constatação da teoria da espiral do silêncio, desenvolvida desde 1972, pela professora alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Para a pesquisadora, a influência da mídia está ligada às características individuais do receptor, sendo que a conformidade, consciente ou inconsciente, provoca a aceitação de temas tratados exaustivamente pela mídia, assim, *“uma das condições para que o efeito da “espiral do silêncio” se produza é a consonância temática, ou seja, abordagem relativamente homogênea dos mesmos fatos pelos distintos meios de comunicação”*.¹⁶

Entre outros aspectos teóricos e em linhas gerais, a espiral do silêncio consiste do medo que os indivíduos têm em demonstrar suas opiniões e serem ignorados pelo grupo ao qual pertencem ou estão momentaneamente inseridos, por isso, sabendo ele qual seria a opinião dominante bastaria segui-la para continuar objeto integrante desse ambiente.

A incidência da notícia sobre a TV Globo também foi sentida pela comunidade hispânica, que naquele momento acompanhava “Xica da Silva” (Manchete), pela Telemundo. Os hispânicos acreditaram que as novelas da Globo seriam transmitidas em tempo real com o Brasil, o que favorecia as discussões em grupo e a aproximação das comunidades através da televisão.

Mais do que a idéia de lazer, o que a população apreciou foi a instalação de um produto nacional no mercado estrangeiro. A satisfação de ver entrar pela porta da frente uma emissora que por anos provocou reações semelhantes num carioca, num paranaense, ou pernambucano. Porém, a maioria não tem noção dos contratos comerciais que cercam uma operação deste nível, favorecendo ganhos para os mercados das duas Américas, em função do número de anunciantes e assinantes, estejam eles onde estiverem.

A emissora está sob responsabilidade da Divisão de Negócios Internacionais (DNI) da Rede Globo, uma das divisões da TV Globo; conta com um quadro composto por executivos, contatos comerciais, apoio administrativo, profissionais de marketing e técnicos, trata da comercialização de todos os produtos da Rede Globo.

¹⁵ Barros Filho, C. Ética na comunicação. p. 208-209

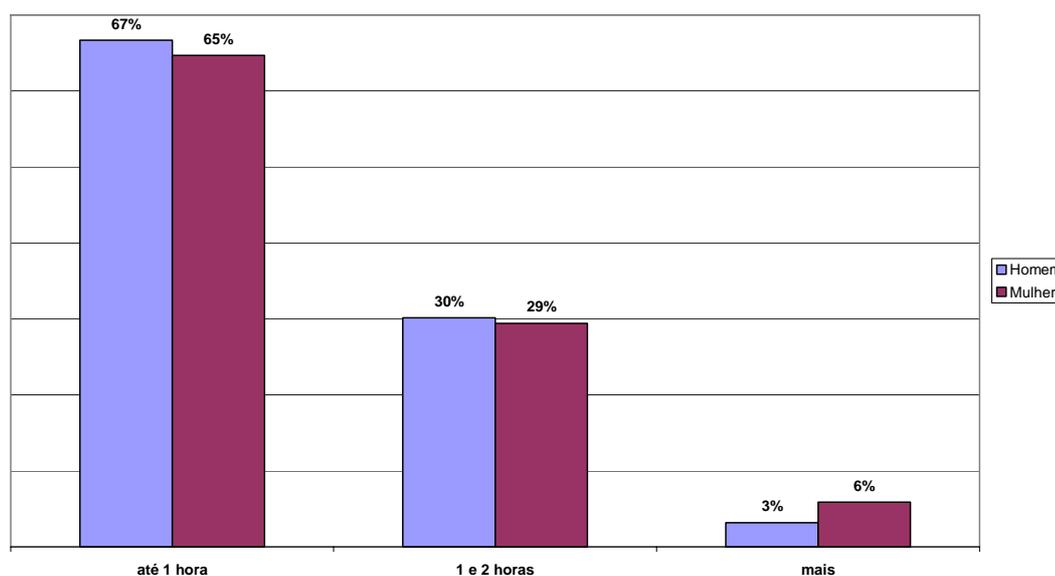
As telenovelas são o carro-chefe da TV Globo Internacional, sendo exibidas em mais de um horário: as quatro inéditas que no Brasil vão ao ar às 17h30, 18, 19 e 21 horas, além de produções antigas. Também estão incluídos os três telejornais diários: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje e Jornal Nacional, além de Globo Esporte, Globo Rural e Bom Dia MG (jornalístico de Minas Gerais).

Outro trunfo do canal são as transmissões de partidas de futebol realizadas no Brasil (Campeonato Brasileiro, Copa dos Campões, Copa do Brasil e dos campeonatos regionais) e inclusive as da seleção brasileira, negociadas com a Federação Internacional de Futebol (Fifa).

A programação ainda conta com minisséries e atrações como Casseta & Planeta, Programa do Jô, Zorra Total, Intercine, Vídeo Show, Globo Repórter, Mais Você, Caldeirão do Huck, A Turma do Didi, Xuxa no Mundo da Imaginação, Santa Missa e Globo Ecologia, entre outros.

Apesar da empresa oferecer uma programação variada, reprisada em diferentes horários e bastante parecida com a veiculada no Brasil, muitos telespectadores imigrantes não identificam a TV como forma de lazer. A pesquisa aplicada em Pompano Beach apurou que a maioria dos telespectadores gastam cerca de uma hora assistindo TV, sendo que 67% das mulheres o fazem de 3 a 4 vezes por semana, enquanto a maioria dos homens, 38%, ficam diante do aparelho diariamente, conforme demonstram os gráficos 11 e 12.

Tempo gasto assistindo TV - em horas



¹⁶ idem p.209

Figura 11

Tempo gasto assistindo TV - Número de dias da semana

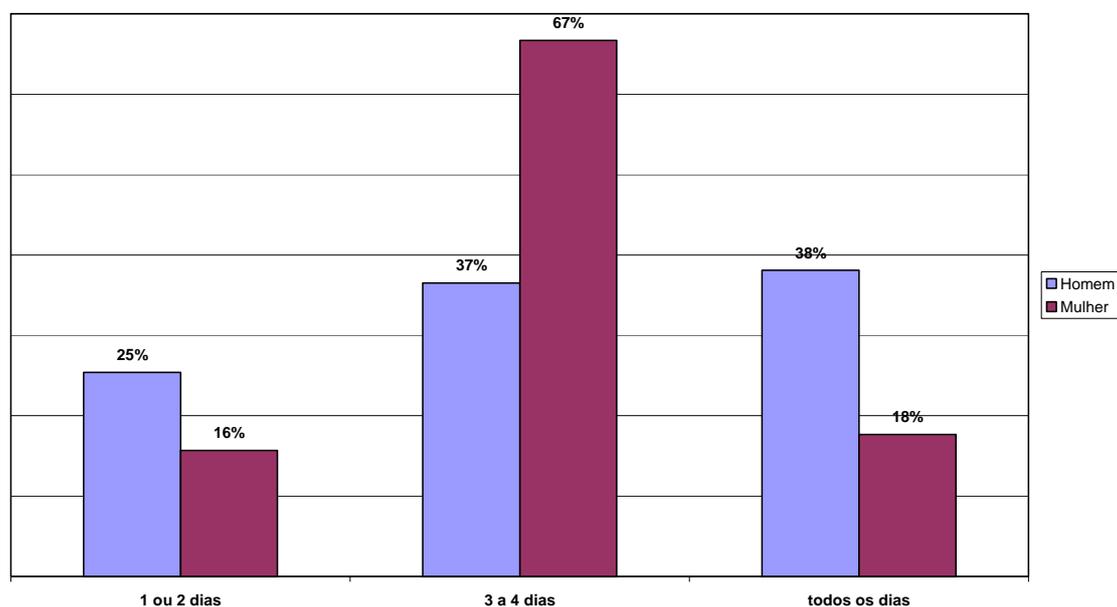


Figura 12

Marcelo, 35 anos, 5 em Pompano Beach, é um dos assinantes que apesar de ver a Globo diariamente, não reconhece no hábito uma atitude ligada ao lazer:

“[...] divertimento é sair, passear, viajar, juntar os amigos. Igual a gente faz lá no Brasil. Ver TV é uma coisa de dentro de casa. É só pra relaxar. Mas é que a gente não senta pra ver televisão. A gente assiste televisão arrumando a roupa pra trabalhar no dia seguinte [...] Antes eu gostava de ver o Gordo, mas é muito tarde e acabo dormindo. A vida aqui é assim. A gente levanta e dorme pensando no serviço”.

César e a esposa Marluce, 15 anos nos Estados Unidos, sendo 5, em Pompano Beach também não reconhecem na televisão uma forma de lazer. Ela explica que aproveitou melhor o tempo que passou em Nova Iorque, onde teria feito turismo em companhia do marido. Mas na Flórida, o casal costuma ir à igreja, às vezes passeiam por Miami ou pela praia. Perguntado sobre ter lazer diariamente vendo TV, ele se espanta, respondendo com outra pergunta: *“E televisão é lazer?”*

Para Marluce, lazer é sinônimo de diversão, cinema e festas, sendo TV apenas uma forma de descansar e ficar com a família:

“Eu acho que a televisão proporciona um bem estar sim. Aqui a gente tem até uma certa cumplicidade. Na hora do telejornal, ninguém gosta de atender telefone e quando a novela vai começar a gente fica em silêncio. Até o César que só reclama pára para assistir. E outro dia ele foi chamado para arrumar um cano que tinha rompido bem na hora da novela. Saiu reclamando daqui [...] Quando voltou fez o Caio (filho) contar o que tinha acontecido no capítulo”.

Nem todas as pessoas vêm o aparelho como extensão da própria rotina, os mais jovens conseguem encontrar na programação um momento de relax e entendem que o ócio faz parte da rotina. Assim é para Fabrício, 17 anos, que passa pelo menos duas horas diárias vendo MTV com a irmã, americana, Nathaly.

“Tenho uma rotina pesada para um garoto da minha idade, mas comum para estrangeiros. Vou cedo para a escola. Depois faço um part time no Burger King, volto pra casa faço algumas tarefas domésticas - obrigatórias, minha mãe e meu pai trabalham até tarde – e só depois disso vejo TV com minha irmã. A gente se diverte muito. Gostamos de filmes e da MTV. Pela minha mãe, a gente assistiria “Malhação”, mas é muito boring¹⁷ e não ensina nada”.

Carla Volpi, 22, anos, considera a TV uma companheira, portanto, uma ‘amiga’ nas horas mais difíceis e o único momento de descanso quando o dia é estressante.

“Tenho o hábito de chegar em casa e ligar a TV. Acho que isso é uma coisa meio americana. É o meu momento de relax, principalmente se o dia tiver sido muito cansativo. Também vejo TV quando me sinto só. Não converso com ela, claro, ainda não estou neste nível, mas posso dizer que em muitos momentos ela foi minha melhor amiga. Tenho um pacto comigo mesma.

¹⁷ O tempo todo as crianças e adolescentes usam a palavra boring em substituição a chato ou chateado

Fazer o que for preciso para não me deprimir nesta terra [...] Meus canais preferidos são a Globo, por causa da língua e das novelas, adoro! e HBO”.

Mesmo com a dificuldade do brasileiro ver a TV como uma forma de lazer, as assinaturas da Globo Internacional deram um salto significativo, considerando-se a abrangência de países a quantidade de pagantes triplicou como mostra o quadro:

Número total de assinantes da TV Globo Internacional:

Ano	Quantidade (milhão)
2001	0,075
2002	0,250
2004	1,8

* Fonte: Cristina Pessoa¹⁸

É interessante observar que apenas duas semanas após seu lançamento, a TV Globo Internacional já registrava um dos maiores números de assinantes dentre os canais étnicos, somando 5.780 pessoas. O número é bastante expressivo, pois para se ter uma idéia, a BBC (TV britânica) demorou três meses para chegar a cinco mil assinantes.

“As assinaturas do canal brasileiro estão sendo oferecidas há um mês e meio. Nos Estados Unidos, custam US\$ 19,99 (cerca de R\$ 40,00) e no Japão US\$ 33 (cerca de R\$ 66,00). O canal TV Globo Internacional foi lançado ontem nos Estados Unidos. Oficialmente, os EUA são a moradia de 600 mil brasileiros. Mas, segundo dados da TV Globo, somando os moradores clandestinos, esse número pode chegar a 1,2 milhão”¹⁹.

Apesar do sucesso na época do lançamento da emissora internacional, o valor da assinatura não era exatamente convidativo. Com os mesmos dólares, na

¹⁸ Dados fornecidos por Cristina Pessoa, assistente de marketing TV Globo Internacional em 13 de janeiro de 2005

¹⁹ Folha On Line. In: <http://an.uol.com.br/1999/set/09/0ane.htm>

Flórida, era possível assinar um pacote de canais com as mais variadas programações, incluindo as de língua hispânica. Atualmente o custo da assinatura é de aproximadamente U\$ 40,00. O salto expressivo pode ser o resultado das dívidas acumulada pela emissora, que após a morte de Roberto Marinho, teriam crescido e afetado o império global, com exceção da SKY Brasil.

A Net, por exemplo, não consegue fechar no azul, representando cerca de 20% do total da dívida do grupo. A Globo Sat, ligada à vinculação de TV fechada está com problemas financeiros, mas que não são tão graves, pois se trata de uma questão de conjuntura nacional, ou seja, em quanto à economia não estiver extremamente bem, a TV andará na mesma sintonia. Os jornais o Globo e Extra, embora representem uma parte pequena na organização, também não estão com a saúde econômica ideal, pois têm perdido espaço para outros veículos, como o Dia.

A Globo Internacional seria o principal dilema financeiro do Grupo, com dívidas que chegam a 10 bilhões de Euros. Com largo alcance, pode ser visto por toda a EUROPA, a Globo vem tentando minimizar este prejuízo com empréstimos bancários, provenientes de instituições européias.

Sobre os problemas financeiros que a empresa vem passando há alguns anos, Benito Quintanilha, escreveu:

“Com uma dívida cada dia crescente a mesma estava sendo socorrida pelo governo FHC e agora tenta negociar com o governo LULA uma ajuda de alguns milhões de dólares. A Globo em uma última tacada contratou Carlos Schöreder para diretor da Globo Internacional, considerado um executivo de idéias globalizadas está sendo arrastado junto com a empresa para o fundo do poço. A Globo tenta respirar aumentando suas cotas de comerciais e ao mesmo tempo fechando contratos de exclusividade com a CBF, fazendo que patrocinadores de times e da própria CBF não tenham escolha e anunciem na emissora. No horário nobre a mesma vem perdendo anunciantes de peso para o SBT, que cresce a passos largos rumo a liderança do horário nobre”²⁰.

Com relação às dificuldades financeiras do conglomerado e a participação de bancos e empresas públicas para salvar a companhia, Jacson Saboya escreveu no site Observatório da Imprensa, em 28 de dezembro de 2004:

²⁰ QUINTANILHA, B. A Saúde financeira da Rede Globo, In: www.comunista.com.br

“A Rede Globo está hoje indiretamente subvencionada. Por esta dependência econômica – e com o grupo da Fórum do Audiovisual e do Cinema (FAC) – é que a Globo esperneia numa agonia terminal temendo o poder do Estado. Mas há limites. Ela pode ser controlada, por linhas transversas, por meio de uma “estatização” via um eventual saneamento patrocinado pelo BNDES ou, pior, ser vendida para o tubarão dos conglomerados da mídia mundial Rupert Murdoch”²¹.

Insatisfeita com os comentários no texto de Saboya, a Rede Globo encaminha pedido de direito de respostas ao site. No texto intitulado “TV Globo Responde – Reparos e correções necessárias”, a empresa informa que não tem por hábito cercear o direito de comunicação de nenhum órgão ou pessoa física, no entanto, referente à matéria de Saboya, várias correções seriam necessárias, sob pena de um juízo errôneo a respeito da saúde financeira do grupo. As explicações são assinadas pelo diretor da Central Globo de Comunicação Luis Erlanger.

“Não é fato, como foi afirmado, que a sobrevivência da TV Globo dependa da publicidade oficial, simplesmente porque a conta ‘governos’ representa somente cerca de 5% do faturamento da empresa. Setores privados como varejo, alimentos, bebidas, higiene pessoal, telecomunicações, financeiro e têxtil constituem o grande peso. Não existe, portanto, vulnerabilidade e dependência, mas sim independência das instâncias de governo”²².

Programação internacional

Com ou sem problemas de ordem financeira, o certo é que atualmente 65% do tempo de transmissão correspondem à programação atual, os 35% restantes são reprises. Programação estrangeira não pode ser veiculada pela emissora devido aos contratos de direito de transmissão.

O Planeta Brasil é o único programa com exibição regular na grade, produzido com exclusividade para a Globo Internacional²³. É veiculado semanalmente e aborda

²¹ SABOYA, J. A Guerra da Ancinav, o que é isso, companheiro? In: Observatório da Imprensa, 28/12/2004

²² ERLANGER, L. TV Globo responde: reparos e correções necessárias. In: Observatório da Imprensa, 25/01/2005

²³ Cf BRITTOS, V.C e BOLAÑO, C.R.S. (orgs.) Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia

temas de interesse dos imigrantes, como informações consulares, entrevistas com brasileiros que fazem sucesso no exterior, realidade de vida fora do país e dicas de como minimizar o choque cultural de viver no estrangeiro. A programação é de responsabilidade do escritório da TV Globo de Nova Iorque.

A programação internacional é a mesma, variando apenas o horário de exibição em diferentes regiões. Apenas nos programas que vão ao ar ao vivo, como Jornal Nacional e os jogos de futebol, há maior variação. A programação divide-se entre a transmitida sincronicamente com a TV Globo do Rio de Janeiro, da qual parte é ao vivo; defasada um dia; atrasada uma semana; gerada em tempo simultâneo à Globo News; e de acervo.

A Globo Internacional não conta com a medição oficial de audiência, esta inexistente de forma regular. Mas, segundo informações do escritório de Miami, o retorno dos assinantes a partir de mensagens eletrônicas, demonstra que em 2000 as atrações mais assistidas foram as três novelas, Jornal Nacional, Programa do Jô, Os Normais e o futebol (campeonato brasileiro).

A Globo conta com outros projetos na área, mas nenhum foi lançado: seria um segundo canal internacional falado em espanhol, incluindo programas produzidos especificamente para o projeto e em co-produção. Essa iniciativa enfrenta dificuldades de viabilização por conta de parcerias com a emissora Telemundo.

O primeiro grande contrato da Globo nos Estados Unidos foi em 2001, com a Telemundo, para o fornecimento de 15,000 horas de programação em um período de 5 anos. Mesmo sendo uma importante porta de entrada, a Telemundo perde muito em audiência para a Univisión (sociiedade entre Televisa e Venevisión) que detém cerca de 80% do mercado, apesar de estar presente com 13 estações em cidades como Nova Iorque, Miami, Los Angeles e Chicago.²⁴

A Divisão Internacional da TV Globo lucra com a venda da programação para o exterior desde a segunda metade da década de 70. México, Portugal, China, Índia, Turquia, Rússia e outros países já se tornaram fãs de nossas telenovelas e outros programas. Em 1998, a DVI faturou US\$ 32 milhões. A Globo ainda é sócia da

²⁴ BRITTOS, V.C e BOLAÑO, C.R.S. (orgs.) Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia, p. 163

Paramount, Universal, Fox e MGM na *joint-venture* responsável pelos cinco canais telecine.

Desde os anos 80 a Globo tem participação acionária na TV portuguesa SIC, na Portusat, operadora de TV paga via satélite da SIC e do grupo Lusomundo. As Organizações Globo hoje se concentram apenas em mídia, entretenimento e telecomunicações. Venderam o banco e a seguradora ABC Roma.

TELENOVELAS

As telenovelas, nosso produto cultural por excelência, como já foi citado neste trabalho, são o carro-chefe da Globo Internacional, mas não é apenas na divisão estrangeira que o folhetim Global faz sucesso. Mesmo com desgaste sofrido na década de 90 e começo de 2000, por conta das produções mexicanas e venezuelanas, as tramas do Jardim Botânico continuam sendo as queridinhas também no mercado interno.

É certo que a audiência não permanece mais fielmente em frente à TV e já não se marcam os compromissos após a novela das oito (que aliás há alguns anos em função da guerra pela audiência não começa mais às oito). Foi-se a época em que a família parava tudo para acompanhar mais um capítulo da saga de alguma mocinha, ou das maldades de algum espertalhão que se daria mal no final.

Além disso, não é necessário acompanhar a trama capítulo a capítulo, pois atualmente são muitas as publicações que trazem resumos semanais. Revistas se especializam em focos sobre a vida dos artistas. Os atores que antes faziam com que mocinhas e donas de casa suspirassem com apenas um olhar foram substituídos por artistas/modelos que não agradam muito pela performance.

O talento tem sido mencionado como algo raro, salvo exceções, os bons atores e atrizes pertencem a uma geração diferente da atual. Neste sentido, a super exposição na mídia colabora na superação do talento duvidoso, pois as publicações aproximam os atores dos telespectadores, invadindo seu mundo particular e transformando a vida pública em privada e vice-versa. Existem casos em que a invasão é tão desnorteante, que a vida pessoal é quase um mero complemento da alma do artista. Torna-se difícil diferenciar um do outro.

Portanto é legítimo relacionar as ótimas tramas ao passado. Quem não se lembra das célebres frases: “Quem matou Salomão Ayala?” (1976, O Astro), ou “Quem matou Odeth Roithman?” (1988, Vale Tudo). Ou coisas mais inusitadas: o que havia na caixa que Perpétua (Joana Fonn) guardava de seu falecido marido o Major em Tieta (1989).

Mas o que faz, apesar dos tropeços, a telenovela ser um produto comentado pelos telespectadores, exposto à mídia especializada e, principalmente, acompanhado pelo telespectador? O Brasil e, propriamente a Globo, encontrou a fórmula mágica na produção das telenovelas. Investiu em tecnologia e num modelo narrativo diferente do oferecido por outros países da América Latina. Ao mesclar o dramalhão com imagens da realidade brasileira, criou um estilo substancialmente melhor em relação a concorrência. *“Incorpora-se à trama um tom de debate crítico sobre as condições históricas e sociais vividas pelos personagens [...] e essas narrativas são denominadas ‘novelas de verdade’ que veiculam um cotidiano que se propõe crítico”*.²⁵

No entanto, a simplicidade da fórmula continua sendo o melhor atrativo para as produções das tramas televisivas. A simplificação acarreta em modelos repetitivos, a criação de estereótipos e modelos estandardizados. E tudo com estímulo e esquematização da indústria cultural, que promove a reprodução e simplificação de fórmulas já prontas no passado.²⁶

“As telenovelas caracterizam-se por uma redundância de acontecimento onde um início foi sempre um final no dia anterior, e o final serpa o início no dia seguinte. Há uma repetição de autores, temáticas e atores que se revezam de novela em novela. Há a promoção de ídolos. A constante presença, via imagem e som, torna-os familiares e íntimos, o que é incentivado por outros meios de comunicação de massa, que fornecem informações sobre suas

²⁵ BORELLI, S. H. S, Telenovelas: padrão de produção e matrizes populares, In: BRITTOS, V.C e BOLAÑO, C.R.S. (org.) Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia, p 197

²⁶ Cf COSTA, M C. C., em a milésima segunda noite – da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica

vidas pessoais. A repetição reforça o apelo identitário que se baseia na mobilização de afetos”²⁷.

América

A atual investida da rede Globo, América, é o conto de fadas de uma moça pobre que tenta ganhar dinheiro nos Estados Unidos. Como não consegue entrar legalmente, chega ao país atravessando a fronteira pelo México apoiada por coiotes das duas nações. Ligam-se a ela no Brasil a família necessitada e o namorado, um promissor peão de rodeios. A receita é mexicana, sim. Foi feita para agradar aos latinos, porém retrata o drama dos imigrantes ilegais que saem do Brasil em busca de uma vida melhor. Trata-se, portanto, da repetição da fórmula. Imigração, trabalho árduo como meio de ganhar o próprio sustento, mocinha apaixonada e dramas históricos, imigração tema universal.

Neste sentido, a autora Glória Perez acertou o ponto da “massa”, embora logo após a estréia a trama tenha perdido audiência por ser confusa, cheia de idas e vindas pelo México, Brasil e Estados Unidos. Além disso, os protagonistas não agradavam. Sol, vivida por Débora Secco, demonstrava excessiva fragilidade para um personagem disposto a chegar de qualquer forma ao outro lado do continente. E, Tião, interpretado por Murilo Benício, pela falta de expressividade do ator. A telenovela recebeu nova roupagem, recuperou a audiência e se mantém dentro do esperado, acima dos 40 pontos.

América foi ao ar em 14 de março com 54 pontos, um dos maiores índices já registrado numa estréia, pegando carona no final de Senhora do Destino, que retratava o drama de uma migrante nordestina. Na semana subsequente, caiu para 40 pontos, voltando a 44 nas últimas semanas. As cenas sobre a saga da protagonista tentando cruzar a fronteira, buscando trabalho nos Estados Unidos e encontrando seu par romântico em solo norte-americano, registraram audiência de 48 pontos.

A Rede Globo já havia feito duas outras tentativas de atingir fortemente o mercado Latino Americano. O primeiro foi um acordo entre a Globo e Telemundo, em 2002, para a refilmagem em espanhol de Vale Tudo (1988/1989). O sucesso brasileiro se revelou um fiasco lá fora. O público hispânico não aceitou a filha Maria

²⁷ LEAL, O, F, A Leitura social da novela das oito

de Fátima agredindo a esforçada Raquel. Outro erro comprometedor foi ambientar a trama no Rio de Janeiro, e não em Miami ou Los Angeles.

Na época, em entrevista à Folha de São Paulo, Manuel Martinez, vice-presidente de programação da emissora, disse que a Telemundo estava de olho no poder de consumo dos “latinos”, que na última década aumentou 118%. *“A Globo detém os direitos, mas, aqui, nos Estados Unidos, vamos ganhar muito dinheiro durante a transmissão, pois vai ser um produto espetacular”*.²⁸

A segunda tentativa foi Kubanacan, de 2003. Escrita para atingir os dois mercados, se passava em uma ilha do Caribe, comandada por um ditador. Não emplacou pelo mesmo motivo de América. A trama era confusa cheia de idas e vindas. Parece que o erro serviu de lição. O folhetim eletrônico atual recuperou a audiência antes de ter de trocar todo o núcleo, como ocorreu com a antecessora.

As mudanças constantes na vida dos personagens e na própria trama fazem com que as pessoas assistam várias novelas dentro de uma só, ou percam o interesse em função dessas mudanças constantes. Hoje em dia uma telenovela pode ser encurtada ou alongada conforme a necessidade da emissora. Ficções que deveriam ter 120 capítulos acabam com 150 ou 90. O Ibope dita as regras e o autor se sente cada vez mais podado em sua criatividade.

Escrever novela hoje em dia é quase tão difícil quanto na época da ditadura. Se naquele tempo os censores eram co-autores, hoje o autor tem como parceiros indesejados o Ibope, a audiência e mais recentemente um modelo de merchandising escrachado, que compromete seqüências inteiras de capítulos, como os recentes vistos em Senhora do Destino, quando cenas foram desenhadas para apresentar os novos celulares da Claro, numa ficção ambientada antes da febre do celular.

Muitos finais de novela perdem a graça por serem revelados meses antes do final das mesmas. Os autores usam como truque escrever finais diferentes e solta-los na mídia, escondendo o real.

“A participação dos ouvintes nos rumos da novela é uma contribuição da Era do Rádio, quando aborrecido com o desenrolar da trama, o público escrevia às emissoras exigindo a cabeça do autor e mudanças no enredo, no que, quase sempre, era atendido. Para melhor auferir satisfação do público, o

²⁸ Folha de São Paulo 16/06/2002

rádio criou as pesquisas de audiência , a partir de então indispensáveis tiranas da indústria cultural”²⁹.

Diversas foram as novelas e minisséries da Globo que marcaram época, *Dancin’ Days* (1978) – que mostrava a vida de Julia (Sônia Braga), ex-presidiária que luta para retomar a vida ao lado da filha criada pela irmã milionária - e *Malu Mulher* (1979) – na qual Malu (Regina Braga) é uma socióloga que decide se separar depois de ser traída pelo marido. A minissérie questionava tabus como aborto e virgindade, sendo até hoje referenciadas como modelos revolucionários da força feminina dentro da dramaturgia, quando rompem a idéia da mulher dona-de-casa, ou da mulher trabalhando fora apenas na ausência ou deficiência do chefe de família.

Outro formato de telenovela da Globo, é o que se baseia em personagens que lembram figuras reais do nosso meio político: *O Bem Amado* (1973) – onde a cidade fictícia de Sucupira era palco de diversos tipos brasileiros. A novela transformada em minissérie retratou de tal forma o país, que o General Golbery do Couto e Silva, braço direito do presidente Geisel, ao deixar o cargo de chefe da Casa Civil disse aos repórteres: *“Não me perguntem nada. Acabo de deixar Sucupira”*.

Roque Santeiro (1985) – que tinha 36 capítulos gravados quando foi censurada pela ditadura em 1975. Regravada dez anos depois, mostrava *Sinhozinho Malta* (Lima Duarte), um típico coronel nordestino.

Que rei sou eu? (1989) - passada no reino de Avillan, país imaginário da Europa do século 18 que vivia crises comuns às do Brasil de 1989: inflação, planos econômicos furados, moedas que mudavam de nome, falcaturas e negociatas políticas.

E não é só de expressões e momentos políticos que as novelas da Globo viveram e vivem. As novelas ainda influenciariam e influenciarão movimentos sociais, culturais e, principalmente, mercadológicos.

Como os que aconteceram em 1978, quando as meias de “lurex”, usadas por Sonia Braga em *Dancin’ Days* se difundiram nas discotecas. Ou o aumento na produção de perucas em 85% por influência de *Sinhozinho Malta* (Lima Duarte), em

²⁹ COSTA, M. C. C., em a milésima segunda noite – da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica

Roque Santeiro. A espantosa venda de mais de 200 mil anéis-pulseiras usadas pela personagem de Giovanna Antonelli, Jade em O Clone, também é fruto da audiência televisiva.

Os fenômenos provenientes da teledramaturgia alcançam países por onde as novelas brasileiras são exibidas, em Portugal, por exemplo, tornou-se popular o uso de expressões tipicamente brasileiras, como “bater um papo”, “que droga” e “oi, tudo bem?”.

Porém, talvez o fenômeno mais obvio e de valor mais duvidoso, a quantidade de crianças nascidas durante a exibição de uma novela que ganham o nome da protagonista: Jade, Maria de Fátima, etc.

As telenovelas globais, são por assim dizer, uma espécie de cartão de visitas da Rede Globo.

“Hoje a exportação de telenovelas é usada pela Globo como importante ferramenta de marketing internacional. De fato, Escrava Isaura chegou a ser exibida em 79 países, sendo superada apenas por Terra Nostra, vendida para 84. Tal produção faz com que a emissora fature anualmente cerca de 160 milhões de dólares com exportações. No entanto é necessário reencontrar a fórmula do sucesso”³⁰.

Mesmo já não sendo um fenômeno de audiência tão grande, as novelas ainda são capazes de atrair a atenção do telespectador, que isolado ou acompanhado em seu mundo particular, divide com os astros momentos de tristeza e emoção.

³⁰ BRITTOS, V.C e BOLAÑO, C.R.S. (org.) Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia, p 162

Crianças e jovens: visão da aldeia global

Até aqui tratamos de apresentar como o brasileiro emigrado chega a Pompano Beach, seu modo de vida, suas vitórias, angústias diante da viagem e seus desejos de conquistar a felicidade em terra estrangeira. Apresentamos, também, como se deu a construção do império da Rede Globo e sua inserção no mercado internacional. Neste capítulo, iremos abordar um pouco o universo infanto-juvenil diante da ‘condição de estrangeiro’ e como percebem as notícias veiculadas por meio da gigante das TVs brasileiras.

Inicialmente a presença da Rede Globo em solo americano representa pelo menos dois grandes momentos de satisfação ao emigrado, principalmente o adulto. O primeiro é a conquista mercadológica em terra estrangeira. O segundo, o sentimento de que ela possa legitimar a presença do brasileiro fora de casa.

Isso quer dizer que se um meio de comunicação com o porte da Rede Globo se interessou por levar informação e entretenimento para outros continentes, é porque o público a ser atingido é inegavelmente representativo, conforme observa o mecânico João Diniz, 52 anos, há 30 longe de casa. *“Acho que era isso que faltava para nós sermos considerados gente aqui. Já tínhamos padaria, mercado, açougue e time de futebol, mas uma TV só nossa não existia”*.

Alzira Buarque, 36, há 8 em Pompano Beach, coaduna com o mecânico. Para ela a TV fortifica a presença da comunidade na região. *“Todo mundo tem sua própria TV. Tem canal hispânico de todos os países, tem italiano, inglês, sendo que nós brasileiros tínhamos que assistir a programação deles ou alugar fitas cassetes. Agora nossa colônia já tem canal próprio”*. Célia Novaes, 38 anos, há 8 nos Estados Unidos, trafega no mesmo sentido:

“[...] sabemos das coisas que acontecem no Brasil. Temos vários jornais e muita gente tem Internet em casa. Mas precisávamos de algo que trouxesse a notícia mais rapidamente, que nos informasse de imediato para nós não sermos avisados por colegas de outros países, pois sempre que a notícia passa em outro canal ela é negativa. Quando a gente assiste no nosso próprio canal, fica mais fácil contestar [...] A TV ajuda a mostrar aos outros povos como somos e que merecemos respeito neste país”.

Os telespectadores reconhecem nos meios de comunicação de massa a participação democrática dentro da sociedade norte-americana. O acesso a informação, expõe Ramonet, confere ao homem o direito à liberdade.

“A informação continua sendo essencial ao bom andamento da sociedade, e sabe-se que não há democracia possível sem uma boa rede de comunicação e sem o máximo de informações livres. Todo mundo está de fato convencido de que é graças à informação que o ser humano vive como um ser livre¹”.

É interessante observar que o brasileiro sente-se telespectador exclusivo da Rede Globo, esquecendo-se de outras Nações cuja língua oficial é o português. Ou seja, potenciais consumidores da comunicação televisiva produzida neste idioma. Além disso, é cada vez mais comum entre os conglomerados de telecomunicações trocar, comprar e co-produzir produtos destinados aos telespectadores do mundo inteiro, bastando para isso dublar ou legendar suas produções.

A apologia e rejeição às TVs alheias foram percebidas no universo adulto. Crianças e adolescentes em nenhum momento das entrevistas enfatizaram irritação, menosprezo ou mágoa por terem de assistir a programas de emissoras não brasileiras. A razão fundamental é que esse grupo de telespectadores – mais americanizado do que seus pais - está bastante habituado a *zappear* por diversos canais em busca de entretenimento autônomo e não de uma ligação afetiva com suas origens.

Apesar da Globo ter representado apenas mais uma alternativa no controle remoto do público infanto-juvenil, em alguns casos nota-se ansiedade diante da possibilidade da assinatura do canal, como aconteceu com Victor, 8 anos, há 7 em Pompano Beach. *“Eu queria ver porque minha mãe falava que era legal, tinha desenhos e coisas que eu iria gostar. É ‘cool’² (sic!), mas prefiro ver o que já estou acostumado”.*

Gabriela, 10 anos, há 4 em Pompano Beach, lembrou-se dos programas infantis que assistia no Brasil. *“Eu queria ver porque eu assistia Angélica e Sítio do*

¹ RAMONET, Ignácio. A tirania da comunicação, p. 24

² A palavra cool significa legal, bacana

Pica-Pau Amarelo. Só que agora eu cresci e vejo outras coisas. Gosto da MTV e da Fox Kids.”

A irmã gêmea, Graziella, desejou ter acesso ao canal para satisfazer a mãe.

“Eu queria ter logo porque minha mãe falava que assim que pudesse, que sobrasse dinheiro do serviço ela iria comprar e a gente ia ver igual quando a gente morava no Brasil, que a gente via filme junta e com a minha irmã também e quando meu pai tava com a gente, depois ele morreu, também. Eu gosto de ver novela com ela, mas às vezes ela dorme. Outras coisas eu vejo com minha irmã. Pode ser na Globo e pode ser onde estiver passando coisa legal. Não importa(sic:³)”.

Daniella, 29 anos, mãe de Gabriella e Graziella, ficou viúva quando as meninas estavam com 5 anos. A pensão deixada pelo marido foi dividida entre Danielle e a ex-mulher dele, que cuida de seus dois outros filhos ainda menores. Para emigrar a família contou com o apoio do irmão e da cunhada residentes em Pompano Beach desde 1993.

A mãe diz trabalhar muito e o tempo que tem livre transforma em lazer com a família. *“Nós saímos aos domingos. Vamos à praia, à igreja, almoçamos com meu irmão, mas durante a semana nossa diversão é a televisão, principalmente a novela”.*

Em muitos lares, a TV faz o papel de babá eletrônica. Nas palavras dos espanhóis Erausquín, Matilla e Vasquez: *“o adulto agradece a ajuda que a televisão lhe dá para aplacar o ânimo das crianças e utiliza os programas como método de entretenimento fácil para seus filhos⁴.”*

Eles explicam que a vida moderna incentiva o adulto a empurrar as crianças para frente do vídeo, alegando que depois de um dia exaustivo de trabalho, o enfrentamento das condições normalmente caóticas do trânsito, o contato com problemas típicos das cidades, o adulto não encontra em si próprio condições para uma relação adequada familiar os autores, observam que:

³ Graziella chora durante a entrevista porque a mãe dorme quando está vendo televisão com ela. Disse que se sente sozinha e tem medo que a mãe fique muito triste e morra

⁴ ERAUSQUIM, Alfonso M; MATILLA, Luis; VÁZQUEZ, Miguel. Os teledependentes. P. 26

“Após empurrar as crianças até o televisor, ele mesmo vem a ocupar um lugar na poltrona ou no sofá e recebe a insossa programação como um sedativo, como um refrigerante, como uma trégua [...] Toda a célula familiar se converte, em última instância, num grupo de consumidores de espetáculo servido a domicílio e pessoas em busca de diversão-produto em lugar de diversão ativa. A criatividade, a imaginação e o achado de novos e particulares entretenimentos não podem se pôr em marcha se não se saltar por cima desta proposta muito mais próxima e nada problemática que é a proposta televisiva⁵.”

Para os autores, avançar em direção a propostas mais criativas de entretenimento e relação familiar requer disposição para romper a facilidade imposta pela televisão. A partir do momento que perceber que não está limitado às possibilidades midiáticas e se entregar às suas próprias iniciativas, conseguirá se distanciar da tentação eletrônica.

Relação de desconforto

Se de um lado a Globo foi capaz de enxertar novo ânimo aos emigrados, por outro, colocou as famílias numa situação de desconforto perante as crianças e adolescentes que não conheciam ou saíram pequenos do Brasil, pois antes das imagens invadirem os lares, esse público infanto-juvenil era pautado pelas imagens das histórias narradas pelos pais.

Isso não quer dizer que não tivessem acesso às cenas brasileiras. As crianças e adolescentes sempre receberam informações provenientes do Brasil. As formas mais recorrentes eram através dos telefonemas dados aos parentes, das fitas editadas em VHS - alugadas ou gravadas pela família -, por meio dos jornais impressos destinados à comunidade, pelo rádio, pela Internet e, em menor escala, pelas notícias veiculadas nos meios de comunicação americanos.

Parece, no entanto, de acordo com as entrevistas realizadas para compor este estudo, que o contato com informações provenientes da oratória familiar era - e ainda é - a maneira mais agradável de se ter conhecimento sobre o país de origem, uma vez que a narração acontece em situação de lazer, sendo a mais comum em reuniões familiares promovidas nos finais de semana, especificamente aos

⁵ idem

domingos, quando os imigrantes se permitem certo 'luxo': um almoço mais caprichado, um churrasco no quintal ou um passeio por algum restaurante.

Em meio a essas reuniões surgiam as histórias de um Brasil fascinante, incentivado pela nostálgica saudade. Nesses encontros reaparece o Brasil dos europeus, conforme retratamos no início deste trabalho, um local idílico, bonito, repleto de belezas naturais, de riqueza gastronômica e afetuoso. É a reinvenção positiva de algo que o próprio imigrante negou antes de partir.

As imagens da Globo causaram inquietação e frustração no universo infanto-juvenil, pois através delas, sobretudo do telejornalismo, tem se contato com um país que pouco se assemelha ao narrado pelo universo adulto.

Em algumas entrevistas ao falar o que sentiram diante das primeiras 'realidades' apresentadas pela Globo, os jovens deixaram transparecer certa ira em relação aos pais. Rafael, 13 anos, vivendo fora do Brasil desde os 4, foi um dos que responsabilizou a mãe por ele viver na ignorância, conforme seu depoimento:

“Minha mãe é cega. Não vejo na TV nada do que ela dizia ser o Rio de Janeiro. Nem sei se ainda quero conhecer porque é muito perigoso andar por lá. A toda hora a gente fica sabendo de pessoas vítimas da violência. A gente vê que a polícia é tão ruim quanto as gangues. Pior, na verdade, porque a polícia deveria proteger como vemos aqui, mas ela própria acaba matando com as balas perdidas ou se juntando aos bandidos.”

A adolescente Mariana, 17 anos, residente em Pompano Beach desde que tinha 3, acredita que o Brasil tenha mudado, mas que os pais não perceberam. Tocar neste assunto é bastante delicado para a relação familiar.

“Às vezes parece que não somos da mesma família, não moramos na mesma casa e não falamos a mesma língua. A gente senta para assistir alguma coisa e se eu falar que é muito chato ela grita dizendo que só gosto do que é americano. E acho que é isso mesmo. Cada dia tenho mais raiva das coisas do Brasil e a culpa é dela. Vocês vão achar estranho o que vou dizer, mas minha mãe fala cada besteira que dá vergonha. Ela reclama da comida, do jeito dos americanos. Para ela, só as coisas brasileiras prestam. Na hora da soap opera (sic!) ela fica ridícula. Chora, ri, suspira, comentando as cenas,

como se ela não soubesse que aquilo só existe daquele jeito porque é televisão”.

Mariana encontra apoio no colega Lucas. Aos 23 anos, morando na Flórida desde os 13, o rapaz ainda reside com a família, pois a mãe ameaça fazer uma ‘bobagem’ caso ele vá viver sozinho ou com amigos.

“Odeio morar com minha família. Não adianta ganhar dinheiro e não evoluir. Desde que estou aqui é a mesma coisa, a mesma conversa, o mesmo arroz, o mesmo feijão. Eles não progridem, parece que nunca saíram de Minas Gerais. Só mudam os amigos porque vai um, volta outro. Mas até isso é um inferno, porque cada vez que chega um parente tem aquela coisa de ter de reorganizar o quarto para receber o cara. Eles pararam no tempo. Outro dia ela e meu pai choraram vendo Globo Rural. Ficaram relembando o terreninho deles no interior, que eles acham que é uma fazenda. Eles trabalham pensando que vão voltar e morar bem. Eu falo pra eles que quem sonhou com um milhão de dólares, nunca mais vai conseguir viver com o salário miserável de lá. Eles assistem televisão, mas não enxergam nada. Acham que quando voltarem ao Brasil encontrarão a Suíça”.

Jonas, 12 anos, há 10 nos Estados Unidos, e a irmã caçula de 8, Jonilce, nascida em Nova Iorque, também disseram ter ficado decepcionados com as imagens referentes aos Brasil.

“Eles estão aqui há muito tempo. Acho que esqueceram como é lá. Eu também esqueci, só me lembro que tinha rua de terra perto de casa [...]. Não sei se tinha água em casa. Eu achava que toda casa tinha, que era só abrir a torneira. Mas sei que tem lugares que não tem porque outro dia eu, minha mãe e meu pai vimos um programa na televisão falando que tem lugar que os animais morrem por falta de água [...] Eles nunca me contaram, acho que não sabiam direito [...] A gente pensava que era um pouco igual aqui, mas acho que é mais pobre. Deve ser igual ao bairro dos cubanos”. (Jonas)

“Acho engraçado porque minha mãe falou das praias, mas na TV passou que não se pode nadar porque tem o óleo e o óleo mata os shark e a gente também

(sic!). E também da medo porque a gente vê muita coisa feia acontecendo. E lá não tem polícia". (Jonilce)

Maria Cecília, 19 anos, 7 longe do Brasil, tem um relacionamento equilibrado com a família, mesmo assim, ela diz *"viver as relações individualmente é a prova de que somos mais americanos do que brasileiros"*.

"Tenho um relacionamento muito tranquilo em casa. Minha mãe é muito dócil e isso equilibra a convivência. Sempre que alguém perde o controle é ela quem domina a relação. Meu pai é uma cara legal. Um sonhador. Vive contando vantagens sobre o Brasil e se preparando para visitar os parentes. Nunca vai. Acho que tem medo. Medo de não querer voltar ou medo do que vai encontrar. Mesmo eles sendo legais não vejo futuro para nós juntos. Eles querem voltar ao Brasil definitivamente em dois ou três anos. Eu e meus dois irmãos já decidimos ficar. Não acreditamos que seja possível viver lá. Nossos amigos estão aqui. Nossa vida é aqui. Nossos colegas que foram não conseguiram ficar. Estão todos de volta. Sei que é o local onde nasci, mas foi aqui que a vida da minha família aconteceu. Me sinto mais americana do que brasileira. Também não dá para viver na insegurança, na pobreza e na miséria como a gente vê todo dia na televisão. Aqui, temos liberdade".

O irmão de Maria Cecília, Lucas, 16 anos, confessa ter vontade de voltar ao Brasil, pelo menos para passear.

"Sei que para viver seria impossível. É muita desorganização. Muita corrupção. Mas também tem uma alegria que não sobrevive na comunidade. É isso que eu queria encontrar ou reencontrar porque ainda tenho amigos e família lá [...] Queria ver essa felicidade que meu pai vive contando que o brasileiro perde por trabalhar pesado demais. Todo mundo fala que o Brasil é isso e aquilo, mas nós também não estamos seguros aqui. Se lá tem bandido a toda hora na rua, aqui tem homem bomba derrubando prédios. O que é pior?"

Os depoimentos promovem uma amostra da imagem que os jovens têm do Brasil na atualidade. Para os entrevistados não há divisão social ou geográfica do

país. Existe, na verdade, uma ‘abrasileiração’ de tudo desconsiderando problemas e questões regionais. Dessa forma, a violência, a pobreza, a miséria, a ausência de infra-estrutura, o derramamento de óleo acontecem no país inteiro, mesmo onde não há mar ou é reduto da classe alta que compra sua própria segurança.

Ditadura do Ibope

Há uma diferença significativa na maneira dos pais contarem suas aventuras por um país fantástico e na forma como a emissora exhibe suas imagens. O primeiro sonha com sua origem, sua identidade e uma vida feliz deixada no passado. A TV busca com seu repertório atingir maior número possível de público, aumentando a audiência.

As imagens as quais os jovens entrevistados têm acesso pela televisão são tão ou tanto mais recortadas e inventadas quanto as imagens dos discursos dos emigrados adultos. O contraponto está na intenção dos recortes. Na percepção do pai e da mãe as histórias que contavam não eram nenhum tipo de simulacro. Foi a forma que encontraram para manter permanente na memória do filho os encantos de um país onde passaram boa parte da vida antes de emigrarem.

Já a intenção da rede televisiva está vinculada ao mercado. Ao editar imagens do cotidiano a televisão coloca no ar, segundo observa Bourdieu, informações exageradas, sensacionalistas e dramáticas demais do fato em si. A lógica da produção televisiva é imediatista e pressiona a busca incessante pelo exótico, pelo extraordinário, tendo como justificativa a conquista e a manutenção da audiência.

“E a mesma busca do sensacional, portanto do sucesso comercial, pode também levar a selecionar variedades que, abandonadas às construções selvagens da demagogia (espontânea ou calculada), podem despertar um imenso interesse ao adular as pulsões e as paixões mais elementares (casos como os raptos de crianças e os escândalos capazes de suscitar a indignação popular), ou mesmo formas de mobilização puramente sentimentais e caritativas ou, igualmente passionais, porém agressivas e próximas do

linchamento simbólico, como assassinatos de crianças ou os incidentes associados a grupos estigmatizados.”⁶

Em estreita relação com a análise de Bourdieu, Sodré e Paiva⁷ sustentam que a lógica da produção televisiva refere-se ao grotesco, promovendo uma homogeneização da programação e ausência de autonomia dos produtores. A pressão comercial, afirmam os autores, está acima da possibilidade do desenvolvimento de uma estética não padronizada. O grotesco (ou extra-ordinário para Bourdieu) é a forma dominante e responsável pelo formato popularesco, cujas cenas provocam riso e/ou repulsa.

A avaliação de Bourdieu, embora seja uma referência ao fazer jornalismo televisivo, deve ser aplicada a todas as formas de comunicação que seguem a lógica capitalista. Rádios, jornais impressos, sites e até mesmo alguns títulos de livros, tornam excepcionais fatos que não passariam de um acontecimento comum e banalizam histórias reais de pessoas anônimas, tornando públicos os dramas privados.

Verdade absoluta

Uma das características mais relevantes da mídia é o poder que ela tem de transformar qualquer acontecimento em verdade absoluta. E, mais do que outros meios de comunicação de massa, a TV concretiza a realidade através da ligação entre a linguagem da imagem e a linguagem oral. A TV ainda é favorecida com o movimento das cenas, que confere à informação um poder maior de realismo.

“O movimento na imagem traz consigo não só um índice de realidade suplementar, mas também uma corporalidade dos objetos, por dar à aparência das formas um ‘aspecto’ de realidade. O movimento contribui para a expressão da realidade de forma indireta, dando corpo aos objetos, e de forma direta, uma vez que aparece ele mesmo como ‘movimento real’⁸”

⁶ BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. p 74

⁷ Cf. SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O império do grotesco.

⁸ BARROS, F. C. Ética na comunicação. p 84

Sartori define que “a televisão sai a ganhar sobre a informação escrita, porque a imagem não mente [...]. Não mente, não pode mentir, pois a imagem é o que é, e fala, por assim dizer, por si. Se algo é fotografado, esse algo existe, e é tal como se vê⁹”.

Para Ramonet a superioridade das imagens em relação as palavras escritas ou pronunciadas são tão evidentes que os políticos usufruem ao extremo das imagens quando positivas em proveito próprio. Mas em momentos delicados vigiam para evitar sua circulação.

“Os relatos escritos, os testemunhos orais podem, a rigor, serem divulgados, porque não produzirão jamais o mesmo efeito. O peso das palavras não vale o choque das imagens; como afirmam os especialistas em comunicação: a imagem, quando ela é forte, oblitera o som, e o olho suplanta o ouvido. Certas imagens estão, portanto, de agora em diante, sob extrema vigilância, ou, para ser mais preciso, certas realidades estão estritamente proibidas de imagens, que é o meio mais eficaz de ocultá-las. Nada de imagem, nada de realidade¹⁰”

Para compreender o que Ramonet disse sobre ‘sem imagem, sem realidade, o autor sugere uma avaliação das guerras promovidas pelos grandes Estados democráticos, onde as cenas foram retalhadas, editadas e apresentadas conforme a necessidade do país ‘comandante’. Segundo o autor, desde a guerra do Vietnã, em matéria de informação, nenhuma outra guerra foi verdadeira. “*Artifícios, mentiras, silêncios tornaram-se a norma¹¹*”.

A revolução multimidiática expressa por Sartori, transformou o “*Homo sapiens, produto da cultura escrita , em Homo videns no qual a palavra é destronada pela imagem. Tudo agora é visualizado¹²*”. A cultura do ver , atesta o autor, mudou a natureza do homem. “*O mundo em que vivemos já se sustenta nos ombros gráteis da ‘videocriança’: um novíssimo exemplar de ser humano criado pelo telever- frente a um televisor – ainda antes de saber ler e escrever¹³*”.

⁹ SARTORI, Giovanni. Homo videns. p. 89

¹⁰ RAMONET, Ignácio. A tirania da comunicação, p 27-28

¹¹ idem

¹² SARTORI, Giovanni. Homo videns. p. 13

¹³ idem

Decodificar uma imagem não televisiva, afirma Penteado¹⁴, exige esforço intelectual do receptor. A linguagem da imagem não necessita de mediação conceitual, ela fala por si só, o som transforma-se em coadjuvante da cena.

É esse esforço mental que os jovens entrevistados em Pompano Beach demonstram ter abandonado com a facilidade de interpretar as cenas provenientes da TV Globo. Neste sentido, é mais fácil acusar os pais de ‘cegos’, ‘enganadores’, ‘falsários’ a repensar tanto a oralidade saudosista familiar quanto o exagero da verdade absoluta da imprensa.

A compreensão de que a televisão, assim como qualquer outro meio de comunicação, pode falsificar uma informação ou produzir um acontecimento surge quando o receptor tem contato real com o objeto demonstrado pela ‘realidade virtual’.

Verifica-se nas respostas dos entrevistados que tiveram alguma aproximação com o Brasil um país intermediário entre as histórias familiares e a apresentação midiática. Conforme demonstra a narração de Rodrigo¹⁵, 18 anos, há 12 nos Estados Unidos.

“Foi bom visitar o Brasil. Estive em Fortaleza, Natal e na casa dos meus avós em Maceió. O que menos gostei de fazer foi visitar a família. Percebi que pessoalmente não temos laços fraternais. Sobre o país, a gente vê tanta notícia ruim que pensei que iria conhecer a Bagdá Latina, mas aqui é tranquilo. Não achei o povo tão santo. Tem muita gente folgada que passa por você sem pedir licença. Também não tem tanta chacina como a gente pensa. Alguns lugares são feios e isso não quer dizer que sejam violentos. Achei que tivesse mais gente nas ruas pedindo esmolas e mais meninos de rua, como a gente vê nas reportagens. Pode ser que no Brasil as pessoas sejam mais felizes porque não trabalham tanto”.

Assim como Rodrigo, Yago, 19 anos, há 8 morando em Pompano Beach, disse ter ficado surpreso com o que viu em Vitória.

¹⁴ Cf PENTEADO, H. D. A televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes

¹⁵ Entrevista concedida por telefone em 17 de julho de 2005, quando Rodrigo voltou para Pompano Beach depois de passar duas semanas no Brasil

“Estava com medo e ansioso ao mesmo tempo. Pensei que fosse mais violento e mais sujo. Em Pompano Beach todo mundo fala da falta de segurança do Brasil. Achei que não poderia sair nas ruas à noite porque fosse perigoso. Meus pais estavam ‘caçoando’ – como eles gostam de falar – porque eu estava com medo. Eles falaram que eu estava contaminado com o jeito americano de viver. Foi bobagem minha. Vitória se parece com Pompano Beach e seus arredores. Mas minha mãe tem razão numa coisa. A brasileira é a mais vaidosa”.

Marcelle¹⁶, 23 anos, morando fora do Brasil desde que tinha 8, retornou no começo de 2005 para fazer faculdade de letras. Ficou três meses e voltou. Atualmente mora em Nova Iorque com amigos. Os pais e irmãos ficaram em Pompano Beach.

“Foi um momento de descobrimento. Eu acreditava que no Brasil tudo funcionava bem, que os problemas eram apenas de ordem econômica, que tinha muita gente e por isso não havia emprego para todos. Essa era a idéia que vigorava em casa. Assim que deixei o aeroporto de Guarulhos já senti saudades dos Estados Unidos. No caminho até São Mateus, onde moram meus parentes, me deu vontade de chorar. Era tudo tão feio, tão pobre. Senti vontade de conhecer as pessoas bonitas das telenovelas, ver os carrões, sair para as baladas, mas em São Mateus, tudo que vi foi traficante e gente bebendo nos botecos. Não era parecido com nada do que eu pensava. Nem tão violento, nem tão belo. Simplesmente horrível. A cara do terceiro mundo”.

Assim como Marcelle, Caio¹⁷, 20 anos, e a irmã, Maria Fernanda¹⁸, 21, há 8 longe do Brasil, voltaram no começo de setembro de 2005 para estudar. Mas estão em dúvida se vão ficar.

¹⁶ Entrevista concedida por telefone em 21 de agosto de 2005. Marcelle faz parte de um grupo reduzido de brasileiros que cursaram os níveis básico e médio em inglês, mas falam e escrevem fluentemente o português

¹⁷ Entrevista concedida por telefone em 17/09/2005

¹⁸ idem

“Nos Estados Unidos não podemos estudar, pois precisamos de Green Card ou visto de estudante. Mesmo que tivéssemos o documento não teríamos como pagar. O dinheiro que nós temos da para estudar os quatro anos sem preocupação e ainda pagar para o caçula que ficou lá. Esse é o sonho dos nossos pais. Mas com poucos dias que estou aqui, já quero ir embora. Estou desacostumado desse entra e sai dentro de casa, da falta de privacidade [...] Achei que Niterói está a mesma coisa de que quando saímos. Para quem está fora há tanto tempo parece que o Rio de Janeiro só presta no Carnaval. Isso eu vi que é bobagem, que a mídia do senhor Roberto Marinho exagera. Até agora não aconteceu nada absurdo, que merecesse o destaque que a imprensa gosta”. (Caio)

“Eu estava com medo, depois achei que tem muita polícia. Aonde você anda tem um carro parado e dois ou três policiais conversando [...] Não é nem uma coisa, nem outra. Não é a maravilha que o pessoal de Pompano pensa, nem a perdição que a Globo fala. É uma cidade comum com problemas como todo lugar tem. Acho que quero voltar para os Estados Unidos porque minha vida, minha adolescência passei lá. Estou com saudades dos amigos, da minha casa. É uma ironia sair daqui para garantir um futuro e agora que pode comprar esse futuro não querer ficar.” (Maria Fernanda)

Mídia e Violência

Os jovens entrevistados revelam viver a ‘cultura do medo’. Praticamente em todas as entrevistas com jovens eles citaram preocupação em relação os casos noticiados pela mídia, ou comentados pelos amigos e pessoas que sofreram algum tipo de violência quando passaram pelo país.

O tema, é verdade, tem sido exaustivamente abordado pelos meios de comunicação de massa. A profusão de material divulgando assaltos, assassinatos, estupros, seqüestros, invasões causam a sensação de que o homem de bem está relegado a ficar preso em sua residência, enquanto pessoas não quistas têm total liberdade de ir e vir.

A violência na mídia trafega em dois sentidos. Leva pânico às pessoas que acompanham os casos noticiados pela imprensa e preocupa especialistas que condenam a superexposição de cenas brutais, principalmente na televisão.

Abordado constantemente por pesquisadores das áreas da psicologia, educação e comunicação, sobretudo no que tange crianças e adolescentes, o tema é de tal relevância que recebeu recomendação do Programa do Adolescente da Organização Pan-Americana da Saúde, OPAS/OMS, para que seja estudado com prioridade no campo da saúde juvenil nas Américas¹⁹.

A recomendação surgiu depois das constatações feitas por profissionais da saúde que co-relacionam o aumento do comportamento agressivo em crianças e adolescentes com a crescente onda de exibição de cenas violentas apresentadas na televisão. Estudos sobre os efeitos da violência na mídia relacionados à saúde vêm sendo elaborados desde os anos 60 em países da América do Norte, Europa e Ásia. Apenas nos Estados Unidos, observa Strasburger²⁰, entre os anos 70 e 90 foram realizados mais de mil trabalhos sobre o assunto.

Porém, nem todos estudiosos concordam com as afirmações de que a exibição de programas violentos pela TV seja responsável pelo comportamento agressivo dos telespectadores, Ciro Marcondes Filho aborda que:

“Quando se trata do tema violência, as pesquisas que a vinculam à TV desmentem as relações de causa e efeito supostamente estabelecidas: Imme Horn, nos Estados Unidos, constatou que a relação violência na TV – ação violenta imediata da criança só existe durante um período de curta duração, talvez como imitação pura e simples da ação. Por um período mais longo não se confirma a influência da TV na violência infantil. Estudos mais meticolosos e críticos desmentem, assim, a validade das conclusões demasiadamente superficiais da associação entre programa violento e comportamento violento”²¹

Para Wagner Bezerra há evidências de que o comportamento agressivo dos pequenos cidadãos é reflexo direto da exposição diária a que eles estão submetidos. O autor diz, ainda, que a TV minimiza a capacidade de julgamento do telespectador ao se apresentar como produto de lazer :

¹⁹ Cf McAlister, A. La violencia juvenil en las Américas: estudios innovadores de investigación, diagnóstico y prevención

²⁰ Cf Strasburger, V.C. *Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico*

²¹ MARCONDES, F. C. *Televisão: a vida pelo vídeo*. p. 107-108

“A explosão da violência nos grandes centros urbanos em todo o mundo, registrada nos últimos anos, aponta pelo menos um suspeito que não faz questão de se esconder. Ao contrário, é pela superexposição de sua programação que a TV, ao se apresentar à população como informante e animador cultural, vem tornando-se um fio condutor capaz de disseminar, principalmente entre os jovens, a violência e a impunidade²²:”

Menos radicais em suas avaliações, Erausquín, Matilla e Vasquez evitam a culpabilidade explícita da TV, mas não lhe negam as responsabilidades. Os autores colocam de forma simples que não só a TV, mas também a rua, as instituições e a família podem servir como estimuladores da violência. E lançam uma questão desafiante ao relatar o caso de um garota que presenciou ao vivo um porco sendo capado, tendo ela, minutos depois, feito o mesmo com o irmão menor.

“Quem mede o impacto da violência ‘ao vivo’ que a criança suporta cada dia na rua, nas escolas autoritárias, nas confissões religiosas de tipo repressivo, nas famílias desunidas, nas habitações coletivas em que se amontoam proles numerosas sem lugar nem para se moverem, e onde as crianças são impedidas de brincar²³?”

Teoria do Script

A ação da garota pode ser, em princípio, compreendida pela teoria do *script* de Huesmann²⁴ baseada na cognição social. Para o autor, o comportamento seria controlado por *scripts* que fazem parte da vida desde que a criança nasce. Ao longo do tempo esses modelos são solicitados pelo indivíduo na resolução de problemas e enfrentamento da vida.

Assim, se uma pessoa fica exposta à violência midiática, pode, sim, num determinado momento lançar mão de uma atitude violenta se a situação o permitir. Neste sentido, seria importante na avaliação do fato mencionado verificar o que levou a irmã a cometer a agressão, que tipo de impedimento ou problema foi imposto a ela para que repetisse o gesto com o irmão.

²² BEZERRA, W. Manual do telespectador insatisfeito. p 32

²³ ERAUSQUIM, Alfonso M; MATILLA, Luis; VÁZQUEZ, Miguel. Os teledependentes. p 36

²⁴ Huesmann L.R. Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. In: *Journal of Social Issues* p.125-139

Para Njaine e Souza, é preciso observar que o modo de representação da violência e a reação do público precisam ser avaliados respeitando suas peculiaridades, diferenciando as questões relacionadas ao contexto da representação das características individuais do ser autônomo.

“Diversos fatores referentes à natureza da representação que podem aumentar ou minimizar o risco dos efeitos nocivos da violência na televisão já foram identificados: características do perpetrador da violência; características da vítima; motivo para a violência do agressor; presença de armas; duração e a intensidade das cenas violentas; grau de realismo das cenas de agressão; violência recompensada ou punida; danos morais, físicos e emocionais que esses atos provocam; existência de humor na apresentação das cenas de violência²⁵.”

Entre os anos de 96 e 97, uma pesquisa multifocal realizada pela Unesco²⁶, em 23 países do mundo, comprovou que crianças e adolescentes passam diariamente cerca de 3 horas relegados à superexposição televisiva. Exceto o período escolar, é a atividade que mais consome tempo. Em média, são investidas 2 horas na lição de casa, 1 hora e meia para ajudar a família, 1 hora para brincar com os amigos fora do lar, ouvir rádio, fitas ou CDs. Os telespectadores entrevistados apontaram que suas preferências são, respectivamente, por histórias de crime, ação, ficção científica e horror.

Os autores das pesquisas sugerem que a maneira do público se relacionar com os vilões e heróis da tela pode refletir suas condutas na vida real. Porém, esclarecem, que é preciso investigar a intervenção com outros ambientes, seu contexto social, sua relação com a família e sua personalidade.

A realidade por meio das telas

Se é fato que a televisão encoraja a violência, também é verídico seu potencial educador, de entretenimento e informativo. Através dela diversas pessoas têm contato com outras culturas, outros povos e outros mundos.

²⁵ NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria C. S. Violence in the media as subject in the public health area: revision of literature. In: <http://www.scielo.br>

²⁶ Cf FEILITZEN, Cecília V. ; CARLSSON, Ulla. (Orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação, participação

No caso das crianças e jovens de Pompano Beach, os depoimentos mostraram que a TV permitiu ao público infanto-juvenil o conhecimento de coisas simples, como a fabricação de carros idênticos em locais tão distantes, a visualização de cataratas no Paraná, a nudez carnavalesca, uma dança indígena. A imagem desse 'novo Brasil' suscita indagações. Rafael, já citado anteriormente, disse que o contato com outra forma de ver o país mudou a vida dele na prática.

Ao ser perguntado de que maneira as imagens da Globo contribuía com seu cotidiano, o garoto foi bastante rápido na resposta: *“pelo menos eu não vou fazer papel de bobo na escola, um monte de carros que temos aqui, tem lá também e disso eu não sabia”*.

Mariana, também já mencionada neste trabalho, diz ter ficado encantada com as cataratas de Foz do Iguaçu. *“A coisa mais bela da natureza que vi pela televisão foi uma matéria sobre turismo que mostrou as cataratas. Não imaginei que pudessem ser tão bonitas. A câmara mostrava de pertinho. Era fascinante, queria gravar para mostrar aos amigos, mas não deu”*.

E Geovanna, 7 anos, há 6 em Pompano Beach, revelou encantamento com a descoberta sobre a cultura indígena:

“Pensei que todo índio falasse língua de índio e morasse em casinha de madeira coberta por mato, mas eles falam brasileiro (sic!) e tem professor que vai na vila deles ensinar fazer contas. Eu vi isso na televisão. Eu também vi que eles andam de roupa e não pintam todo o corpo, só alguns pintam e só alguns usam colares, pulseiras e penas”.

Ao passarem da consciência ingênua para consciência crítica, esses jovens podem ser mais produtivos para a história do país. Ou seja, eles podem ter contato com fatos, acontecimentos, planos governamentais e repassar para seus professores, colegas estrangeiros e familiares, porém não apenas sob o olhar da fantasia, mas respaldados também pelas informações apresentadas pela mídia – ainda que editadas de acordo com a necessidade da empresa - dando maior credibilidade na avaliação dos acontecimentos em relação aos depoimentos apaixonantes do núcleo familiar.

Antes das imagens exibidas pela televisão era bem mais fácil os pais exercerem sobre os filhos o que Frei Betto chamou de ensinamento dado pelo professor e não pelo educador. Para ele:

“Em geral, o professor cria, com o aluno, uma relação prepotente, na qual ele não contribuiu para o processo educativo. Contribui, sim, para reforçar a sua dominação como professor. Ao colocar-se frente à classe e emitir conceitos que os alunos não conseguem decifrar ele está não apenas reforçando a idéia de que o professor é aquele que sabe, mas também a idéia de que o aluno é aquele que não sabe e, para saber, depende do professor – se ele se dispuser a dar uma migalha de seu saber aos alunos [...] Mesmo dando migalhas, a postura é de quem está convencido de que os alunos jamais vão saber como ele sabe e, por isso, precisarão sempre das luzes daquela inteligência suprema²⁷.”

Martín-Barbero sugere que a concepção do conhecimento definida por Frei Betto é uma herança antiga quando “o processo de educação, desde o século XIX, era concebido como um processo de transmissão do conhecimento para quem não conhece. O receptor era ‘tábula rasa’, recipiente vazio para se depositar conhecimentos originados ou produzidos em outro lugar²⁸”.

O acesso às imagens mostradas pela Globo coloca fim a essa cadeia em que os pais assumem a postura do professor, do bacharel em Brasil, e possibilita aos filhos a comparação entre, pelo menos, duas fontes de informação (pais e TV), com enfoques sobre a realidade de maneira diferente, forçando pais a dividir com seus filhos outras maneiras de interpretar as imagens televisivas.

De acordo com a pesquisadora em Educação, da Universidade de Brasília, Vânia Carneiro os pais não são proprietários exclusivos da informação, pois as crianças têm acesso fácil a qualquer programação, inclusive a de conteúdo adulto, impossibilitando à família ignorar os efeitos da recepção sobre seus filhos.

“A relação juvenil com a TV e as outras mídias tornou mais complexa a socialização. As crianças acessam ilimitadamente informações adultas, mães

²⁷ FREIRE, P ; BETTO, F. Essa escola chamada vida. p. 31

²⁸ MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro W. (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor

e pais trabalham fora e está decretada a realidade do difícil controle sobre o saber do filho. Adultos não mais detêm singularmente a informação - propiciadora de status - sobre as crianças, que desafiam a autoridade adulta²⁹”.

Ao ampliar o repertório desses jovens, a TV corrobora para que eles se sintam mais à vontade para participar das pautas públicas. O processo de interatividade torna-se mais freqüente entre eles próprios e entre o universo adulto, conforme atesta Vânia Carneiro:

“Não mais se negam os efeitos da TV e já se sabe que pais, professores, colegas influem na recepção de mensagens. Nesse processo ocorrem mediações cognitivas, culturais, situacionais, estruturais e as ligadas ao meio televisivo, à intencionalidade do emissor. O receptor é sujeito ativo e pertence a contexto sociocultural específico. Interpreta mensagens seguindo sua visão de mundo, experiências, valores, a cultura de seu grupo. Recepção não é só o momento do assistir ao programa; prolonga-se nos cotidianos e em comunicações habituais, constitui-se espaço de produção de sentidos, conhecimentos³⁰”.

Os jovens entrevistados em Pompano Beach disseram usar as informações provenientes da TV Globo na interação entre familiares e amigos, como relatou Diego, 17 anos, há 15 anos morando nos Estados Unidos:

“Sempre conversamos sobre as coisas que acontecem no Brasil, mas sem muita noção da verdade. Agora falamos exatamente o que vemos, emitimos nossas próprias opiniões. Lá em casa não tem essa de só ficar ouvindo. É tudo democrático, a gente lava a louça, põe o lixo pra fora, fala sobre novela, violência, corrupção. É bom a gente acompanhar tudo, pois se precisar voltar não chega tão desinformado. ”

²⁹ CARNEIRO, V. L.Q. A televisão e o vídeo na escola. In: <http://www.tvebrasil.com.br>

³⁰ idem

Jonathan, 16 anos, filho de brasileira com americano, comentou que entre os colegas americanos, ele lidera os assuntos sobre o Brasil e quando está com os amigos brasileiros trocam idéias sobre o que viram.

“Quando as torres gêmeas caíram vários brasileiros ajudaram nos resgates. Uma dessas bondosas almas salvou alguns americanos, mas não conseguiu escapar. Essas informações não foram apresentadas na TV americana. Eu soube pelos jornais brasileiros que temos em casa e pela TV Globo. Minha mãe e eu traduzimos essas informações e eu discuti em sala de aula com os professores e com meus colegas. Ensinei pra eles que nem todo estrangeiro é terrorista. Com meus amigos brasileiros a discussão foi diferente. Comentamos o que faz uma pessoa de outro país pensar nos outros antes de pensar nela mesmo. Apreendi muito sobre a bondade e a solidariedade do povo que compõe a metade de mim.”

Para Maria Cecília, já citada neste trabalho, a importância de se ter acesso à Globo revela-se nas discussões que acontecem em casa e nas ruas.

“Nós vivemos da informação do outro, da cabeça do outro, quero dizer, do que a outra pessoa entendeu do caso e nos passa. Quando a pessoa conta o episódio a gente só pergunta o que aconteceu, como foi e o final. Mas quando temos a oportunidade do contato com o mesmo fato podemos também falar o que pensamos e entendemos. Acho que por isso é bacana termos uma rede de TV. Mas também é legal conversar com a família, com os amigos, ler jornal, livros, pois cada um conta a história de uma maneira e se tivermos bem informados podemos tirar nossas próprias conclusões. É como ler um livro e ver o filme sobre o livro. Um nunca é igual ao outro porque depende do entendimento de cada indivíduo. O mais legal de tudo é usarmos as informações para conversamos com a família e os amigos.”

Mariana acredita que é importante ter contato com notícias sobre o Brasil para mostrar aos pais que a realidade é bem diferente do que eles acreditam. Com os amigos ela diz falar sobre diversos temas.

“Gosto de discutir com minha família o que passa na televisão para que vejam que as coisas não são como pensam, que o paraíso é aqui. Falo sobre o Brasil com meus amigos, aliás, com os amigos converso sobre tudo. Gostamos de trocar informações sobre namorados, escola, lugares legais para sair, fofquinhas de quem está ficando com quem, essas coisas da vida da gente.”

Yago, já citado anteriormente, acredita que aumentou o diálogo com os amigos sobre os temas relacionados ao Brasil.

“Acho que de maneira geral a gente fala mais sobre as coisas brasileiras. Antes a gente conversava sobre música, cinema, namorada, escola, coisas que acontecem aqui, mas sobre as coisas do nosso país falávamos pouco, às vezes quando a gente via alguma notícia no jornal americano a gente comentava, ou quando o pai contava algum caso legal, mas agora acho que é diferente. A gente troca mais informações porque vemos antes o que vamos conversar com os amigos. Já vamos preparados para o bate-papo e o legal é que fica uma coisa ágil e que todo mundo pode dar uma opinião.”

Hipótese do agenda setting

É impossível negar a influência dos meios de comunicação no cotidiano dos indivíduos, pois as informações veiculadas pela mídia funcionam como pauta das relações interpessoais. Conforme podemos observar nos relatos dos jovens entrevistados em Pompano Beach, o conteúdo proveniente da TV Globo transformase em assunto a ser discutido dentro e fora dos lares.

A corrente que estuda o quê e como os assuntos devem ser tratados pelo receptor chama-se *agenda setting*. *“É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá³¹.”*

A hierarquização dos temas segue a ordem apresentada pela mídia. Ou seja, as manchetes são mais comentadas em relação às notícias secundárias. Além disso, quanto mais tempo aparecerem na mídia maior será a discussão em torno de determinado assunto. Até que se esgotem ou deixem de ocupar local de destaque nos veículos de comunicação de massa.

³¹ BARROS F. Clóvis de. Ética na comunicação: da informação ao receptor. p 169

Os pioneiros nos estudos sobre o *agenda setting* foram os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw. Em 1972 em um artigo intitulado *The Agenda Setting Function of Mass Media* os autores apresentaram suas pesquisas com base nesta teoria.

Porém, 50 anos antes, Walter Lippmann sugeriu a existência *agenda setting* no artigo *Public Opinion*, no qual dava ênfase ao papel da imprensa como condutora de assuntos de interesse coletivo, sugerindo que a mídia teria capacidade de influenciar a opinião pública.

Para McCombs e Shaw, *"embora a imprensa, na maior parte das vezes, possa não ser bem sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é espantosamente eficaz ao dizer aos seus leitores sobre o que pensar"*³².

Os autores argumentam, ainda, que a mídia cria uma relação ambiental falsificada, fabricada para projetar os acontecimentos, influenciando, então a opinião pública. De acordo com seus estudos, os meios de comunicação buscam realçar ou negligenciar elementos específicos dos cenários noticiados, porém, as pessoas ao tomarem contato com esse cenário utilizam seus próprios repertórios para atribuir maior ou menor relevância ao conteúdo a que foram expostas.

Embora seja inegável a participação da mídia no cotidiano dos indivíduos, a imposição dos meios de comunicação são observados nas concentrações sociais, onde os temas propostos pela mídia tornam-se comuns. Na maior parte do tempo, entretanto, nas relações familiares e entre amigos, os assuntos giram em torno de temas da agenda pessoal.

Barros Filho escreveu que *"os temas das comunicações interpessoais são os mais variados. Cada indivíduo constrói seu temário em função de interesses que lhe são próprios. Portanto, diante dessa diversidade, esses temas quantificados macrossociologicamente terão incidência mínima [...] A imensa maioria de temas dispersos (são comuns) pertencem à agenda pessoal de cada um"*³³.

Vale compreender que os estudos do *agenda setting* significam apenas uma das correntes propostas nas análises das relações entre mídia e sociedade, sendo que os estudos de recepção propõem novas perspectivas e complementam as pesquisas feitas com base nesta teoria.

³² McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. In: TRAQUINA, Nelson. *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. p 49

³³ BARROS F. C. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. p 170

Considerações Finais

Polêmica e sedutora, a TV é contemporaneamente um eloqüente meio de socialização, lazer, entretenimento, publicidade, informação e conhecimento. É certo que através de seu conteúdo uma legião de vorazes consumidores – homens, mulheres, crianças, jovens, idosos - adquirem bens, produtos e idéias que jamais necessitariam ao longo de suas existências.

Sem ilusões, a televisão é criada em função do mercado, que patrocina cada segundo das imagens que o telespectador verá confortavelmente da sala de sua casa. E, quanto maior a capacidade do canal atrair a massa, despertar sonhos e suscitar desejos, maior será o volume capital investido em sua programação.

Seria, porém, desleal não reconhecer na TV - mesmo com todo seu repertório nefasto – sua capacidade de proporcionar aos telespectadores outros modos de ler e perceber a si mesmo e ao mundo. A TV, na condição de mediadora, provoca discussões e incentiva o diálogo. Basta nos perguntarmos quantos temas tabus vieram à tona, promovendo as interações coletivas depois que foram apresentados em telenovelas, minisséries e reportagens? Quantos escândalos políticos tornaram-se públicos depois que a mídia televisiva os transformou em pauta?

Também não podemos deixar de reconhecer que a cultura audiovisual eletrônica faz companhia a um batalhão de seres anônimos, ameniza dores, alivia opressões, substitui o tédio, proporcionando aos indivíduos solitários a sensação de pertencerem à mesma e universal coletividade.

Essa cultura audiovisual capaz de divulgar informação, lazer e consumo é responsável, ainda, em diminuir as distâncias físicas e geográficas entre os Estados Unidos e o Brasil. O diálogo ficção/realidade ultrapassa as fronteiras reais e virtuais, conforme observamos nos depoimentos dos entrevistados em Pompano Beach, onde se constatou que as imagens da TV, especificamente da Rede Globo, pautam parte dos assuntos a serem discutidos entre familiares dos dois países.

Porém, nota-se que o adulto residente em Pompano Beach utiliza paradoxalmente as imagens fornecidas pela Rede Globo. Em seus diálogos com parentes no Brasil elas servem para estreitar e 'adoçar' o relacionamento. Ao falarem sobre os mesmos tópicos baseados em imagens semelhantes, os emigrados sentem-se próximos de seus núcleos familiares. É uma tentativa desesperada de

não perder valores importantes deixados no momento da partida e garantir recepção adequada na volta.

As mesmas imagens trabalhadas com familiares e amigos residentes em Pompano Beach servem para enfatizar que ainda não é o momento do retorno. Ao tomar contato com notícias sobre desemprego, corrupção e violência, o emigrado lança mão de comentários desfavoráveis sobre o Brasil e justifica a necessidade da permanência em terra estrangeira.

As imagens provenientes da Rede Globo também recebem leitura diferenciada no universo infanto-juvenil. Inicialmente esse público cria expectativa quanto às imagens 'maravilhosas' que teriam acesso, mas rapidamente depara-se com uma realidade pouco interessante e completamente distante daquela que acreditavam. Em pouco tempo desmistificam, de certo modo, as histórias sobre o Brasil contadas por seus pais.

Acredita-se que para crianças e adolescentes seja mais fácil desmontar a idéia de um Brasil perfeito, pois afastados ainda pequenos de seu país, não se preocupam com suas origens, tendo incorporado costumes e hábitos norte-americanos'.

A Rede Globo funciona para o imigrante adulto como um legitimador de sua permanência em terras estrangeiras. Ela sugere a importância de sua estada no quintal do vizinho, mesmo quando o vizinho assume através de ações repressoras não querer mais 'estranhos' usufruindo os benefícios de seu quintal.

A atitude norte-americana é vista pelos brasileiros emigrados como uma afronta, pois por pelo menos duas décadas o país usurpou a mão-de-obra barata que esse contingente oferecia e oferece aos residentes locais.

Além disso, ao contrário de outras nações retratadas nos meios de comunicação de massa norte-americanos como povos agressivos, truculentos, preguiçosos, entre outros adjetivos pouco louváveis, o brasileiro goza da fama de ser pacato, organizado e trabalhador. A atitude do atual governo em perseguir e deportar os brasileiros é apenas mais uma incongruência de um mandato repleto de perseguições, atitudes autoritárias e desumanas.

Vale entender, no entanto, que nos processos migratórios uma evidência é inegável. As fronteiras são abertas apenas diante das necessidades dos países que buscam, em determinado momento, um tipo específico de mão-de-obra que ele próprio já não pode oferecer. Essa força de trabalho está, normalmente, ligada a

atividades pesadas e pouco valorizadas internamente, mas que aos olhos dos imigrantes são atrativas, pois as comparações financeiras são sempre com seus países de origem, portanto, o dinheiro ganha nova dimensão.

As fronteiras também se fecham com a mesma lógica que são abertas, ou seja, sempre que houver mais recursos humanos do que o necessário. Neste caso o discurso muda sem que governantes de países ricos se responsabilizem com o cotidiano de seus vizinhos pobres.

Apoiados na busca pelo barateamento da mão-de-obra e protegidos pelo apelo da globalização, as nações que mais recebem fluxos migratórios vendem a idéia de que apenas através do capital e do consumo é possível conquistar uma condição de vida plena.

Diante deste quadro, sistematicamente reforçado pela mídia, a fortuna deve ser conquistada a qualquer preço. Vale todo o sacrifício, desde clonar ou falsificar documentos até enfrentar o sol escaldante e os perigos para cruzar as fronteiras que separam o primo pobre do primo rico.

Quem consegue vencer tantas barreiras e enfrentar o inferno em busca da sonhada qualidade de vida, torna-se, pelo menos aos olhos de quem ficou para trás, herói. Quem caiu antes da linha de chegada é reconhecido, num primeiro momento, como “um sujeito sem sorte”. Depois o tempo trata de colocá-lo em seu devido lugar, transformando-o apenas em mais um caso na história.

Diante dessa condição, o indivíduo que habita os países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos sujeita-se a ser cidadão do mundo, mas apenas do mundo do trabalho árduo, sem acesso à saúde e com poucos direitos. O outro universo, da satisfação, lazer e prazer, continua tendo sua entrada restrita aos que exploram a condição de labuta dos membros do grupo menos abastado. Daí a idéia dos imigrantes de que a qualidade de vida está mesmo no país de origem, onde residem a família, os parentes e amigos, pois aparentemente há uma divisão/discriminação menos visível, além do afeto das pessoas próximas.

O sentido de acumular capital e se distanciar do lazer, da família, dos amigos gera uma grande sensação de esvaziamento aos brasileiros que estão no Sul da Flórida. E, como revelaram alguns dos entrevistados: “o pior é ver o tempo passar sem conseguir valorizar tudo que nos oferecem”. Ou seja, os benefícios da vida mundializada ou em rede só têm sentido para alguns, aos demais cabe encontrar a satisfação nas vivências e experiências que fizerem deles migrantes.

Bibliografia

- AMARAL, Hélio. Comunicação, pesquisa e documentação. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.
- ANDRADE, L. G. de. A política urbana no Brasil, o paradigma, a organização e a política, São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Papyrus, Coleção Travessia do Século, 1994.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BERGSON, Henry. Matéria e memória. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BEZERRA, Wagner. Manual do telespectador insatisfeito. São Paulo, Summus Editorial, 1999.
- BOLAFFI, Gabriel. O problema e o falso problema. In: A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial. São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.
- BORELLI, Silvia H. S.; PRIOLLI, Gabriel (Coords.). A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo, Summus, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1977.
- BRITTOS, Valério C.; BOLAÑO, César R. S. (Orgs.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia. São Paulo, Paulus, 2005.
- BUCCI, Eugênio (Org.). A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.
- CALVINO, Ítalo. As cidades e a memória. In: as cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991.
- _____. O que faz o Brasil, Brasil?. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- ERAUSQUIM, Alfonso M; MATILLA, Luis; VÁZQUEZ, Miguel. Os teledependentes. São Paulo, Summus Editorial, 1983.
- FEILITZEN, Cecília V. ; CARLSSON, Ulla. (Orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação, participação. Brasília, Cortez, 2002.
- FLEUR, Melvin L. de. Teorias de comunicação de massa. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968.
- FILHO, Clóvis, B. de. Ética na comunicação. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

FREIRE, Paulo ; BETTO, Frei. Essa escola chamada vida. São Paulo, Editora Ática, 1985.

GOMES, Pedro, G. ; COGO, Denise M. (Orgs). O adolescente e a televisão. Editora da Unisinos, Porto Alegre, 1998.

HABARA, Inês B. Y. São os japoneses realmente diferentes?: o que as máscaras culturais escondem. Rio de Janeiro, Grifo, 1996.

HARVEY, David. O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. In: Revista Espaço e Debates, junho/setembro, 1992.

_____. Condição pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1994.

JUNIOR, Luiz C. P.(Org.). A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano. São Paulo, Senac, 2002.

KAHLO, Frida. Estudos de Recepção: uma pedagogia para os meios. São Paulo, Moderna, 1998. (Revista do curso de Gestão de Processos Comunicacionais - USP)

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo, Edusc, 2001.

KRISTEVA, Julia. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

LASCH, Christopher. O mínimo eu. São Paulo, Brasiliense, 1987.

MACLEIMONT, Sergio R. Televisão e crianças- novas perspectivas de relação. In: Revista brasileira de ciências da comunicação. São Paulo – vol. XXV, nº 1, janeiro/junho, 2002.

MARCONDES, Ciro F. Para Entender Ideologia, São Paulo, Global, 1991

_____. Quem manipula quem: poder e massas nas indústria da cultura e da comunicação no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. Política e imaginário. São Paulo, Summus Editorial, 1985.

_____. Televisão a vida pelo vídeo. São Paulo, Moderna, 1988.

MATOS, Olgária. A melancolia de Ulisses. In: os sentidos da paixão. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

MASI, Domenico. A emoção e a regra. Rio de Janeiro, José Olympio/UNB, 1989.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald L. A função do agendamento dos media, 1972. In: TRAQUINA, Nelson. O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra, Minerva, 2000.

MEIHY, José C. S. B. Brasil Fora de si: experiências de brasileiros em Nova York. São Paulo, Parábola. 2004.

MELLO, José M. Para uma leitura crítica da comunicação. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

MORAES, Dênis de. O planeta mídia: tendências da comunicação na era global. Campo Grande, Letra Livre, 1998.

MORAIS, Fernando. Chato: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

NOVAES, Adauto. (Org.). Rede imaginária: televisão e democracia. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

PENTEADO, Heloisa D. A televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes. São Paulo, USP, 1983.

QUEIROZ, Maria I. P. de. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo, CERU e FFLCH, 1993.

RAMONET, Ignacio. A tirania da comunicação. Petrópolis, Vozes, 1999.

_____. Propagandas silenciosas: massas, televisão, cinema. Petrópolis, Vozes, 2002.

RAGO, Margarete. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

RAMOS, Silvana P. Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido. São Paulo, Aleph, 2003.

REICH, Robert B. O futuro do sucesso: o equilíbrio entre trabalho e qualidade de vida. São Paulo, Manole, 2002.

RIBEIRO, Luiz C. Q. de ; AZEVEDO, Sérgio. (Org.). A crise da moradia nas grandes cidades. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

RODRIGUES, Marly. A década de 80 – Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo, Editora Ática, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. O poder do macho. São Paulo, Moderna, 1997.

SAMPAIO, Inês S. V. Televisão, publicidade e infância. São Paulo, Annablume, 2000.

SANTOS, Helio. A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso. São Paulo, Senac, 2001.

SANTOS, Regina B. Migração no Brasil. São Paulo. Scipione, 1997.

SARTORI, Giovanni. Homo Videns: Televisão e pós-pensamento. Lisboa, Terramar, 2000.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. São Paulo, Record, 1999.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Cortez, 2002.

SIMÕES, Inimá. A nossa TV brasileira: por um controle social da televisão. São Paulo, Senac, 2004.

SILVA, Carlos E. L. da. Muito além do jardim botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo, Summus Editorial, 1985.

SPINK, Mary Jane (org). A Cidadania em Construção, São Paulo, Cortez, 1994

SQUIRRA, Sebastião. O século dourado: a comunicação eletrônica nos EUA. São Paulo, Summus Editorial, 1995.

VIGOTSKI, Lev S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

Anexos:

Anexo I - Localização de Pompano Beach

Anexo II - Imagens do comércio de Pompano Beach

Anexo III - Momentos de lazer

Anexo IV - Minuteman project

Anexo V - Questionário



No alto, comemoro com a família de Gabriel seu segundo aniversário. A festa é em estilo americano, com salgadinhos de pacote. Acima, em momento de lazer, amigos degustam churrasco num domingo. O evento foi filmado e a fita enviada ao Brasil



No alto, jovens participam do *Concurso Miss Brasil-USA 1998*. Realizado em Miami, recebe convidados *VIPs* da comunidade e do Brasil. Acima, com a televisão na varanda, brasileiros comemoram gol da seleção na Copa do Mundo no mesmo ano



No alto à esquerda, Paulo Gualano com mulatas brasileiras em noite de show de samba. À direita, Miss Brasil-USA 1998, vestida como Carmem Miranda, recebe convidados para festa de Carnaval. Acima, jardim de casa norte-americana enfeitada para comemoração do Dia das Bruxas

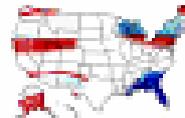


Your Headquarters for US Internal and Border Civil Defense

Select One

[Minuteman Project](#)

Internal Vigilance Operations

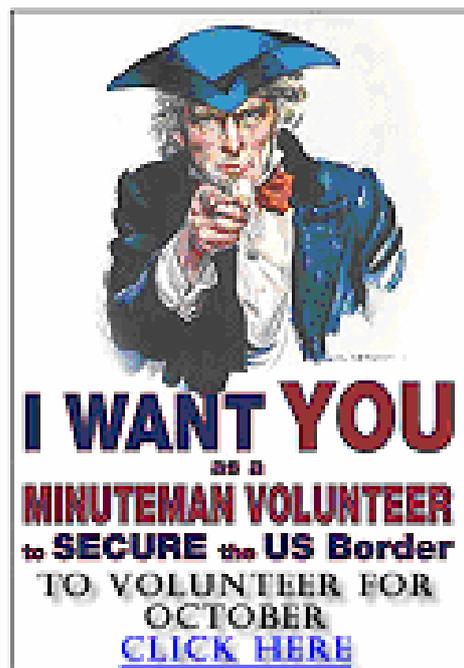


State and Federal Immigration Legislation
[Select to see the dates in your State](#)

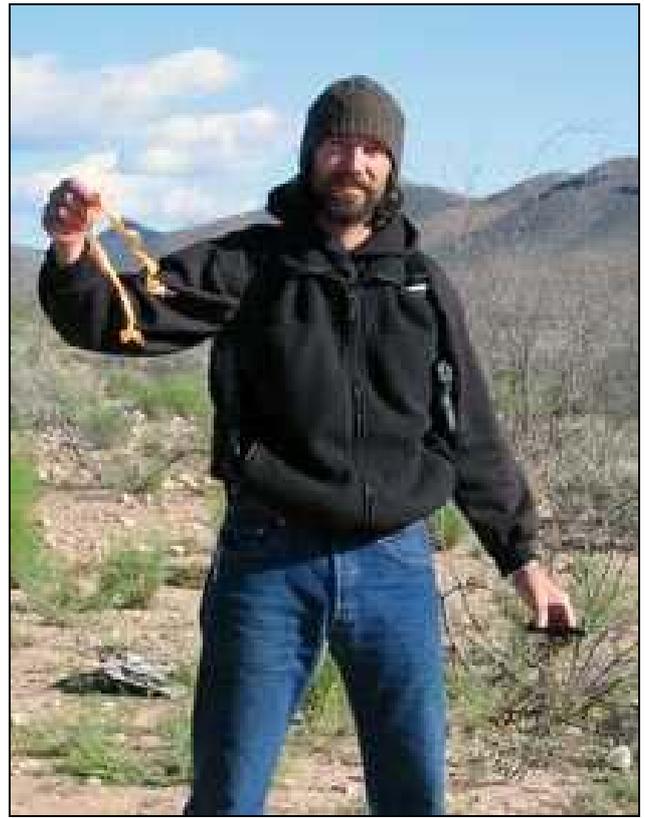
Sponsored by:
Deafening Alliances
and MinutemanHQ

[Minuteman Civil Defense Corps](#)

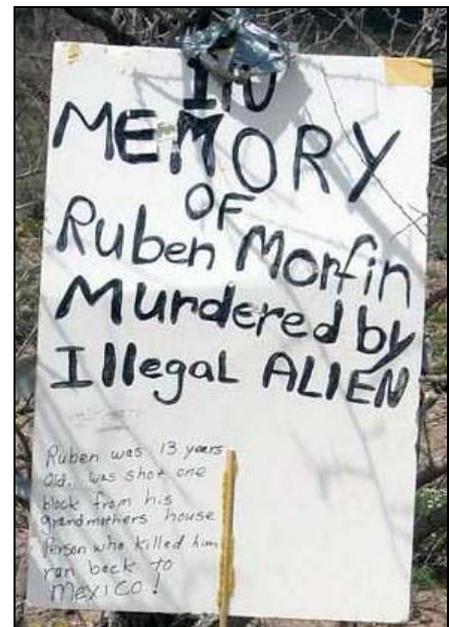
US Civil Border Operations



Página de abertura do site paramilitar *Minuteman Project*, grupo antiimigrante que caça clandestinos nas fronteiras entre Estados Unidos e México. Em abril de 2005, cerca de dois mil 'soldados voluntários' acamparam nas montanhas, onde receberam treinamento durante um mês. A telenovela *América*, exibida pela Rede Globo, fez referência ao grupo numa cena em que a milícia enfrenta à bala pessoas que tentavam atravessar a fronteira pelo rio Grande. Na ficção, um brasileiro morreu.



No alto à esquerda, paramilitar do Minuteman faz patrulha com cão, à direita, outro mostra pedaço de plástico deixado pelos 'coiotes' para marcar caminho de volta. Acima, binóculo de última geração utilizado para vigiar entrada de 'ilegais'



No alto, caminhão equipado para dar suporte aos paramilitares que estão perseguindo imigrantes. Além deste equipamento, grupo dispõe de aeronaves, celulares, motos, carros e revólveres. Acima à esquerda, protesto dos americanos para que o governo vigie melhor a fronteira e à direita cartaz em homenagem a Ruben, 13 anos, provavelmente assassinado por 'coiotes' quando voltava da casa da avó

Lista de Figuras

Figura 1	População Residente na Flórida de 1860 até 2000	10
Figura 2	Faixa etária dos emigrados brasileiros em Pompano Beach	19
Figura 3	Estado civil dos brasileiros em Pompano Beach	21
Figura 4	Escolaridade	24
Figura 5	Tempo de residência nos EUA	25
Figura 6	Setor onde atuava no Brasil	26
Figura 7	Setor onde atua nos EUA	26
Figura 8	Região de procedência no Brasil	27
Figura 9	Moradia nos EUA	28
Figura 10	Nacionalidade dos amigos	29
Figura 11	Tempo gasto assistindo TV – em horas	94
Figura 12	Tempo gasto assistindo TV – número de dias da semana	95



Supermercado - As prateleiras são repletas de artigos *Made in Brazil*, entre eles panela-de-barro, polvilho, biscoito e produtos de higiene. Destaque para o corte da carne, que segue o padrão brasileiro diferente do corte americano



Imobiliária – comercializa imóveis em diversas regiões brasileiras e também nos Estados Unidos. Outro foco do negócio é o transporte de mudanças para o exterior



Agência de viagem - além dos pacotes e passagens convencionais, vende cartões telefônicos e envia dinheiro dos clientes para o Brasil e outros países. Cobra cerca de U\$\$ 10 por remessa



Refeição – Copacabana é um dos mais tradicionais restaurantes brasileiros da região. A carta de bebidas oferece diversas marcas de cachaça



Restaurante – o local é uma mistura de boteco, restaurante e mercado. Comercializa, no mesmo espaço, refeições, cartões telefônicos, produtos de beleza e peças íntimas. Para os trabalhadores da construção civil o local serve o melhor pastel da região



Livraria – especializada em artigos religiosos, a livraria comercializa produtos para brasileiros, hispânicos e americanos



Apoio Legal – o Grant Kaplan é um dos mais renomados escritórios de advocacia especializado em imigração



Moda – Vende roupas importadas do Brasil. O biquíni é o artigo mais procurado pelas brasileiras e americanas



Armarinho – a loja oferece diversos tipos de produtos, como perfumes, jornais, revistas e livros. Na parte de vídeo locadora, as fitas mais procuradas são as de telenovelas e de programas de entretenimento. A locação custa, em média, 4 dólares



Casa de show – o local é bastante simples, porém famoso entre brasileiros e americanos devido às performances apresentadas por dançarinas em trajes carnavalescos ou de biquíni



Veículos - A venda para brasileiros é facilitada por não ser tão rígida, dispensando entre outros documentos a comprovação formal de renda



Shopping - Empresários brasileiros e americanos dividem espaço nesta área, que ocupa cerca de meia quadra. A propaganda na fachada simboliza a harmonia comercial entre os dois países



Padaria – Bem ao estilo brasileiro, oferece pão francês, coxinha, empada, esfiha e pão-de-queijo. Aos domingos, uma legião de solteiros se encontram lá para o café da manhã



Gráfica – O idioma facilita o contato com clientes brasileiros



Beleza – além dos tradicionais cortes, penteados e químicas, o salão oferece uma série de serviços, como depilação, chamada de Brazilian Wax Bikinis, que faz sucesso nos Estados Unidos depois que as brasileiras do salão J. Sisters divulgaram o método em Nova Iorque

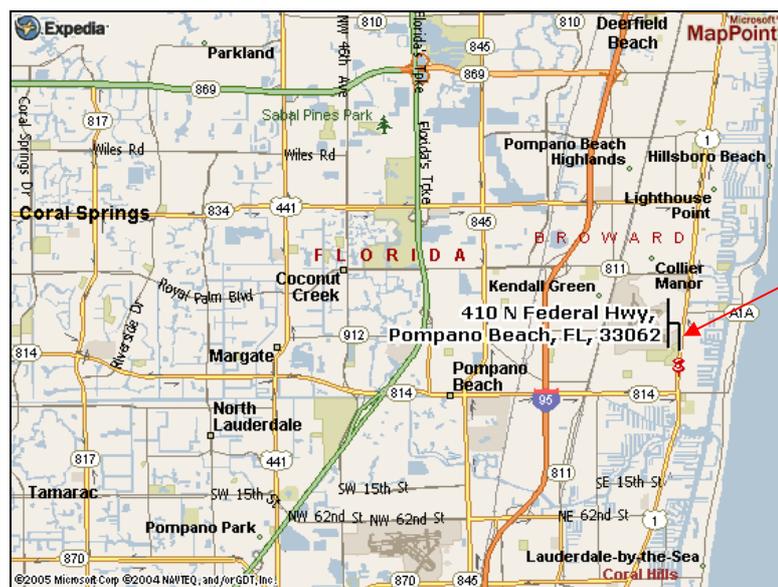


Transferências – Envia remessas de dinheiro ao Brasil e outros países. Dependendo do montante, a empresa oferece como brinde um cartão telefônico para que o cliente avise a família sobre a disponibilidade do recurso



Restaurante - Tradicional restaurante em Pompano Beach, o local é simples e serve refeição a preços convidativos, por isso suas mesas são sempre concorridas

Localização de Pompano Beach



No alto, localização da Flórida nos Estados Unidos (mapa menor). A seta indica Pompano Beach no mapa. Acima, imagem da cidade e arredores. No detalhe, Federal Hwy, principal via de ligação entre bairros e municípios